

PONTO DE ENCONTRO DE CULTURAS E RELIGIÕES

ESPAÇO PÚBLICO DE TODOS
E PARA TODOS
NO BAIRRO DA MAFALALA,
MAPUTO



CAROLINA MARQUES MAIA E MOURA
Licenciada

PROJETO FINAL DE MESTRADO
Para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Professora Doutora Joana Raquel de Sousa Bastos Malheiro Carrola Gomes

JÚRI
Presidente: Professor Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite
Vogal: Professor Doutor José Jorge Boueri Filho

FAUL
12 de dezembro de 2019

PONTO DE ENCONTRO DE CULTURAS E RELIGIÕES

ESPAÇO PÚBLICO DE TODOS
E PARA TODOS
NO BAIRRO DA MAFALALA,
MAPUTO

CAROLINA MARQUES MAIA E MOURA
Licenciada

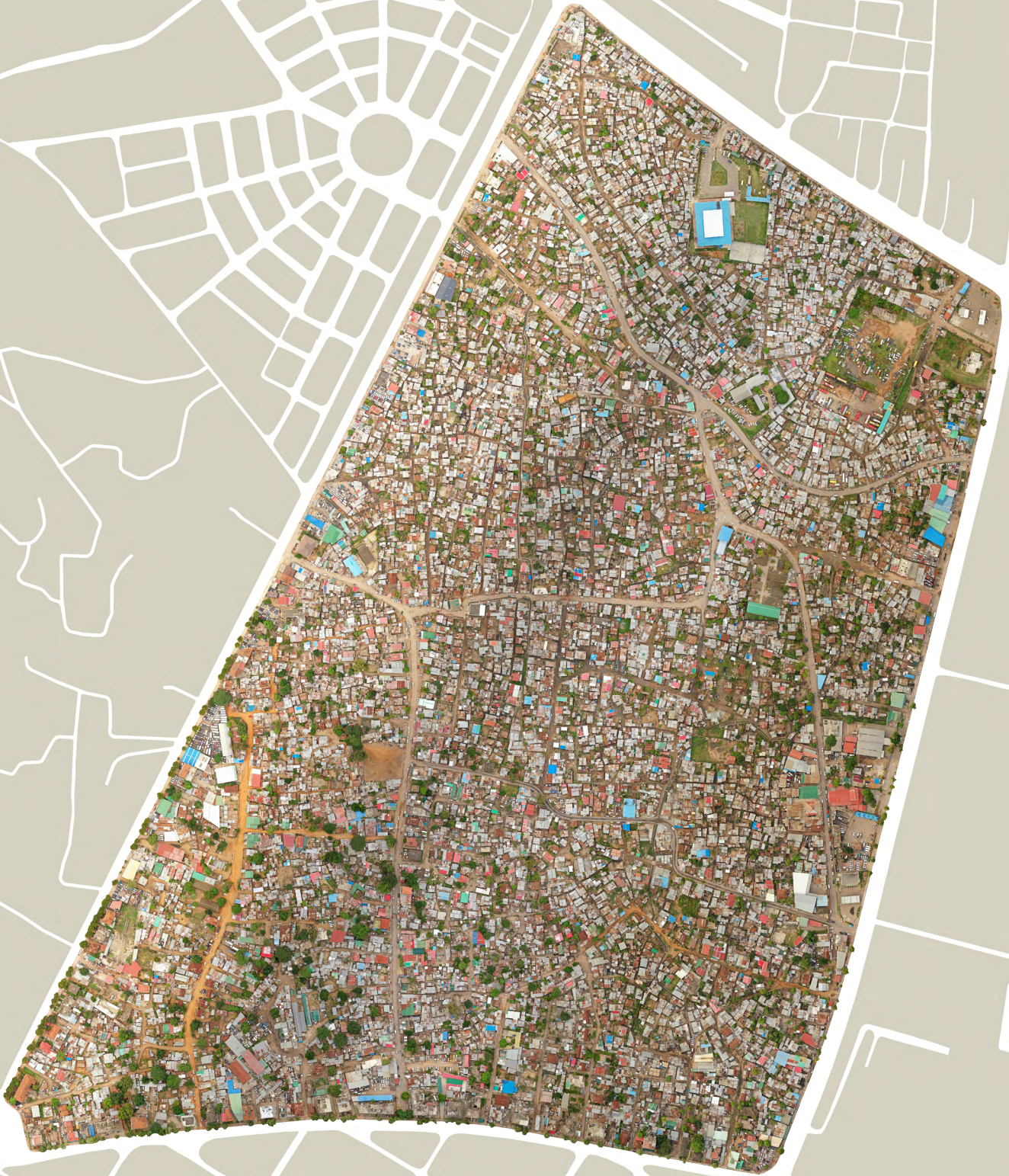
PROJETO FINAL DE MESTRADO
Para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
Professora Doutora Joana Raquel de Sousa Bastos Malheiro Carrola Gomes

JÚRI
Presidente: Professor Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite
Vogal: Professor Doutor José Jorge Boueri Filho

FAUL
12 de dezembro de 2019





Título | Ponto de Encontro de Culturas e Religiões

Subtítulo | Projeto de um Espaço Público de Todos e para Todos no Bairro da Mafalala, Maputo

Discente | Carolina Marques Maia e Moura

Orientador | Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

RESUMO

A Cidade de Maputo, capital de Moçambique, registou diversas fases de expansão, do litoral para o interior, e com ela, cresceram também os bairros periféricos. Abaixo da circunvalação ficou a cidade de cimento projetada e consolidada. Para cima ficaram os bairros periurbanos, que ao contrário da cidade de cimento, registam até hoje um crescimento acelerado e informal.

O Bairro da Mafalala situa-se junto à circunvalação, na zona norte da cidade, e neste trabalho, propõe-se a sua requalificação. Para além da reestruturação viária, que facilita a circulação no bairro e o acesso aos talhões, realça-se também a importância do espaço público. Numa cidade marcada pela diversidade de culturas, a Mafalala apresenta-se como uma síntese dessa pluralidade, sendo essencial para os habitantes, o espaço de encontro e convívio.

Para além da proposta de requalificação do bairro, apresenta-se o projecto de um espaço público social e inter-religioso com base no estudo das religiões predominantes no bairro: Cristianismo Católico e Evangélico e Islamismo. Este projecto é composto por um espaço público, um centro social e quatro espaços sagrados, cada um correspondente a uma religião. O seu principal objetivo é tornar-se num espaço de encontro inter-religioso e fazer corresponder o apoio social à fé dos habitantes do bairro.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura da cidade | Arquitetura tropical | Cidade formal/informal |
Arquitetura religiosa | Centro social

Title | Meeting Point of Cultures and Religions

Subtitle | Project of a Public Space of All and for All in Bairro da Mafalala, Maputo

Student | Carolina Marques Maia e Moura

Main Advisor | Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

ABSTRACT

The City of Maputo, the capital of Mozambique, has experienced several stages of expansion, from the coast to the interior, and with it, the peripheral neighborhoods have also grown. Down the ring road the city of cement was designed and consolidated. Above that were the periurban neighborhoods which, unlike the city of cement, have recorded an accelerated and informal growth until today.

The Mafalala neighborhood is located near the ring road, in the north of the city, and in this work, it is proposed to be re-qualified. In addition to the road restructuring, which facilitates movement in the neighborhood and access to the plots, the importance of the public space is also highlighted. In a city marked by the diversity of cultures, the Mafalala presents itself as a synthesis of this plurality, being essential for the population, the space of meeting and socializing.

In addition to the proposed reclassification of the neighborhood, the project of a social and interreligious public space was carried out based on the study of the prevailing religions in the neighborhood: Catholic and Evangelical Christianity and Islam. This project consists of a public space, a social center and four sacred spaces, each corresponding to a religion. Its main objective is to promote the interreligious meeting and to match the social support to the faith of the population of the neighborhood.

KEYWORDS

City architecture | Tropical architecture | Formal/informal city | Religious architecture | Social Centre

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Professora Joana Malheiro pela disponibilidade, amizade, paciência e motivação em todo o processo.

Ao Professor João Sousa Morais por toda a sabedoria partilhada.

Aos professores, arquitetos, habitantes e voluntários pelas conversas e entrevistas concedidas em Maputo e em Lisboa, por terem contribuído com os seus conhecimentos para o enriquecimento deste trabalho.

Ao Tio Pedro que me acolheu na sua casa, em Maputo.

Ao Matias, o melhor guia e "txopelista" da cidade.

Aos meus colegas de curso, pela amizade e apoio ao longo destes anos. Em especial, à Inês Paiva, à Mariana Santos, à Joana Marques, à Rita Malta e à Leonor Pinheiro-Torres.

Ao Avô Manuel e à Madrinha Ana que me viram ingressar neste curso mas que agora assistem ao final a partir de outra bancada.

Às minhas avós, tios, primos, amigos e agrupamento, por todo o apoio e compreensão nas ausências.

Aos meus irmãos, João e Vasco, pela paciência e o incentivo.

Aos meus Pais, Rita e Ricardo, por toda a ajuda, amor, dedicação e apoio incondicional. Pela vida feliz e por todas as oportunidades que me proporcionam.

A todos, o mais sincero obrigada!

ÍNDICE

RESUMO	IX
ABSTRACT	XI
AGRADECIMENTOS	XIII
ÍNDICE	XV
ÍNDICE DE FIGURAS	XVII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. A CIDADE MAPUTO	5
1.1. Evolução histórica e pré-urbana	7
1.2. Evolução histórica e urbana	11
1.3. Geografia física e humana	29
CAPÍTULO 2. O BAIRRO MAFALALA	35
2.1. Contexto histórico	37
2.2. Análise morfológica e arquitetónica	53
2.3. Bairro multicultural	59
CAPÍTULO 3. O CONTEXTO A RELIGIÃO	63
3.1. Um bairro, diversas religiões	65
3.2. O espaço sagrado	75
3.3. O espaço comunitário e social	81
CAPÍTULO 4. O PROJETO REABILITAR O BAIRRO	83
4.1. Intervenção urbana	85
4.2. Casos de Estudo	97
4.3. Conceito	103
4.4. Programa	109
CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
BIBLIOGRAFIA	135
ANEXOS	143

ÍNDICE DE FIGURAS

[01] Mapa de assentamentos de grupos étnicos no território moçambicano [Mozambique. (1962). <i>Atlas de Moçambique</i> . Lourenço Marques, Empresa Moderna]	7 CAPÍTULO 1
[02] Planisfério de Cantino, 1502 [Publicado em www.mapas-historicos.com/cantino.htm]	8
[03] Vista de Lourenço Marques - <i>a cidade vista do começo da Maxaquene, por alturas da actual escola Correia da Silva, vendo-se o hospital provisório ...e a igreja em construção</i> [LOBATO, Alexandre. (1967). Lourenço Marques, Xilunguine. Lisboa]	12
[04] Primeira representação de Lourenço Marques, 1876 [Publicado em www.delagoabayworld.files.wordpress.com]	13
[05] Ilustração da estrada de Lidembrugo [JESSET, Montague George. (1890). <i>The Key To South Africa: Delagoa Bay</i> . Toronto]	13
[06] Colunas da entrada principal na Cidade de Lourenço Marques [www.delagoabayworld.wordpress.com]	13
[07] Fortaleza Nossa Senhora da Conceição no final da década de 50 [Publicado em www.housesofmaputo.blogspot.com]	14
[08] Casa da Moeda ou Casa Amarela [Publicado em www.housesofmaputo.blogspot.com]	14
[09] Edifício das Obras Públicas (à esquerda) nos primeiros anos do séc. XX [Publicado em www.housesofmaputo.blogspot.com]	15
[10] Plano Araújo (Esquema da autora)	15
[11] Casa de Ferro (Fotografia da autora)	15
[12] Vila Joia [Publicado em www.housesofmaputo.blogspot.com]	15
[13] Vista de Lourenço Marques, 1895 [Publicado em www.housesofmaputo.blogspot.com]	17
[14] Cartografia de 1916 trabalhada por Luís Lage [MALHEIRO, Joana Bastos. (2018). <i>A cidade no estado novo - O desenho urbano na obra de João António de Aguiar</i> . Lisboa, Tese de Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa]	17
[15] Hotel Clube, 1929 [Publicado em www.housesofmaputo.blogspot.com]	17
[16] Mercado Central [Publicado em www.housesofmaputo.blogspot.com]	18

[17] Museu de História Natural [Fotografia da autora]	18
[18] Estação dos caminhos-de-ferro, 1930 [Publicado em www.bigslam.pt]	18
[19] Hotel Polana, 1930 [www.delagoabayworld.wordpress.com]	18
[20] Bairro de Xipamanine (1) e Ponta Vermelha (2) assinalados numa planta da cidade em 1940 [Esquema da autora]	18
[21] Cartografia do aterro de Maxaquene [MALHEIRO, Joana Bastos. (2018). <i>A cidade no estado novo - O desenho urbano na obra de João António de Aguiar</i> . Lisboa, Tese de Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa]	19
[22] A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a primeira Sé de Lourenço Marques [www.delagoabayworld.wordpress.com]	19
[23] Cartografia da cidade, 1940 [MALHEIRO, Joana Bastos. (2018). <i>A cidade no estado novo - O desenho urbano na obra de João António de Aguiar</i> . Lisboa, Tese de Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa]	19
[24] Planta de Apresentação do Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques [MALHEIRO, Joana Bastos. (2018). <i>A cidade no estado novo - O desenho urbano na obra de João António de Aguiar</i> . Lisboa, Tese de Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa]	21
[25] Planta de Comunicações [MALHEIRO, Joana Bastos. (2018). <i>A cidade no estado novo - O desenho urbano na obra de João António de Aguiar</i> . Lisboa, Tese de Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa]	22
[26] City Beautiful [Publicado em www.oxfordre.com]	22
[27] Esquema íman Cidade - Jardim de Ebenezer Howard [Publicado em www.oxfordre.com]	22
[28] Esquema da Cidade - Jardim de Ebenezer Howard [Publicado em www.flickr.com]	22
[29] Planta de ocupação do solo pertencente ao Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques, 1952 [Publicado em: PGULM/volume 2/pág. 174, 1952]	23
[30] Planta do Centro Cívico pertencente ao Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques, 1952 [MALHEIRO, Joana Bastos. (2018). <i>A cidade no estado novo - O desenho urbano na obra de João António de Aguiar</i> . Lisboa, Tese de Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa]	24
[31] Planta do Centro Cívico, 1955 [MALHEIRO, Joana Bastos. (2018). <i>A cidade no estado novo - O desenho urbano na obra de João António de Aguiar</i> . Lisboa, Tese de Doutoramento pela	24

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa]

[32] Plano da Unidade Residencial Indígena pertencente ao PGULM, 1952 [Publicado em: PGULM/volume 2/pág.115]	25
[33] Estudo de tráfego e acessos a Lourenço Marques pertencente ao PDULM, 1969 [Publicado em: PDULM/volume X/pág.51]	26
[34] Imagem do Partido FRELIMO [Publicado em https://3.bp.blogspot.com]	26
[35] Eduardo Mondlane [Publicado em www.frelimo.org.mz]	27
[36] Samora Machel [Publicado em www.frelimo.org.mz]	27
[37] Joaquim Chissano [Publicado em www.frelimo.org.mz]	27
[38] Maputenses a jogar às damas [Fotografia da autora]	29
[39] Cidade de Maputo vista de Catembe [Fotografia da autora]	31
[40] Lourenço Marques 1876 [Esquema da autora]	32
[41] Lourenço Marques 1887 [Esquema da autora]	32
[42] Lourenço Marques 1900 [Esquema de autor]	33
[43] Lourenço Marques 1940 [Esquema da autora]	33
[44] Lourenço Marques 1955-75 [Esquema da autora]	34
[45] Maputo hoje [Esquema da autora]	34
[46] Localização do Bairro da Mafalala [Google Earth]	37 CAPÍTULO 2
[47] Casa de madeira e zinco [Fotografia da autora]	38
[48] Planta da cidade com os arcos de circunferência, 1940 [Publicado em "Mafalala: memórias e espaços de um lugar", 2016, p.119]	39
[49] Avenida Marien Ngouabi [Fotografia da autora]	39
[50] Identificação das principais vias [Esquema da autora]	41

[51] Localização de edificado de exceção [Esquema da autora]	43
[52] Malha urbana [Esquema da autora]	45
[53] Principais vias e entradas [Esquema da autora]	47
[54] Edificado [Esquema da autora]	49
[55] Vegetação [Esquema da autora]	51
[56] Crianças mafalalenses [Fotografia da autora]	53
[57] Rua da Guiné [Fotografia da autora]	53
[58] Campinho [Fotografia da autora]	53
[59] Mini mercearia [Fotografia da autora]	53
[60] Comércio informal [Fotografia da autora]	53
[61] Vala a céu aberto [Fotografia da autora]	54
[62] Casa do bairro [Fotografia da autora]	54
[63] Casa do bairro [Fotografia da autora]	54
[64] Casa do bairro [Fotografia da autora]	54
[65] Cores e padrões [Fotografia da autora]	54
[66] Cores e padrões [Fotografia da autora]	54
[67] Dançarinas de marrabenta, 1950 [Publicado em "Mafalala: memórias e espaços de um lugar", 2016, p.77]	55
[68] Mural pintado no interior da Escola pela Associação Iverca [Fotografia da autora]	55
[69] Crianças no recreio da escola [Fotografia da autora]	55
[70] Mesquita Baraza [Fotografia da autora]	55

[71] Parcela escolhida para o estudo	57	
[MOTTELSON, Johan; CHILAULE, Remígio. (2018). <i>Futuros da Mafalala</i> . Maputo, Edição de autor]		
[72] Cenário 1: crescimento não-regulado	57	
[MOTTELSON, Johan; CHILAULE, Remígio. (2018). <i>Futuros da Mafalala</i> . Maputo, Edição de autor]		
[73] Cenário 2: intervenção radical	57	
[MOTTELSON, Johan; CHILAULE, Remígio. (2018). <i>Futuros da Mafalala</i> . Maputo, Edição de autor]		
[74] Cenário 3: requalificação consciente no contexto	57	
[MOTTELSON, Johan; CHILAULE, Remígio. (2018). <i>Futuros da Mafalala</i> . Maputo, Edição de autor]		
[75] Noémia de Sousa, em baixo ao centro, com a sua família	59	
[Publicado em "Mafalala: memórias e espaços de um lugar", 2016, p.77]		
[76] José Craveirinha com Noémia de Sousa	60	
[Publicado em http://omenelicksegundoato.blogspot.com]		
[77] Mulheres cantam e dançam na saída da noiva num casamento no bairro	60	
[Fotografia de Ricardo Coelho]		
[78] Mural pintado com Tufo da Mafalala	60	
[Fotografia de Ricardo Coelho]		
[79] Museu da Mafalala ainda em construção	61	
[Fotografia da autora]		
[80] Museu da Mafalala ainda em construção	61	
[Fotografia da autora]		
[81] Museu da Mafalala ainda em construção	61	
[Fotografia da autora]		
[82] Quadro da distribuição percentual da população por religião segundo os distritos de Maputo, 2007	66	CAPÍTULO 3
[Publicado em www.ine.gov.mz]		
[83] Basílica de S.Pedro, Roma	68	
[Publicado em www.ncultura.pt]		
[84] Eucaristia	68	
[Publicado em arquiocesedeteresina.org.br]		
[85] Meca	70	
[Publicado em www.visao.sapo.pt]		
[86] Ritual de Ablução	72	
[Publicado em www.arresala.org.br]		
[87] Símbolo do Islamismo	73	
[Publicado em www.depositphotos.com]		
[88] Mão de Fátima	73	
[Publicado em www.behance.net]		

	[89] Subha [Publicado em www.amazon.co.uk]	73
	[90] Igreja Paroquial da Parede, Cascais [Publicado em www.facebook.com/Paróquia-da-Parede]	76
	[91] Esquema da planta da Igreja Paroquial da Parede, Cascais [Esquema da autora]	76
	[92] Campanário da Igreja de S.Pedro, Óbidos [Publicado em www.voyagevirtuel.com/]	76
	[93] Igreja Froeyland Orstad, Noruega [Publicado em www.archdaily.com]	78
	[94] Esquema da planta da Comunidade Evangélica da Região do Alto Tietê, em São Paulo [Publicado em www.pinterest.pt]	78
	[95] Batismo Católico [Publicado em www.4.bp.blogspot.com]	78
	[96] Batismo Evangélico [Publicado em www.iadceres.com.br]	78
	[97] Exterior da Mesquita Central de Lisboa [Publicado em www.iadceres.com.br]	79
	[98] Planta do piso térreo da Mesquita Central de Lisboa [ATAÍDE, Madalena. (2018). <i>O edifício islâmico fora do seu contexto</i> . Coimbra, Dissertação de Mestrado pela FCTUC]	79
	[99] Sala de oração dos homens na Mesquita Central de Lisboa [Fotografia da autora]	80
	[100] Sala de oração das mulheres na Mesquita Central de Lisboa [Fotografia da autora]	80
CAPÍTULO 4	[101] Valas a céu aberto [Fotografia da autora]	86
	[102] Valas a céu aberto [Fotografia da autora]	86
	[103] Valas a céu aberto [Fotografia da autora]	86
	[104] Valas a céu aberto [Fotografia da autora]	86
	[105] Planta das vias e edificado existentes [Esquema da autora]	89
	[106] Planta das vias e edificado existentes [Esquema da autora]	91
	[107] Planta das vias e edificado existentes [Esquema da autora]	93

[108] Fotografia da maquete da intervenção urbana à escala 1:3000 [Fotografia da autora]	95
[109] Fotografia da maquete da intervenção urbana à escala 1:3000 [Fotografia da autora]	95
[110] Planta de coberturas da fábrica e do jardim de infância [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	97
[111] Vista aérea [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	97
[112] Planta do piso térreo [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	97
[113] Vista do exterior [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	97
[114] Vista da cobertura [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	97
[115] Pátio interior [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	98
[116] Corte longitudinal [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	98
[117] Vista do exterior [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	98
[118] Planta de coberturas [Publicado em www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architect]	98
[119] Vista aérea do complexo [Publicado em www.ciglermarani.cz/node/73]	99
[120] Elemento de jardim no interior [Publicado em maraniarchitects.com/]	99
[121] Jardim exterior [Publicado em www.ciglermarani.cz/node/73]	99
[122] Jardim exterior [Publicado em www.ciglermarani.cz/node/73]	99
[123] Jardim exterior [Publicado em www.ciglermarani.cz/node/73]	99

[124] Imagem ilustrativa [Publicado em architectural-review.com]	100
[125] Ilustração das ruínas [Publicado em www.house-of-one.org/de]	100
[126] Maquete ilustrativa [Publicado em www.kuehnmalvezzi.com]	100
[127] Planta esquemática dos espaços de culto [Publicado em www.kuehnmalvezzi.com]	100
[128] Corte ilustrativo [Publicado em www.kuehnmalvezzi.com]	100
[129] Fachada principal [Fotografia da autora]	101
[130] Vista tardoz [Publicado em www.archilovers.com/projects/102692/gallery?774720]	101
[131] Interior da igreja - ao centro a sala comum, ao fundo a igreja católica [Publicado em www.baunetzwissen.de/beton/objekte/sakralbauten/kirche-maria-magdalena-in-freiburg-69808]	101
[132] Luz zenital [Publicado em www.baunetzwissen.de/beton/objekte/sakralbauten/kirche-maria-magdalena-in-freiburg-69808]	101
[133] Planta do piso térreo - 3 salas fechadas [Publicado em www.archilovers.com/projects/102692/gallery?774692]	101
[134] Planta do piso térreo - 1 sala ecuménica [Publicado em www.archilovers.com/projects/102692/gallery?774690]	101
[135] Igreja Evangélica [Fotografia da autora]	101
[136] Entrada principal [Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	102
[137] Entrada principal [Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	102
[138] Alçado principal [Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	102
[139] Interior da Sala de Oração [Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	102
[140] Interior da Sala de Oração [Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	102

[141] Interior da Sala de Oração	102
[Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	
[142] Planta do piso térreo	102
[Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	
[143] Corte C	102
[Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	
[144] Corte E	102
[Publicado em www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]	
[145] Localização do terreno de implantação	104
[Esquema da autora]	
[146] Construção em pau a pique	104
[Fotografia da autora]	
[147] Construção em pau a pique	104
[Fotografia da autora]	
[148] Fachada com elementos em madeira tosca	104
[Fotografia da autora]	
[149] Perspetiva geral da proposta	104
[Desenho da autora]	
[150] Vista aérea da área de intervenção	106
[Esquema da autora]	
[151] Fotografia da área de intervenção - vista A	106
[Fotografia da autora]	
[152] Fotografia da área de intervenção - vista B	106
[Fotografia da autora]	
[153] Fotografia da área de intervenção - vista C	106
[Fotografia da autora]	
[154] Fotografia da área de intervenção - vista D	106
[Fotografia da autora]	
[155] Fotografia da área de intervenção - vista E	106
[Fotografia da autora]	
[156] Fotografia da área de intervenção - vista F	106
[Fotografia da autora]	
[157] Fotografia da área de intervenção - vista G	106
[Fotografia da autora]	
[158] Axonometria explicativa do programa	107
[Esquema da autora]	
[159] Zona de estar e exposição	109
[Desenho da autora]	

[160] Zona de descanso [Desenho da autora]	109
[161] Zona de encontro [Desenho da autora]	109
[162] Zona de descanso e refeições [Desenho da autora]	109
[163] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 [Fotografia da autora]	109
[164] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 [Fotografia da autora]	110
[165] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 [Fotografia da autora]	110
[166] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 [Fotografia da autora]	111
[167] Planta de coberturas [Desenho da autora]	113
[168] Imagem ilustrativa - vista do pátio cristão [Imagem da autora]	115
[169] Imagem ilustrativa - vista do centro social [Imagem da autora]	116
[170] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 - vista para as mesquitas [Fotografia da autora]	117
[171] Perspetiva geral do interior da mesquita masculina [Desenho da autora]	118
[172] Perspetiva geral do interior da mesquita feminina [Desenho da autora]	118
[173] Perspetiva geral do interior da igreja evangélica [Desenho da autora]	119
[174] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 - vista para o interior da igreja evangélica [Fotografia da autora]	119
[175] Perspetiva geral do interior da igreja católica [Desenho da autora]	120
[176] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 - vista para o interior da igreja católica [Fotografia da autora]	121
[177] Imagem ilustrativa - vista para a entrada, escritórios e lojas [Imagem da autora]	122

[178] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 - vista para a entrada e espalanada [Fotografia da autora]	123
[179] Imagem ilustrativa - vista do exterior do equipamento [Imagem da autora]	123
[180] Planta do piso térreo [Desenho da autora]	125
[181] Alçado Sul [Desenho da autora]	127
[182] Corte A [Desenho da autora]	127
[183] Corte B [Desenho da autora]	127

INTRODUÇÃO

..... TEMA

Em Moçambique, antiga colónia portuguesa, a cidade de Maputo foi o território escolhido para o desenvolvimento deste projeto. Esta cidade viveu diferentes fases de expansão, sobretudo devido à sua localização e facilidade de acesso a rotas comerciais. Começou a ser ocupada em pontos estratégicos junto às zonas costeiras e foram surgindo, nas periferias, assentamentos improvisados pelas populações do interior.

Hoje é uma cidade dividida por uma dicotomia entre uma realidade urbana planeada e consolidada - *a cidade de cimento* - e uma realidade urbana não planeada - *a cidade de caniço*. *A cidade de cimento*, como o nome indica, foi edificada segundo uma estrutura *formal* e em materiais perenes para quem tinha mais posses, onde se assentou a estrutura administrativa da cidade. *A cidade de caniço* surgiu na periferia, autoconstruída pela população e de estrutura *informal*, como é o caso do Bairro da Mafalala.

As populações foram construindo ali, por si mesmas e a um ritmo acelerado, as suas próprias habitações, ainda que de forma desordenada. Utilizavam materiais locais, como a madeira, capim e canas.

A Avenida Marien N’Gouabi, antiga circunvalação, serviu de charneira entre as duas cidades, que embora tenham tantas diferenças, dependem ainda hoje uma da outra. Os habitantes da *cidade de cimento* necessitam da mão-de-obra dos habitantes da *cidade de caniço* e estes necessitam desses trabalhos para assegurar o seu modo de vida.

O Bairro da Mafalala situa-se na periferia mas muito próximo da cidade e existe, por isso, uma necessidade de resolver as suas descontinuidades urbanas e requalificá-lo.

É um bairro rico em história, arte e cultura, tendo visto crescer personalidades como Samora Machel e Joaquim Chissano, que vieram a ser presidentes de Moçambique, os poetas Noémia de Sousa e José Craveirinha, o ex primeiro-ministro Pascoal Mucumbi e um dos melhores jogadores de futebol de todos os tempos, Eusébio da Silva Ferreira.

O principal tema deste projeto, a Religião, surge da curiosidade acerca das diferenças, semelhanças e interação entre as religiões predominantes no bairro - Cristianismo Católico e Evangélico e Islamismo.

Há pontos em comum entre as religiões?

As diferenças encontram-se apenas na forma como se vestem, comem e professam?

Se conhecermos melhor o outro, aceitamos e respeitamos mais?

De que forma é que a diversidade de religiões pode beneficiar o bairro?

Relacionado com esta última questão surge o tema do apoio social. Em todo o mundo criam-se pontes de ajuda social entre as diversas crenças, organizações, movimentos e grupos religiosos. Podemos relacionar estes temas uma vez que o apoio social é uma necessidade premente neste bairro: o apoio às mulheres que dão à luz ainda jovens e que por isso abandonam os estudos; o apoio aos jovens que começam a trabalhar demasiado cedo para sustentar as suas famílias; o apoio às crianças que lotam as escolas do bairro e que durante o dia, enquanto os pais trabalham, andam pelo bairro apenas com a supervisão dos vizinhos por vezes também menores; o apoio aos idosos que ficam sozinhos durante o dia ou até mesmo toda a vida; o apoio às famílias que vivem em condições precárias; o apoio à saúde, ao planeamento familiar e o apoio financeiro e até psicológico.

E se existisse um espaço público para todos que respondesse a várias necessidades do bairro em simultâneo?

E se esse espaço, através das componentes social e inter-religiosa, atraísse visitantes de todo o mundo?

OBJETIVOS ●●●●●●●●

Este trabalho visa responder, através de uma proposta de intervenção que vai desde a escala do plano urbano até à escala do equipamento, à fusão de três aspetos:

- A necessidade de um espaço de público qualificado, uma vez que o espaço comum, como local de encontro ou de permanência, é improvisado pelos mafalalenses nas diversas zonas do bairro onde haja mais amplitude, como é o caso do Campinho - um campo informal de futebol, de terra batida.

- A necessidade de um espaço de apoio social que permita acolher os habitantes e visitantes e corresponder às suas dificuldades;
- A já existente relação multiétnica, cultural e religiosa dos habitantes, aproveitando para fomentar o encontro das diferenças e até atrair visitantes ao bairro.

Para o sucesso desta intervenção, seria importante que a população tivesse um papel ativo na concretização do projeto, não só porque criaria postos de trabalho, mas também para que não se sentisse ameaçada a deixar o bairro.

•••••••• METODOLOGIA

Numa primeira fase, realizou-se o levantamento histórico, cartográfico e demográfico tanto da cidade de Maputo, como do bairro da Mafalala. A escolha da cidade para estudo foi feita ainda no final do quinto ano, na unidade curricular de projeto e os primeiros elementos foram cedidos pelos professores e colegas. Toda a investigação seguinte foi a título individual.

De seguida realizou-se uma análise detalhada de todos os dados recolhidos por forma a levantar questões de trabalho e, posteriormente, responder com a proposta de intervenção.

O estudo do tema, a Religião, abrangeu as crenças e costumes do Islamismo e do Cristianismo - Católico e Evangélico - bem como a constituição dos seus espaços sagrados. Para além da análise de documentos, realizaram-se visitas guiadas e entrevistas a espaços sagrados bem como uma visita à Mafalala, em fevereiro de 2019, que permitiu compreender melhor a sua realidade comunitária e social.

Selecionaram-se alguns projetos pelo conceito, forma, tema, programa ou materialidades como elementos auxiliares à realização do projeto final e foi elaborada uma proposta para a intervenção urbana bem como um equipamento.

•••••••• ESTRUTURA

No primeiro capítulo, *A Cidade - Maputo*, apresenta-se a evolução histórica e urbana da cidade até aos dias de hoje bem como a sua geografia física e humana.

O segundo capítulo, ***O Bairro - Mafalala***, trata-se da análise do bairro como área de intervenção; relata-se a sua história e analisa-se a sua morfologia. Neste capítulo utilizam-se principalmente duas fontes de informação: o livro "*Mafalala: memórias e espaços de um lugar*", que tal como o título indica, inclui memórias dos moradores, para melhor entender o seu ponto de vista e a visita ao local e as entrevistas realizadas pela autora em fevereiro de 2019.

No terceiro capítulo, ***O Contexto - Religião***, aborda-se o tema que é a base deste projeto. Trata-se de um estudo desde as suas origens até aos dias de hoje, das suas crenças, cultos, costumes, principais formas e imagens. Aborda-se ainda o tema da comunidade e do apoio social.

O projeto da intervenção urbana e do equipamento encontram-se descritos no quarto capítulo, ***O Projeto - Reabilitar o Bairro***. Propõe-se a reestruturação da rede viária, da rede de águas e esgotos, e ainda a qualificação dos espaços públicos. Apresentam-se posteriormente alguns projetos utilizados como referência e em seguida, relativamente ao equipamento *Espaço Público de Todos e para Todos, no Bairro da Mafalala, Maputo*, especifica-se o conceito utilizado e a descrição do programa.

As conclusões e reflexões deste projeto encontram-se no capítulo ***Considerações Finais***, complementando com algumas entrevistas e fotografias da visita da autora a Maputo compiladas no capítulo ***Anexos***.



A CIDADE
MAPUTO

1

constar no Planisfério de Cantino¹ de 1502.



[02] Planisfério de Cantino, 1502

Por forma a guardar o território e a rota marítima para a Índia, os portugueses começam a assentar-se em pontos estratégicos ao longo da costa oriental africana. Só em 1544, a mando de El-Rei D. João III, Lourenço Marques e os restantes navegadores portugueses começam a explorar política e economicamente a Baía de Lagoa. Passa a chamar-se Baía de Lourenço Marques em homenagem ao navegador português responsável pela "descoberta" e exploração do território.

A formosa baía tem nessa época valor restrito ou nulo. Dá marfim e exporta escravos, mas não serve para mais nada. Nem os portugueses a podem habitar por muito tempo, que, por ser pantanosa, é cemitério de brancos. (Lobato, 1948)

Esta limitação fazia com que os portugueses apenas utilizassem a baía como ponto de passagem durante as suas viagens comerciais e por isso foi várias vezes alvo de tentativas de instalação por parte de estrangeiros. Foi uma baía bastante cobiçada por outras nações europeias mas apesar de tudo, a Metrópole não quis abdicar do domínio territorial e reclamou-o sempre que foi necessário.

Até ao final do século XVIII, não existiu edificado de carácter fixo ou definitivo na baía, havia apenas, segundo Lobato, algumas aldeias de palhotas construídas

.....
¹ O Planisfério de Cantino é uma das mais antigas cartas náuticas que representam os descobrimentos marítimos portugueses. O documento original encontra-se atualmente na Biblioteca Estense, em Itália.

por marinheiros portugueses enquanto esperavam que o marfim chegasse à costa, mas eram de caráter provisório.

Para além do descobrimento e resgate do marfim, o sistema colonial português tinha dois principais objetivos: fazer cristandade, evangelizando, e tirar da terra o máximo benefício possível para a Metrópole. Não existia uma preocupação de soberania. *Todas as questões indígenas eram deixadas aos chefes nativos, cujo poder se respeitava. Havia uma espécie de feudalismo colonial. Os régulos e chefes reconheciam a supremacia do Rei de Portugal, prestavam-lhe vassalagem, facilitavam o comércio, permitiam a evangelização, guiavam-se nas questões mais importantes pelo conselho das nossas autoridades, permitiam a colonização e o livre trânsito aos mercadores, e, em troca, eram senhores livres das suas terras e dos seus súbditos, que governavam segundo seus usos e costumes.* (Lobato, 1948)

O autor reforça ainda que as autoridades portuguesas e o Governo da Metrópole fizeram de tudo para reivindicar os *direitos da coroa à posse das terras descobertas ou conquistadas e ao exclusivo comércio nos seus domínios.* (Lobato, 1948), respeitando sempre os nativos.

Durante os anos seguintes houve várias tentativas de ocupação por parte dos holandeses, franceses, ingleses e austríacos.

Em 1777, chega à baía Guilherme Bolts², um homem ambicioso que, dois meses após a sua chegada, depois já tinha assinado tratados com alguns régulos nativos, para que lhe cedessem terras dos dois lados do estuário para assentar povoações e levantar fortalezas. Chegou a fundar oito feitorias ao longo da costa moçambicana, duas das quais em Lourenço Marques. O seu plano consistia em constituir uma colónia de pretos importados de Inhambane visto que as tribos locais não lhe obedeciam, mantendo o seu reconhecimento.

.....
² Guilherme Bolts era uma *pessoa conhecida nos meios ultramarinos de Lisboa, onde fez as primeiras tentativas de carreira colonial, começou por ser caixeiro de uma casa inglesa estabelecida na capital, mas passando a Londres entrou ao serviço da Companhia Inglesa das Índias. Enriqueceu, não se sabe como, mas de certo por meios pouco honestos, porque a Companhia Inglesa sequestrou-lhe os bens. Envolvido em questão com a Companhia, acabou por perder a causa, ficar pobre e ausentar-se de Londres.* (Lobato, 1948: 8)

Os austríacos, para dificultarem as negociações dos navios portugueses, conquistavam o mercado indígena pagando mais pelos panos, pela arroba e pelo marfim, saqueavam as barquinhas dos negociadores, roubavam as fazendas e aprisionavam as tripulações para serem resgatadas, quando não eram mortas. A Metrópole só foi informada desta situação um ano mais tarde pelos governadores da Índia e de Moçambique.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E URBANA

Quando finalmente o governo português tomou conhecimento deste facto, reivindicou o poder de Portugal sobre a baía de Lourenço Marques. Assim, em Janeiro de 1781, partiu uma expedição na fragata de guerra "Sant'Anna e S. Joaquim" ao comando do capitão do mar e guerra Nicolau Delgado Figueira da Cunha de Eça, que conseguiu a rendição dos austríacos.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, foi hasteada a bandeira nacional e espalhando-se a notícia, começaram a surgir os régulos nativos com quem se fez renegociações. Por respeito à Coroa Portuguesa, nenhum indígena devia permitir que mais nenhum estrangeiro se alojasse naquelas terras sem autorização e em troca, os portugueses não voltariam a deixar de visitar os territórios moçambicanos, nem de levar os bens necessários e acordados com aquelas comunidades.

Estas renegociações puseram término a um passado instável e em 1782, o governo de Lisboa funda um presídio na baía, dando início a um novo capítulo na história da baía de Lourenço Marques, efetivando o assentamento português no território.

A construção do presídio obedeceu às ordens da Rainha de Portugal, D. Maria I e Joaquim Araújo³ foi nomeado Governador e Capitão-Mor da baía para este que desse início à construção do forte e da feitoria. Este edifício, para além de ser uma estrutura de carácter militar, era também um elemento primário da estruturação urbana. Para Portugal, era uma forma de monopolizar o comércio local e garantir o direito do país àqueles territórios.

Um incêndio, ainda em 1782, destrói totalmente o presídio e juntamente com a morte do Governador, no mesmo ano, veio destabilizar todo o processo de implantação do presídio e foi necessário recomeçar.

Em 1796 o presídio é atacado e destruído por franceses, tendo sido

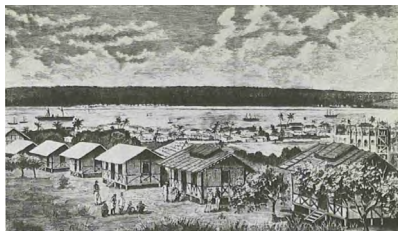
³ *Joaquim de Araújo, o fundador do Presídio, nasceu em Lisboa, Campolide, no ano de 1726 e era filho de Manuel de Araújo. (...). Atingiu o posto de capitão-tenente da Armada. (...). Em 26 de Novembro de 1781 foi nomeado Governador e Capitão-Mor da Capitania do Cabo das Correntes, Baía de Lourenço Marques, Ilha de Unhaca e seus subúrbios, pelo Governador interino Vicente Caetano da Maia e Vasconcelos, (...).* (Lobato, 1948: 104-105).

reedificado quatro anos depois com a chegada de uma nova expedição, comandada pelo tenente ajudante Luís José que estava encarregue dessa mesma reedificação. O presídio efetivou-se a partir de 1805, com esta força militar, que constituiu uma pequena povoação dentro da fortificação. As obras continuaram por vários anos e em 1814 o governador Pereira Ramos ordena que se refaça a obra em pedra e cal, com baluarte e artilhado.

Em 1817, surge uma companhia portuguesa dedicada à pesca da baleia e torna-se a primeira companhia a tentar a fixação em Lourenço Marques.

FUNDAÇÃO DO POVOADO ●●●●●●●●

Oito anos mais tarde, em 1825, foi criada a *Companhia Comercial de Lourenço Marques e Inhambane* e surgem os colonos para a formação de uma colónia agrícola que começam a fixar-se a noroeste da Praça 7 de Março, atual Praça 25 de Junho (Malheiro, 2018:3). Era uma zona insalubre por serem terrenos pantanosos e de água salgada mas isso não impediu a sua fixação de forma não planeada, sem um desenho urbano. Foi nesta altura que se evidenciou a diferença entre a zona que futuramente seria a vila e a zona dos subúrbios, ainda que com um carácter provisório e de construção rudimentar.

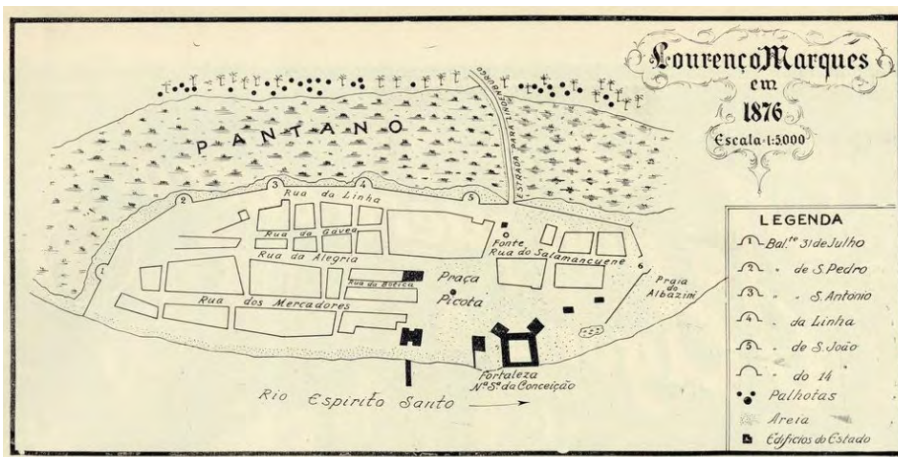


[03] Vista de Lourenço Marques - a cidade vista do começo da Maxaquene, por alturas da actual escola Correia da Silva, vendo-se o hospital provisório...e a igreja em construção (Lobato, 1967)

Como consequência da chegada dos colonos, dá-se a expansão do povoado para fora dos limites da fortaleza e surgem os primeiros edifícios de exceção: a casa do Governador e os imóveis da Companhia. O povoado, segundo o Governador Abreu de Lima, o primeiro a visitá-lo, era composto por 19 casa e 127 palhotas. Ao fim de dez anos, por não se reunirem as condições necessárias, a Companhia acabada por ser dissolvida.

Ergue-se o segundo baluarte da fortaleza, em 1864, juntamente com uma enfermaria, quartéis, alojamentos, um paiol e depósitos. O alargamento da estrutura veio, três anos mais tarde, a repetir-se, com a inauguração de uma nova linha de defesa com mais baluartes e um muro em alvenaria. As suas funções de defesa e a guarnição militar concederam-lhe o nome oficial de Presídio.

Durante e nos anos seguintes à construção da linha de defesa, o assentamento urbano desenvolveu-se sempre dentro da mesma e junto à linha de costa devido à importância do porto a nível comercial.



[04] Primeira representação de Lourenço Marques, 1876

Pode verificar-se que o pequeno aglomerado estava organizado em torno da Praça da Picota (actual Praça Sete de Março), da qual partiam quatro ruas, sendo a parte ocidental a mais ocupada. A norte corria a linha de defesa e este pequeno povoado estava separado do continente por um pântano, atravessado pela mais importante via de penetração para o interior – a estrada de Lidemburgo. (Mendes, 1985: 81-82)



[05] Ilustração da estrada de Lidemburgo

Nesta altura introduziram-se também outros materiais, tais como a cobertura em zinco e a telha, na construção das habitações. (Bruschi; Lage, 2005:83) O crescimento do povoado aconteceu de forma demorada e confinado ao local onde tinha sido inicialmente construída a fortaleza, na enseada de Maxaquene.



[06] Colunas da entrada principal na Cidade de Lourenço Marques

Esta situação veio alterar-se em 1869 com a descoberta de minério na região e com o seguimento do tratado relativo aos territórios da antiga República sul-africana, situados entre o rio Vaal e o rio Limpopo, também denominada República de Transvaal. Estes dois acontecimentos provocaram um aumento de atividades portuárias e comerciais bem como um significativo crescimento demográfico potenciando assim o interesse por parte dos ingleses na conquista deste território.

O presídio enfrenta por isso duas ameaças no final do século XIX: as pretensões da Inglaterra sobre a baía e territórios adjacentes e a guerra com os Vátuas que se prolongou 1897 até às campanhas de pacificação entre 1895 e 1897.

Grande parte da povoação ficou destruída num incêndio, em 1875, e a população teve que reconstruir as suas habitações, desta vez em alvenaria.

DE POVOAÇÃO A VILA ●●●●●●●●

A 19 de dezembro de 1876, por decreto real do Rei D. Luís I, o povoado de Lourenço Marques é elevado a vila com regime municipal.

Atendendo a que a povoação de Lourenço Marques, na província de Moçambique, se tem tornado ultimamente importante pelo progressivo aumento da sua população e pelo desenvolvimento do comércio, hei por bem ordenar que a referida povoação seja elevada à categoria de Vila, com a denominação de Vila de Lourenço Marques, ficando por esta minha mercê obrigada a respetiva câmara municipal a tirar cartas, pagos previamente os competentes direitos. O Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, e interino da Marinha e Ultramar, assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 19 de Dezembro de 1876 – Rei. – João de Andrade Corvo.

(Aguiar, 1952)

O PLANO BORRÃO ●●●●●●●●



[07] Fortaleza Nossa Senhora da Conceição no final da década de 50

António Pedro Batista Gonçalves, comandante do presídio, traçou o primeiro plano da vila, o Plano Borrão, datado de 8 de outubro de 1851. O plano previa já algumas melhorias na fortaleza e indicava a existência da Igreja N^a Sra da Conceição e do Cemitério de São Timóteo na colina de Maxaquene que correspondiam ao levantamento de 1876, como se pode ver na figura 4. Nesta época surgiram os primeiros eixos estruturantes do traçado como a Rua dos Mercadores, que articula a entrada da vila e a Praça da Picota, a Rua da Alegria e a Rua da Gávia.



[08] Casa da Moeda ou Casa Amarela

Pode-se afirmar que Lourenço Marques conheceu dois momentos neste período: o primeiro é caracterizado pelo assentamento militar, consubstanciado pela fortaleza, envolvida pelas edificações; o segundo é marcado por tentativas de sistematização da baía, no âmbito comercial. Chegam até hoje dois edifícios com valor patrimonial representantes desses períodos: A Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição e a Casa da Moeda ou Casa Amarela. (Morais, 2012)

A Fortaleza mantém-se como elemento primário na estrutura da vila juntamente com a Praça da Picota, que se torna o centro da povoação, ainda que não geométrico. Foram surgindo nela vários edifícios que continham

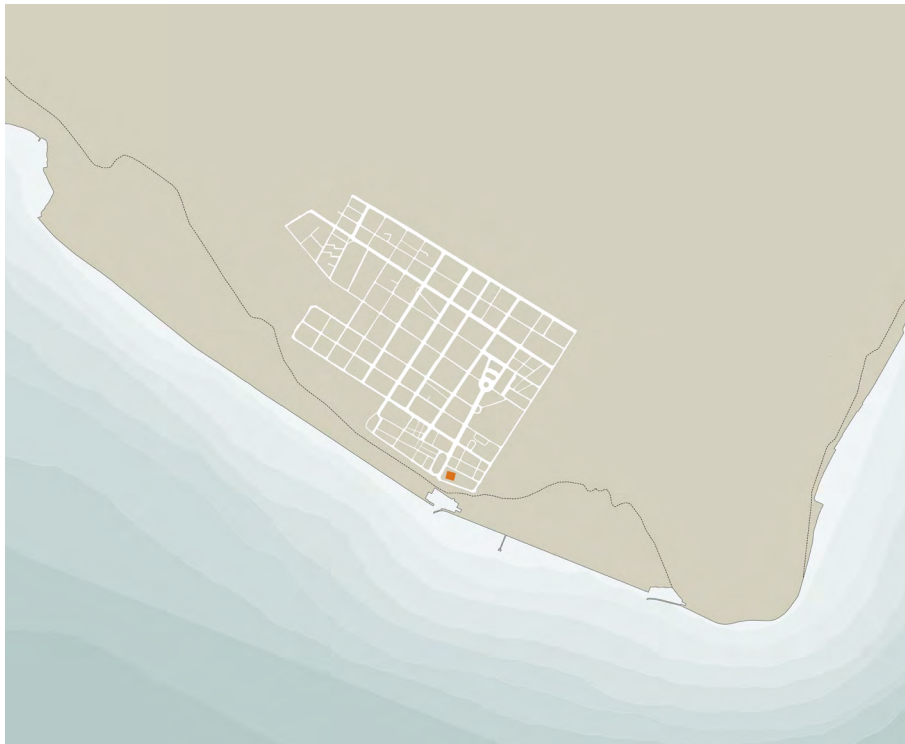
serviços fundamentais para o governo local, como a casa do Governador.

•••••••• O PLANO ARAÚJO

A conquista do pântano para a expansão da vila surgiu do novo Gabinete de Obras Públicas e a 7 de março de 1877, chegaram dois engenheiros para elaborar um novo plano urbano, Joaquim José Machado e António José de Araújo. Foi denominado Plano Araújo porque acabou por ser assinado apenas por um dos engenheiros que veio a tornar-se Diretor das Obras Públicas de Lourenço Marques. (Malheiro, 2018:4)



[09] Edifício das Obras Públicas (à esquerda) nos primeiros anos do séc. XX



[10] Plano Araujo, 1887

A estratégia era enaltecer a zona da baixa para atividades portuárias e construir, na zona alta, grandes avenidas, com quarenta metros de largura, organizadas em quadrícula e formando grandes quarteirões. Com este novo traçado surge também um conjunto de posturas municipais como a delimitação da largura das ruas consoante as alturas dos edifícios e a escolha dos materiais de construção com o objetivo de impor à cidade uma urbanidade. A linha da defesa passaria a ser a Avenida de Pinheiro Chagas, na zona alta. A acompanhar a transição das zonas, propunha-se um grande parque urbano.



[11] Casa de Ferro



[12] Vila Joia

Desta data podemos destacar a Casa de Ferro e a Vila Joia, hoje o Supremo Tribunal. A Casa de Ferro foi encomendada ao gabinete de Gustav Eiffel, na Bélgica, pelo Governador-geral da colónia, embora nunca tenha sido utilizada pelo próprio, e adquire um estatuto paradigmático, funcionando como um padrão inaugural de comunicação férrea. A Vila Joia, que na altura era a residência de Gerard Pott⁴, foi em 1914 adquirida pelo Estado e tomou outras funções, de tribunal e museu.

Em Lourenço Marques dão-se mais dois acontecimentos importantes para o desenvolvimento da vila. Não só as relações com os povos locais pacificaram em 1897 e permitiu a quebra da linha de defesa, como se regularizou o funcionamento da linha férrea com a capital do Transvaal. (Malheiro, 2018:5)

Mais tarde criou-se a ligação de caminhos-de-ferro com Pretória e a especulação imobiliária disparou. Foi nesta altura que a Administração Portuguesa atribuiu a concessão dos terrenos da Ponta Vermelha a um médico norueguês, Óscar Sommerchild e à Transvaal & DeLagoa Bay Investments, o que impossibilitou a utilização dos terrenos durante vários anos.

DE VILA A CIDADE ●●●●●●●●

A 10 de novembro de 1887, a vila de Lourenço Marques é elevada a cidade.

Tomando em consideração o notável incremento que tem tido a Vila de Lourenço Marques, capital do districto do mesmo nome, na província de Moçambique, em resultado dos melhoramentos materiais ali últimamente realizados, e atendendo à excepcional importância que tanto aquela Vila como o seu porto hão de adquirir com a próxima exploração do caminho de ferro que há de ligar, por uma comunicação fácil e rápida, aquele districto com a república do Transvaal, importância que é já hoje muito sensível no aumento da navegação e do comércio e na transformação rápida que se está operando nas condições económicas e sociais daquela povoação: hei por bem decretar que a mencionada

.....
⁴ Gerard Pott era um cidadão holandês, natural de Amsterdão, que se mudou para Lourenço Marques na década 80, séc. XIX. Foi um homem de negócios em Moçambique e enriqueceu muito, em pouco tempo e por meios pouco honestos. Foi comerciante e cônsul-geral do Transvaal e ainda cônsul honorário do Reino da Holanda em Lourenço Marques. Chegou a ser expulso de Moçambique por três meses acusado de tráfico de armas e contrabando no Transvaal.

Vila seja elevada à categoria de cidade com a denominação de: cidade de Lourenço Marques. O Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 10 de Novembro de 1887 – Rei – Henrique de Macedo
(Aguiar, 1952)

●●●●●●●● CAPITAL DA COLÓNIA

No ano seguinte, em 1888, a cidade passa a ter abastecimento regular de eletricidade e água, elétricos e telefones.

Em 1898, a 1 de dezembro, a capital da Colónia Portuguesa de Moçambique deixa de ser a Ilha de Moçambique e passa a ser Lourenço Marques. Nesta época houve um crescimento demográfico de quase 68% da população, segundo os censos de dezembro de 1912, devido à criação, em 1904, da rede de transportes públicos.

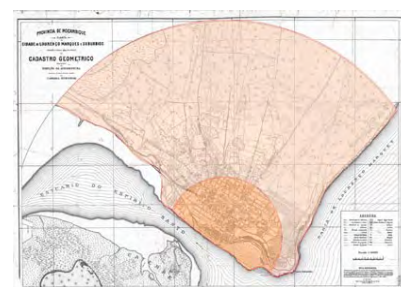


[13] Vista de Lourenço Marques, 1895

Em 1908, na zona baixa começou a construir-se a nova estação ferroviária projetada pelo Engenheiro Lisboa e Lima, com o objetivo de se associar, como edifício de exceção, a uma praça de onde partiriam os principais eixos urbanos. (Bruschi; Lage, 2005)

●●●●●●●● O PLANO DE COSTA SERRÃO

Entre 1909 e 1910 surge um outro Plano Urbano coordenado pelo engenheiro Costa Serrão, enquadrado num estudo de reformas e ampliações do porto e adotando o traçado do *Plano Araújo* como elemento estruturante da nova orientação do traçado. Este traçado utiliza os eixos direcionais, do Plano Araújo como elementos primários dando continuidade à estrutura existente. Neste plano surgem novos limites do Concelho, prolongando as avenidas, e elementos de divisão: dois arcos de circunferência, com 2 km e 5 km que segregam, respetivamente, a cidade e os subúrbios, dando origem à Estrada da Circunvalação.



[14] Cartografia de 1916 trabalhada por Luís Lage

No fim do séc. XIX e início do séc. XX surgiu um conjunto de edifícios de exceção que vieram consolidar a estrutura pública da cidade. São eles:

- Vila Joia, atual Supremo Tribunal - edificado em 1890
- Casa de Ferro - edificado em 1892
- Hotel Clube, atual Instituto Franco-Moçambicano – construído em 1898
- Correios de Moçambique - projeto de 1899
- Edifício da capitania - inaugurado em 1901



[15] Hotel Clube, 1929



[16] Mercado Central



[17] Museu de História Natural, 2019

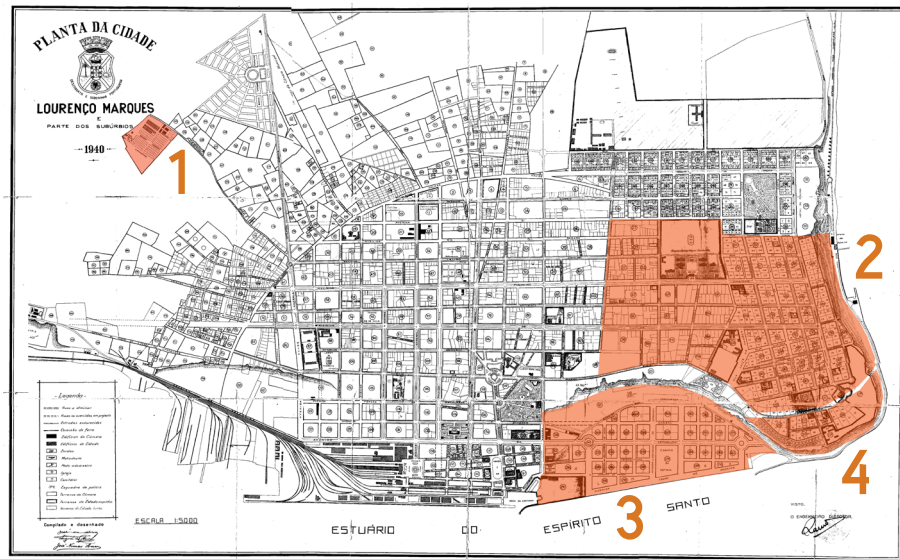


[18] Estação dos caminhos-de-ferro, 1930



[19] Hotel Polana, 1930

- Bank of Africa - construído entre 1896 e 1902
- Mercado Central - instalação provisória em 1896, finalizado em 1903
- Prédio Pott - construído em diferentes fases, finalizado em 1903
- Biblioteca Nacional - construída entre 1903 e 1904
- Observatório Astronómico - construído entre 1906 e 1909
- Museu de História Natural - fundado em 1911
- Museu Álvaro de Castro - fundado em 1911
- Consulado Britânico - construído a partir de 1911
- Hospital Civil e Militar Miguel Bombarda - finalizado e ocupado em 1912
- Varietá - inaugurado em 1912 e desapareceu em 1967
- Estação dos caminhos-de-ferro - construída entre 1913 e 1916
- Banco Nacional Ultramarino - inaugurado em 1914 e demolido em 1958
- 1ª Esquadra da polícia - inaugurada em 1914
- Hotel Carlton - construído em 1916



[20] Bairro de Xipamanine (1), Bairro da Polana (2), aterro de Maxaquene (3) e Ponta Vermelha (4) assinalados na cartografia da cidade em 1940

A 5 de outubro de 1911 foi aberto à exploração um ramal do caminho-de-ferro até à zona da praia.

A partir de 1914 o Estado faz um acordo com Óscar Sommerschild e a Transvaal e Delagoa Bay Investments acerca dos terrenos da Ponta Vermelha (fig. 20) que tinham sido concessionados, para prolongar a construção da cidade.

De uma forma faseada, a cidade prolongou os seus limites e tornou-se bastante notável o crescimento urbano na Ponta Vermelha, no aterro de Maxaquene (fig. 20 e 21) e no Bairro da Polana (fig.20). Começou a substituir-se as palhotas e casas de zinco, de um piso, por moradias de alvenaria de um ou dois pisos.



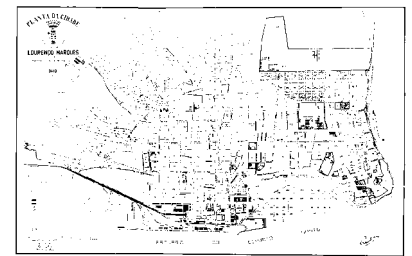
[21] Cartografia do aterro de Maxaquene

Em 1922 foi inaugurado um dos ícones da cidade de Maputo, o Hotel Polana. Projetado pelo arquiteto inglês Sir Herbert Baker, foi uma *Obra há muito desejada e bastante representativa das características que passam a dominar o novo bairro traçado, a zona mais "elegante" e privilegiada da cidade.* (Morais, 2012)



[22] A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a primeira Sé de Lourenço Marques

Paralelamente ao crescimento da cidade, surgem nas periferias assentamentos espontâneos de migrantes provenientes das zonas rurais, chamados posteriormente "caniços". O bairro de Xipamanine (fig. 20) surgiu no final da década de vinte, situa-se no norte da cidade e integra um dos mercados mais antigos da cidade. O caráter mais definitivo que estes bairros ganharam não agradava à Câmara, que veio estender as infraestruturas da cidade às zonas de ocupação consolidada.



[23] Cartografia da cidade, 1940

Em 1927 as avenidas da cidade e os jardins públicos são arborizados e elege-se o "espaço verde" como elemento primordial para a dinâmica e higiene urbana. Nos anos seguintes segue-se a construção da Praça do Município, atual Praça da Independência, onde se localizavam os Paços do Concelho, o Tribunal e a Sé⁵.

A Praça do Município recebeu no centro um monumento a Mouzinho de Albuquerque que, através da nova Avenida Aguiar, liga esta praça à Praça dos novos caminhos-de-ferro. Os novos edifícios de exceção tornam-se estruturantes do novo traçado urbano.

O Estado investe nas infraestruturas de Lourenço Marques, é definida a rede viária e as ligações aos pontos mais importantes do sul da província, contribuindo fortemente para o crescimento da população portuguesa

⁵ A Sé, ou Igreja de Nossa Senhora da Conceição foi demolida para dar origem à nova Catedral, inaugurada a 14 de agosto de 1944.

novamente. O betão armado chega à cidade por meio de uma empresa de construção e começam a crescer os primeiros edifícios em altura.

Por forma a controlar o crescimento da cidade a nível estético e organizacional, aprovou-se, em 1943, o Regulamento Geral de Salubridade Urbana e Regulamento de Estética Urbana.

Entretanto, em Portugal, Marcelo Caetano cria, em 1944, o Gabinete de Urbanização Colonial (GUC)⁶ para desenvolver projetos de urbanismo e arquitetura nos territórios africanos por forma a torná-los mais homogéneos e modernos.

Em 1946, em Lourenço Marques, a Comissão de Estética Urbana é chamada, na pessoa do Arquiteto Able da Silva Pascoal, a pronunciar-se sobre os terrenos da concessão Sommerschild. Numa primeira análise o parecer é negativo e é aconselhado por um técnico que o assunto seja tratado pela Câmara Municipal, indemnizando os proprietários e solicitando ao GUC a elaboração de um novo Plano Geral de Urbanização.

O PGU DE AGUIAR ●●●●●●●●

No ano seguinte, o pedido da Câmara é aprovado e João António de Aguiar é contratado para desenhar o novo PGU e o arquiteto viaja passados sete meses para Lourenço Marques. Durante o mês que esteve na cidade, realizou a recolha de dados necessários para a elaboração do plano e orientou o seu novo colaborador, e então diretor da nova Comissão Administrativa do Município, o Arquiteto Rodrigues da Silva. (Malheiro, 2018: 10)

Aguiar aceita permanecer mais seis meses na cidade, uma vez que tinha sido pedido pela Câmara para que os responsáveis ficassem em Lourenço Marques até ao final do período de execução. O arquiteto partiu com a sua esposa a 24 de março de 1948 e acabou por ficar, mais do que o tempo previsto, até dezembro desse ano. Não só se torna subdiretor do GUC como continua ainda a trabalhar paralelamente nos planos do Gabinete. Até 1957, data da conclusão do Plano, teria que visitar Lourenço Marques pelo menos

.....
⁶ Em 1952 o Gabinete passa a chamar-se Gabinete de Urbanização de Ultramar (GUU) e em 1958, Direção de Serviços de Urbanismo e Habitação da Direção-Geral de Obras Públicas e Comunicações do Ministério do Ultramar.

uma vez por ano.

Durante este processo, decorria também o Projeto de Urbanização da Praia da Polana, iniciado em 1945, também da autoria do arquiteto Aguiar. Visava a construção na encosta e a regularização da margem. A primeira fase terminou em 1946. (Malheiro, 2018:11)



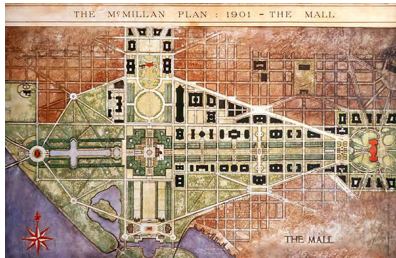
[24] Planta de Apresentação do Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques

O PGU era composto por dois volumes. O primeiro continha o levantamento da cidade a nível histórico, climático, informação estatística e ainda os equipamentos implantados, estruturas e bairros indígenas existentes. O segundo volume abordava a situação atual da cidade, a sua geografia atual, as características e funções do plano. A análise ao pormenor realizada por Aguiar permitiu-lhe numa fase posterior, seleccionar com maior facilidade aquilo que seria para manter e o que seria para alterar. (Malheiro, 2018:11)

Neste plano, Aguiar optou por manter o traçado regular da cidade, a sua malha de génese militar e a estrada da Circunvalação, que já vinha do Plano Araújo. Na malha urbana tradicional propôs algumas intervenções pontuais nos quarteirões da zona antiga apenas para o melhoramento do tráfego

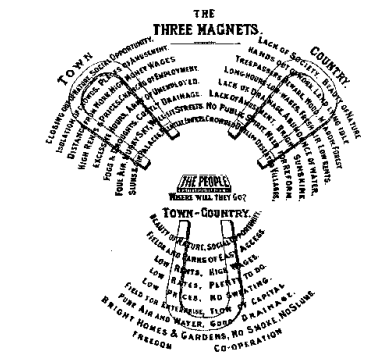


[25] Planta de Comunicações Pertencente ao Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques, 1952



[26] City Beautiful

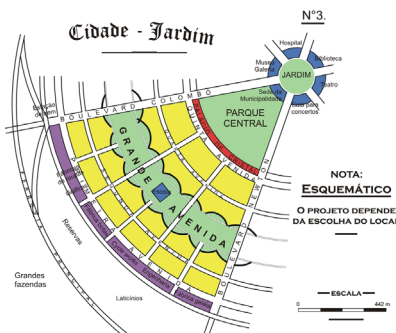
automóvel. Propôs o prolongamento dos eixos estruturantes por forma a unir a estrutura urbana existente com as novas zonas de expansão. Estas zonas foram desenhadas segundo os princípios do Urbanismo Moderno, utilizando conceitos como a *City Beautiful*⁷ e a *Cidade-Jardim*⁸.



[27] Esquema íman da Cidade-Jardim de Ebenezer Howard

⁷ *City Beautiful* foi um movimento arquitetónico do séc. XX nos Estados Unidos e consistia num grande eixo central que atravessava toda a cidade, colmatado por um parque urbano e por um centro cívico nas suas extremidades. De cada um destes dois polos saíam duas grandes avenidas diagonais em relação à malha ortogonal. No fundo, o objetivo era fazer a ligação, através de grandes vias e alamedas, entre edifícios de exceção e espaços públicos qualificados.

⁸ O modelo da *Cidade-Jardim* foi criado por Ebenezer Howard e publicado no seu livro *To-morrow a Peaceful Path to Real Reform* em 1898. Primeiro surgiu o conceito da cidade íman, depois o campo íman e por fim a cidade-campo, que em conjunto formavam a *Cidade-Jardim*. Tratava-se de uma organização da cidade em zonas por forma a equilibrar as relações cidade-campo e trabalho-lazer. A sua configuração deveria ser concêntrica numa zona denominada cidade social onde se localizavam os principais equipamentos como a Câmara, a Biblioteca e o Hospital. Seguindo uma lógica de anéis concêntricos: no primeiro anel seria um parque urbano, seguido da zona de *habitações de excelência*, depois a Grande Avenida com 125 metros, a seguir um outro anel de habitações conjugadas com alguns equipamentos como escolas, um outro anel com mercado, oficinas, fábricas, entre outro e por fim os anéis verdes agrícolas e florestais. Em França, na Austrália, na Alemanha, no Japão e nos Estados Unidos foram utilizados os princípios da Cidade-Jardim.



[28] Esquema da Cidade-Jardim de Ebenezer Howard



[29] Planta de ocupação do solo pertencente ao Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques, 1952

Aguiar dividiu a cidade em catorze zonas, cada uma com a sua função, e desenhou as comunicações a partir do traçado existente, hierarquizando a cidade em espaços públicos e edifícios de exceção, segundo os princípios da *City Beautiful*. (Malheiro, 2018:18)

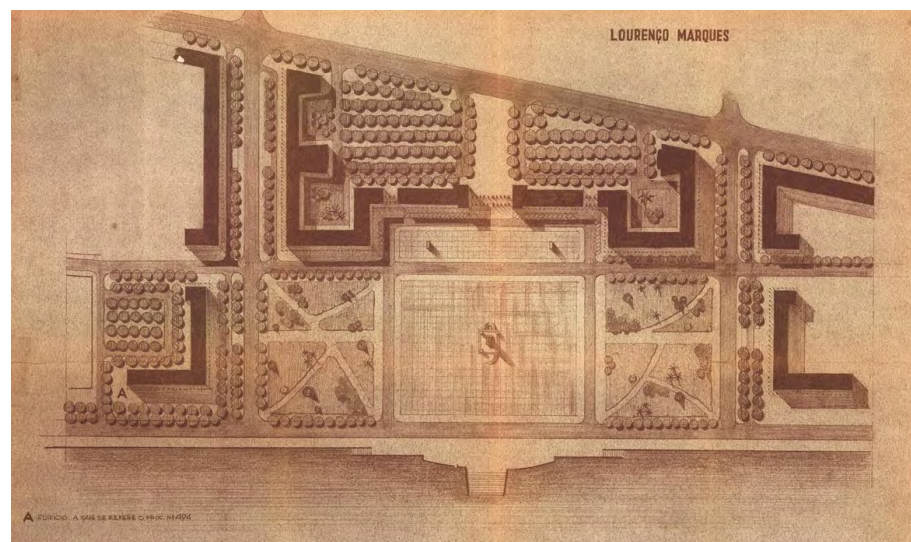
Propõe a redifinição dos acessos à cidade, a hierarquização das vias, a criação e requalificação das praças, a redução dos quarteirões através da criação de logradouros públicos interiores.

Aponta também alguns problemas como os lotes desocupados ou sem destino definido, o estado de conservação de alguns edifícios dos serviços oficiais e ainda a falta de equipamentos de interesse público. Para a segunda e terceira questões, Aguiar propõe a criação de um Centro Cívico, também segundo os princípios da *City Beautiful*, no aterro de Maxaquene. O objetivo seria concentrar os equipamentos culturais com os dos serviços oficiais num só local criando um "conjunto monumental". Dos dois edifícios planeados, apenas um foi construído, onde se encontra hoje o Ministério da Economia

e Finanças.



[30] Planta do Centro Cívico pertencente ao Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques, 1952



[31] Planta do Centro Cívico, 1955

A execução do plano em relação à malha urbana tradicional não levanta questões, ao contrário da malha urbana informal. O número de habitantes indígenas acompanha o crescimento populacional e a cidade não oferece condições para os instalar. As suas habitações *acham-se dispersas na sua maior parte por uma extensa área a norte e a poente do núcleo urbano. Muitos indígenas coabitam com os não indígenas ocupando anexos construídos nas traseiras dos edifícios principais.* (Aguiar, 1952)

Para este problema, propõe-se a criação de duas unidades residenciais. As

primeiras, na periferia, eram destinadas aos indígenas que trabalhavam na cidade e que se apresentassem mais civilizados e que foram apelidadas de *Unidades de Vizinhança*. As segundas, nos novos bairros indígenas, destinadas aos restantes indígenas, denominadas *Unidades Residenciais de Eventuais*. A sua organização baseia-se nos conceitos da *Cidade-Jardim* e da *Unidade de Vizinhança*⁹ de Unwin.



[32] Plano da Unidade Residencial Indígena pertencente ao PGULM, 1952

A 12 de Janeiro de 1953, João António Aguiar apresenta à Câmara Municipal o PGU mas só foi aprovado pelo Governador a 1 de Abril de 1955. No ano seguinte o arquiteto inicia a revisão de alguns aspetos a alterar apontados pela Câmara.

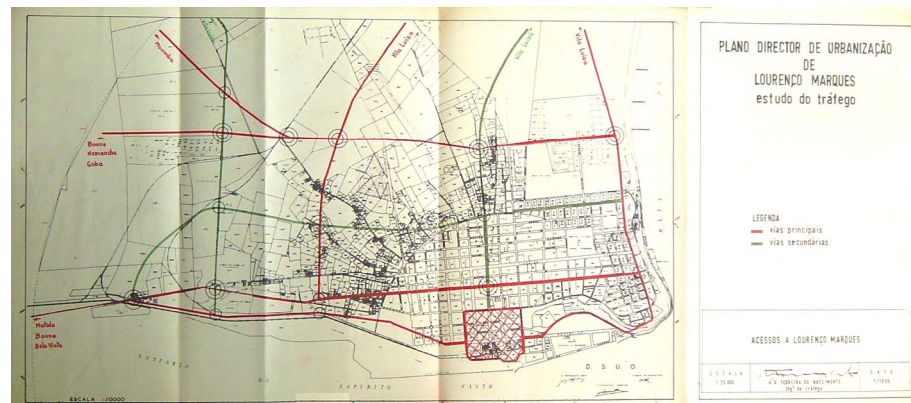
..... O PLANO DIRETOR

Devido ao rápido crescimento demográfico registado na cidade nos anos que se seguiram, o Plano de Aguiar torna-se desadequado e surge a necessidade de desenhar um plano mais alargado que incluísse a área metropolitana

.....
⁹ O modelo Unidade de Vizinhança surgiu em 1929, desenvolvido pelo americano Clarence Perry e foi uma derivação do modelo da Cidade-Jardim.

como a Matola. O PGU de 1952, até à conclusão de um novo plano, foi usado como orientador. Em 1969 surge então o Plano Diretor de Urbanização de Lourenço Marques sob coordenação do engenheiro Mário de Azevedo.

O novo plano propõe um esquema de estrutura viária por níveis: a primeira de caráter mais urbano, a segunda destinada a circulações marginais e a terceira de distribuições internas. Estas propostas de intervenções nunca chegaram a concretizar-se de forma significativa.



[33] Estudo de tráfego e acessos a Lourenço Marques pertencente ao PDULM, 1969

A cidade, nas décadas de 50 e 60, começa a ganhar um caráter metropolitano e a perder o caráter tropical devido à elevada cêrcea dos edifícios que vieram substituir as típicas moradias-jardim.

A INDEPENDÊNCIA ●●●●●●●●

A 25 de setembro de 1964 iniciou-se a Guerra da Independência de Moçambique ou Luta Armada da Libertação Nacional entre as Forças Armadas de Portugal e a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Durante os 400 anos da presença de Portugal em territórios africanos, só teve que enfrentar uma Guerra de Independência, em 1961 em Angola.

Os cidadãos moçambicanos discordavam das políticas portuguesas que apenas defendiam os seus interesses económicos e pouco se preocupavam com os nativos.

Surgiu então a FRELIMO em 1962, cujo primeiro presidente foi o Dr. Eduardo Mondlane, um antropólogo que trabalhava na ONU. Este partido, com o apoio a nível de armamento e instrução por parte da União Soviética, China e Cuba e aproveitando-se do exílio de políticos de Moçambique para os países



[34] Imagem do Partido FRELIMO

vizinhos, desencadeou um período de guerra por mais de dez anos.

Após a Revolução dos Cravos em Portugal, a 25 de abril de 1974, que derrubou o regime do Estado Novo, a FRELIMO entra em negociações com Portugal e Moçambique conquista a sua independência a 25 de junho de 1975.

Samora Machel, que já integrava a FRELIMO, foi eleito Presidente da República e surge em 1976 uma guerra civil através da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) que apenas termina em 1992 com a assinatura do Acordo Geral de Paz em Roma

Segundo Melo (2013), nesta tomaram-se medidas em relação ao ordenamento do território que consistiam em incluir o caniço nos limites administrativos da cidade, melhorar as infraestruturas nas áreas semiurbanizadas, fornecer cerca de 3.000 habitações e disponibilizar cerca de 14.400 talhões destinados à autoconstrução. Estas medidas juntamente com a saída dos europeus da cidade, a criação de novos postos de trabalho e o impacto de guerra civil nas comunidades rurais, fomentaram um grande interesse e atração das populações pelos centros urbanos.

A guerra civil teve grandes repercussões na estrutura da cidade de Maputo devido à migração das comunidades rurais na procura de melhores condições de vida ou mesmo para fugir da guerra. Houve portanto um crescimento acelerado dos subúrbios, sem nenhum plano de ordenamento. Em 1985 inicia-se o Plano de Estrutura de Maputo para reorientar o crescimento da cidade nos anos seguintes.

Após a morte de Machel, em 1986, Joaquim Chissano toma o seu lugar na liderança do partido e na presidência do Estado em novembro desse ano e mantém-se até 2005.



[35] Eduardo Mondlane

[36] Samora Machel

[37] Joaquim Chissano

..... O PEAMM

Entretanto, financiado pelo Banco Mundial, conclui-se no final da década de 90, o Plano de Estrutura da Área Metropolitana de Maputo mas a Assembleia Municipal de Maputo acabou por não aprovar.

..... O PEUMM

Seguiu-se, em 2008, o Plano de Estrutura Urbana do Município de Maputo que propõe um esquema de zonamentos com novas centralidades. Segundo

Melo (2013), a abordagem no plano foi *muito centrada no papel do Estado ao nível do desenvolvimento urbano, privilegiando ambiciosas aspirações físicas e pouco considerando necessidades sociais, tendências demográficas, a real base económica para a sua implementação e questões de natureza metropolitana.*

Em 2010 aprovaram-se os Planos Parciais de Urbanização onde se reconhece as áreas semiurbanizadas ocupadas e os edifícios não oficiais como áreas a manter. As ONGs passaram a ter um papel ativo nas intervenções suburbanas, sobretudo nas zonas periféricas, e nas zonas centralizadas as ações são maioritariamente desenvolvidas por investidores privados, que continuam a exercer pressão imobiliária nas zonas semiurbanizadas.

MAPUTO HOJE ●●●●●●●●

A cidade sofreu ao longo de todos estes anos um crescimento acelerado e incontável e hoje é espelho disso. A dicotomia criada no tempo colonial, apesar de ter sofrido alguns melhoramentos, mantém-se imponente.

O crescimento da cidade nas zonas suburbanas continua acentuado e como se tratam de áreas fora da zona metropolitana, dificulta a intervenção das autoridades relativamente à posse das terras.

A questão dos assentamentos "informais" gera um conjunto de problemas sociais, económicos e físicos como por exemplo: crescimento de atividades "informais", desgaste/inexistência de infraestruturas, aumento da percentagem de desemprego e/ou empregos informais e consequente pobreza, risco de saúde pública derivado da falta de condições de habitabilidade, falta de equipamentos coletivos, entre outros.

A "Cidade de cimento" apresenta hoje uma série de *"descontinuidades, exceções na malha urbana e permeabilidade nas suas edificações e quarteirões"* ao contrário do que foi sendo planeado ao longo dos anos. (DUCA, 2018)

As áreas periurbanas, atualmente, têm sido alvo de algumas requalificações por parte do Estado, ONGs e investidores mas ainda há muitas intervenções a fazer, assim como na restante cidade de Maputo.

GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA

Na margem da baía, onde desagüam os rios Tembe, Umbeluzi, Matola e Infulene, a cidade de Maputo está situada a uma altitude média de 47 metros. Com 347.69 quilómetros quadrados, está a 120 quilómetros da fronteira com a África do Sul e a 80 quilómetros da fronteira com a Suazilândia.

Política e administrativamente, Maputo é um município, com governo eleito e, desde 1980, também uma província. O município está dividido em 7 distritos: KaMpfumo, Chamanculo, Maxaquene, Mavota, Mubukwane, Catembe e Inhaca.

O clima de Maputo é tropical seco: húmido de outubro a março e seco de abril a setembro. A percentagem de precipitação é elevada sobretudo nos meses de janeiro e fevereiro, assim como a média de humidade relativa: 50% a 77,8%. A média da temperatura máxima diurna é de 28,7º e mínima de 17,4º, registando a média anual de 23,4º. O mês de fevereiro é o mais quente e os meses de junho e julho os mais frios.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística¹⁰, verificou-se, desde 1997, um aumento demográfico na cidade de Maputo de 987.943 habitantes para 1.111.638 em 2007.

Da totalidade de habitantes, 36.5% tem a idade compreendida entre os 0 e os 14 anos, 60% entre os 15 os 59 anos, 3.5% tem a idade superior a 60 anos. A percentagem de habitantes do sexo masculino é menor, 48,7%, em relação aos habitantes do sexo feminino, 51,3%.

De acordo com um relatório divulgado em maio de 2016 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a esperança de vida dos moçambicanos aumentou para 57,6 anos, 12,6 anos acima do registado no ano 2000, embora esteja bastante longe da esperança média de vida mundial, de 71,4 anos.

A reduzida esperança média de vida em Moçambique, deve-se



[38] Maputenses a jogar às damas

¹⁰ Documento Recenseamento Geral da População e Habitação – Indicadores Sociodemográficos, Maputo, 2007

maioritariamente ao deficiente acesso à água potável, o que origina doenças diarreicas como a cólera, e à falta de saneamento adequado, usado apenas por moçambicanos, que origina doenças como a malária.

No censo nacional de 2007 realizado pelo INE, registou-se que apenas 16% da população tem acesso a água canalizada dentro de casa, 39,1% a água canalizada fora de casa ou no quintal e 44,9% extrai água não canalizada de outras formas.

No caso da mortalidade infantil, a falta de acesso a unidades sanitárias, gravidezes precoces e desnutrição crónica são os fatores principais. O vírus HIV/Sida, afeta 7,4 em cada 100 mil habitantes entre os 15 e os 49 anos e a tuberculose afeta 551 habitantes de todas as idades. Outro fator que contribui para a elevada mortalidade em Moçambique são os acidentes de viação que registam um rácio de 31,6 em cada 100 mil habitantes.

Em termos de educação, as taxas de frequência do ensino têm vindo a aumentar. 9.8% da população em Maputo é analfabeta, ou seja, não sabe ler nem escrever. No geral, as taxas de analfabetismo são mais elevadas entre as mulheres do que entre os homens e diminuem ao longo do anos, sendo que as faixas etárias mais altas registam maior taxa e as mais baixas, menor taxa.

A língua mais frequente é o Português, que é falado por 42.9% da população, seguida do Xichangana com 31.5% e do Xirhonga com 9.7%.

Neste censo foi considerado agregado familiar todo o *grupo de pessoas ligadas ou não por laços de parentesco, que vivem na mesma casa e compartilham as mesmas refeições (comida da mesma panela) e a maior parte das despesas da casa*. Na cidade eram 221.365 agregados familiares em 2007, mais 42.441 do que no censo de 1997. O número médio de pessoas por agregado familiar é de 4.9.

A maioria da população na cidade de Maputo vive em casas básicas¹¹,

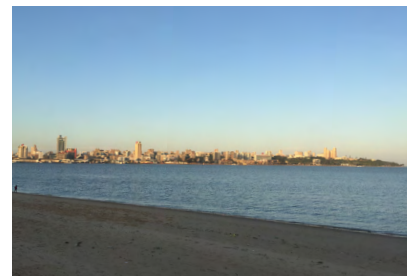
.....
¹¹ Casa básica (casa comboio) é uma unidade habitacional que só tem quarto(s) e não tem casa de banho nem cozinha. Podem ser também um conjunto de quartos que utilizam os mesmos serviços

correspondendo a 67.6% da população. 12.3% vive em casas mistas¹², 10.1% em flats¹³, 8.2% em casas convencionais¹⁴, 0.3% em casas improvisadas, 0.8% em palhotas¹⁵, 0.6% outros e 0.1% em parte de edifício comercial¹⁶. O tipo de habitação varia muito entre distritos.

Ainda se concluiu neste relatório que apenas 63% das habitações possuem eletricidade, enquanto as restantes utilizam Petróleo/Parafina/Querosene (29.4%), Velas (6.9%), Gerador/Placa Solar (0,2%), Baterias (0,2%), Lenha (0,1%) e outras (0,2%).

Maputo tem apenas 5,4% da população do país mas é responsável por 20,2% do PIB moçambicano. Os setores mais significativos são o de comércio, de transporte e comunicações e de indústria manufatureira contribuindo com 29,6%, 29,5% e 12,4% da produção nacional, de acordo com o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano (PNUD, 2006).

*Cidade cosmopolita, consciente da sua história e orgulhosa da sua identidade plural, Maputo procura construir um futuro melhor para os seus munícipes a fim de cumprir o seu sonho de ser uma cidade próspera, bela, limpa, segura e solidária.*¹⁷



[39] Cidade de Maputo vista de Catembe

(casa de banho, cozinha e água).

12 Casa mista é uma casa construída com materiais duráveis (bloco de cimento, tijolo, chapa de zinco/lusalite, telha/laje de betão) e materiais de origem vegetal (capim, palha, palmeira, colmo, bambu, caniço, adobe, paus maticados, madeira, etc.).

13 Flat/Apartamento é uma unidade habitacional que tenha quarto(s), casa de banho e cozinha, pertencente a uma unidade habitacional multifamiliar com 1 ou mais pisos, podendo ser um bloco ou conjunto de blocos.

14 Casa convencional é uma unidade habitacional unifamiliar que tenha quarto(s), casa de banho, cozinha dentro de casa, e construída com materiais duráveis (bloco de cimento, tijolo, chapa de zinco/lusalite, telha/laje de betão). Pode ser de rés-do-chão, mais 1 ou 2 pisos.

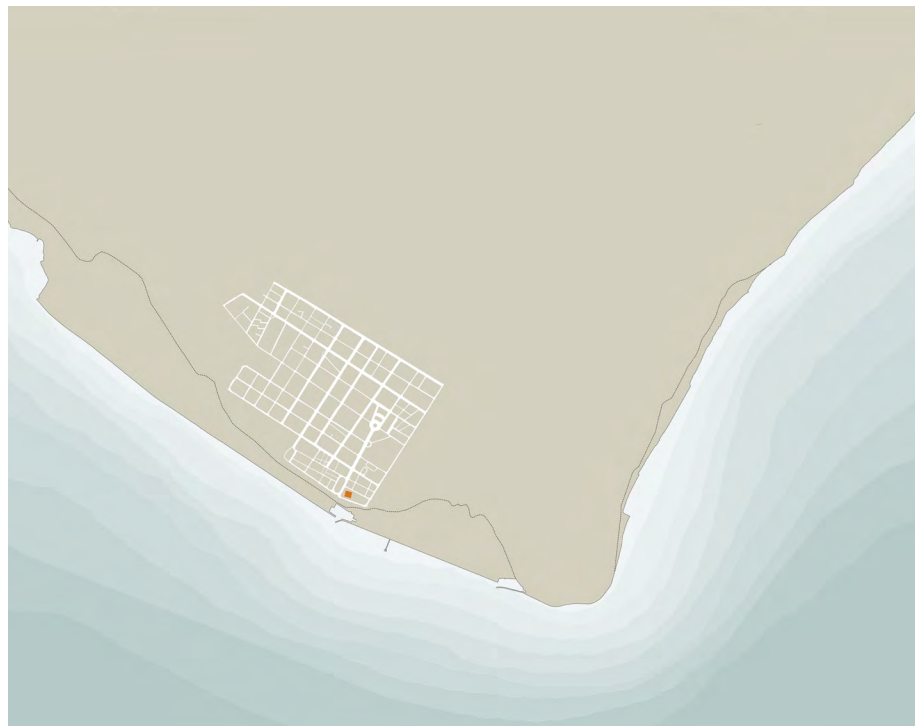
15 Palhota é uma casa cujo material predominante na construção é de origem vegetal (capim, palha, palmeira, colmo, bambu, caniço, adobe, paus maticados, etc.); Casa improvisada é uma habitação construída com material improvisado e precário, tal como papel, saco, cartão, atas, cascas de árvores, etc.

16 Parte de um edifício comercial é uma unidade de alojamento que faz parte dum edifício comercial. Não se nota uma separação entre a loja e a casa, ou seja, a casa é uma continuidade da loja.

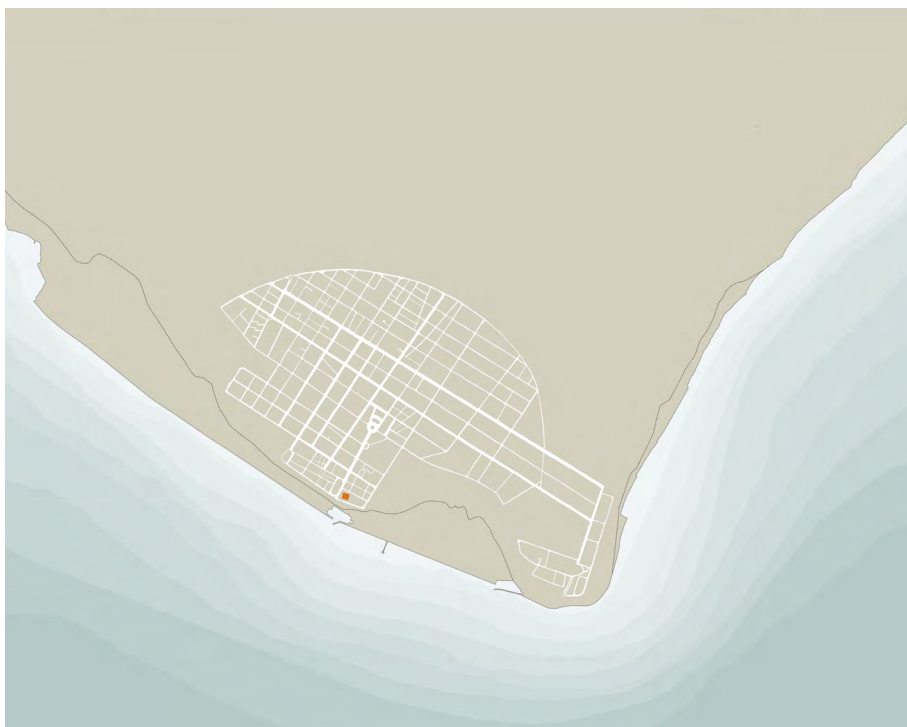
17 in <https://www.uccla.pt/membro/maputo>



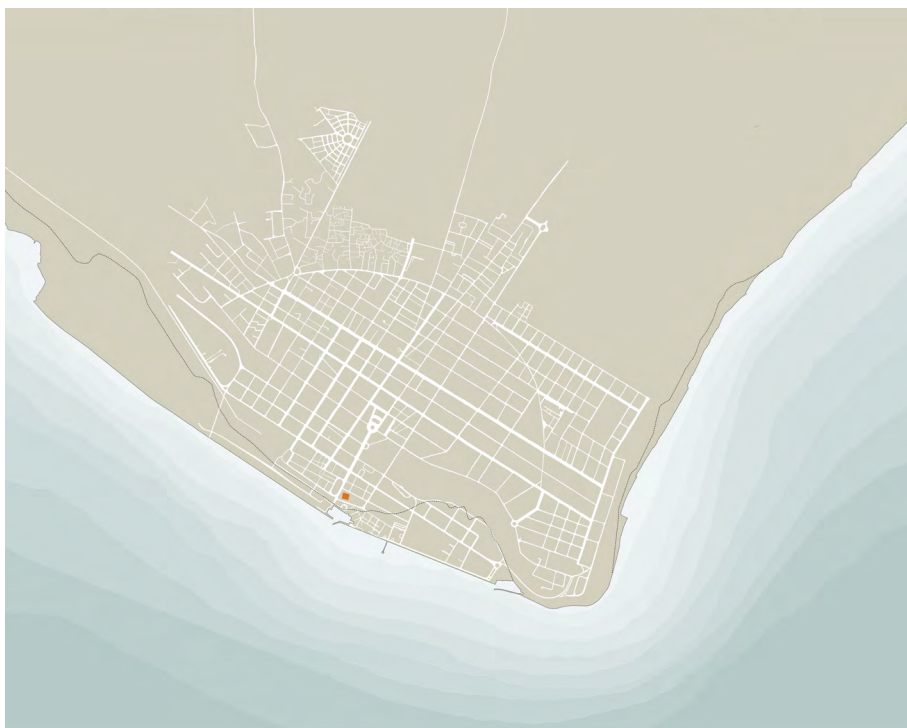
[40] Lourenço Marques 1876 (1 - Praça da Picota; 2 - Fortaleza; 3 - Pântano)



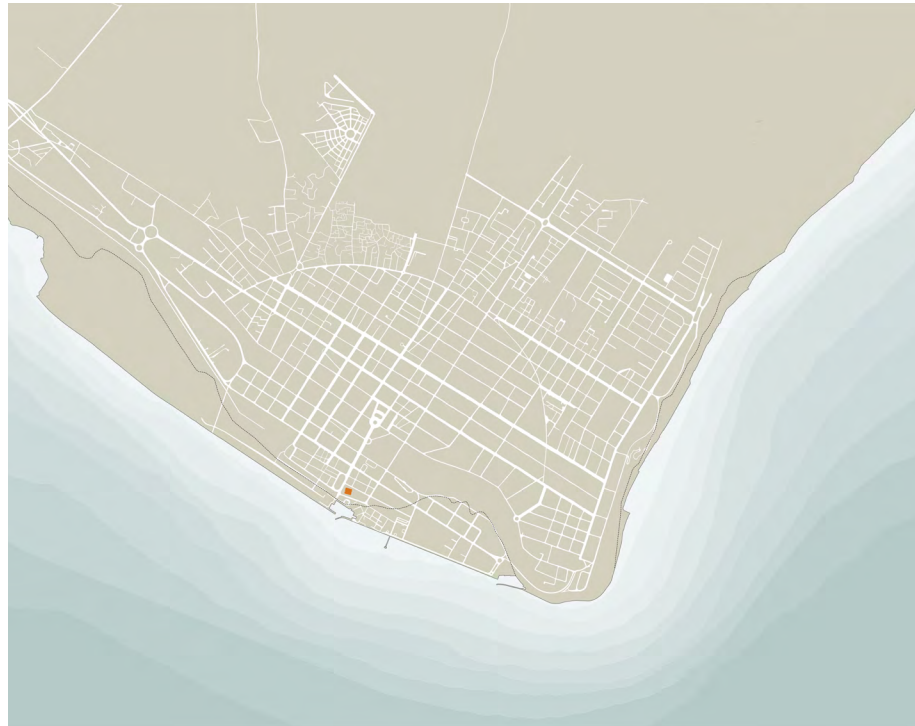
[41] Lourenço Marques 1887



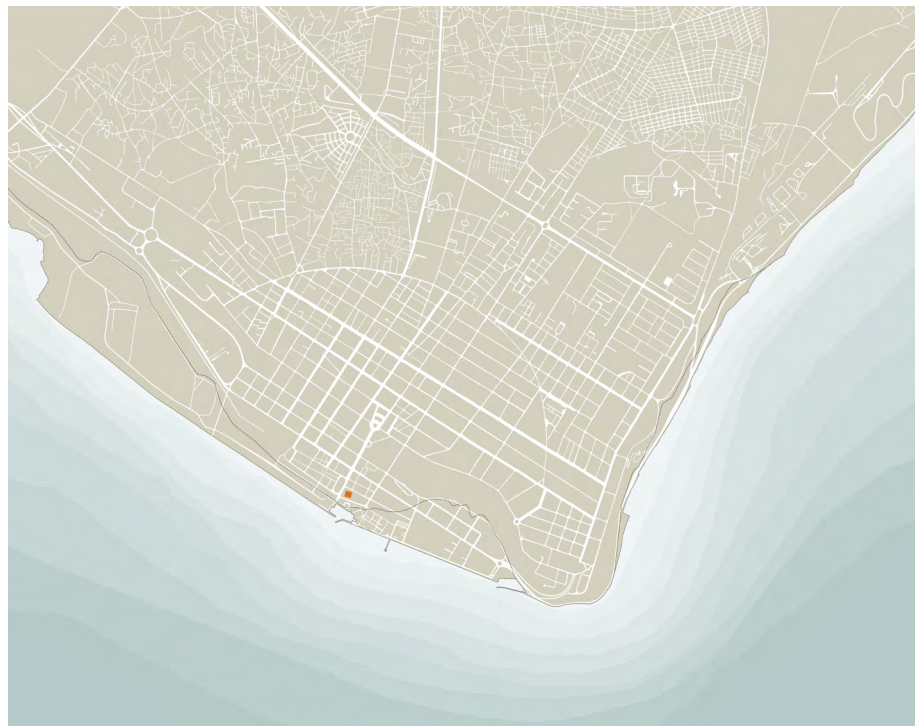
[42] Lourenço Marques 1900



[43] Lourenço Marques 1940



[44] Lourenço Marques 1955-75



[45] Maputo hoje



O BAIRRO
MAFALALA

2

*Considera-se a Mafalala o coração e a alma da cidade de Maputo devido ao papel que teve em vários momentos diferentes da história do país. A Mafalala produziu dois presidentes, um primeiro-ministro, a mãe e o pai da poesia moçambicana e o melhor jogador de todos os tempos.*¹⁸

CONTEXTO HISTÓRICO

O território correspondente à Mafalala que conhecemos hoje, pertencia à dinastia Mpfumo, uma unidade política que existia desde o séc. XVI, juntamente com as de Tembe, Inhaca, Libombo e Manhiça. Ali viviam pessoas provenientes da ilha de Moçambique, das ilhas do oceano Índico (Comores e Zanzibar), entre outros. Uns chegaram por vontade própria, à procura de uma vida melhor, outros foram trazidos pelos patrões. Eram marinheiros, alfaiates, artesãos, mainatos, soldados, cozinheiros e escravos.



[46] Localização do Bairro da Mafalala

Segundo Abassínia Aly, *os primeiros a chegar à Mafalala terão sido chefes desterrados das suas zonas de origem por se recusarem a pagar imposto ou terem oferecido resistência durante o período de ocupação efetiva. Mas a grande maioria vinha em processo migratório à procura de melhores condições de vida. Tinham duas mesquitas, a Cadria e a Chadulia, que eram locais de convivência social e de passagem de valores culturais no seio da comunidade.* (Laranjeira, 2016:63)

O surgimento e crescimento da Mafalala, assim como dos outros bairros periféricos, já conhecido no capítulo anterior, acompanhou sempre o crescimento acelerado da restante cidade.

Antes de ser conhecido como bairro da Mafalala, era conhecido como bairro da Munhuana porque havia uma lagoa de produção de sal, que em ronga se diz *munho*, portanto o local onde se produz o sal dizia-se *munhuana*.

Com a chegada dos primeiros imigrantes do norte, a etnia macua, chegou uma tradição. Todos os meses havia uma cerimónia na qual se dançava

¹⁸ Ana Cossa, da Associação Iverca, na visita guiada ao bairro realizada pela autora a 23 de fevereiro de 2019 [Em anexo]

a *Mfalala*. Quem vivia na cidade de cimento, para baixo da circunvalação, e queria ir assistir, não dizia que ia à Munhuana mas sim à Mafalala. O nome surge pela primeira vez em 1901 num álbum fotográfico publicado por Lazarus, no qual se referiu a grupo de dançarinos nos seguintes termos: *The Mafalala Kafirs Dance*.

Chegavam à Mafalala pessoas de diversas etnias, culturas e religiões e, até à independência, construíam as suas próprias habitações como e onde podiam. Recorriam ao que havia e, à medida que iam tendo outras necessidades e mais condições económicas, iam melhorando as habitações, tanto na qualidade dos materiais como na ampliação do espaço.



[47] Casa de madeira e zinco

Cresceram habitações com diferentes tipos de construção como alvenaria, palhotas, palhotas maticadas, madeira e zinco, caniço e zinco. As casas de alvenaria situavam-se mais perto dos eixos principais industriais e eram ocupadas por habitantes com mais posses e portanto, melhores empregos, normalmente brancos ou mulatos, estando a maioria dos negros no interior do bairro.

Todos os terrenos tinham proprietários pelo que, todos os que quisessem viver ou explorar as terras, tinham de pagar impostos, não tinham acesso à propriedade fundiária e ainda pagavam a renda ao proprietário que muitas vezes era o patrão para quem trabalhavam, maioritariamente não-africanos.

Agruparam-se por diversos fatores, que se mantiveram até ao séc. XX, como entidade patronal, profissão, locador (proprietário do terreno), local de origem, relações familiares, religião, cantinas entre outros. Apesar das diferenças e de terem espaços de socialização distintos, o relacionamento entre os grupos era amigável, havendo evidências de casamentos entre estes sem discriminação.

Em 1903, completou-se a estruturação da cidade como a conhecemos hoje e é traçada uma circunvalação que une o Palácio do Governador, na Ponta Vermelha este, à estação ferroviária a oeste, na frente ribeirinha. Foram traçadas três circunferências com centro na praça 7 de Março, com raios de um, dois e três quilómetros. O espaço entre a primeira circunferência, com dois quilómetros de raio e a segunda, com três quilómetros de

raio, correspondia à Xilunguine. O espaço entre a segunda e a terceira circunferência correspondia aos subúrbios.

Com charneira da Avenida Marien Ngouabi, os africanos foram obrigados a estabelecerem-se nos terrenos baldios exteriores à circunvalação. A criação desta circunvalação foi um claro marco de racismo. De 1920 a 1960, qualquer residente destes bairros tinha um passaporte chamado "Caderneta Indígena" que tinha que conter o carimbo da empresa para a qual trabalhava ou a assinatura do patrão no caso de trabalhar numa casa particular. Os indígenas só podiam atravessar a circunvalação até às nove da noite, caso contrário seriam presos e levados ao *chibalo*¹⁹ ou até mesmo ser deportado. Esta é talvez a marca mais forte deixada pelo tempo colonial, e que, embora hoje em dia já não funcione como uma barreira intransgressível, já ninguém esquece



[48] Planta da cidade com os arcos de circunferência, 1940

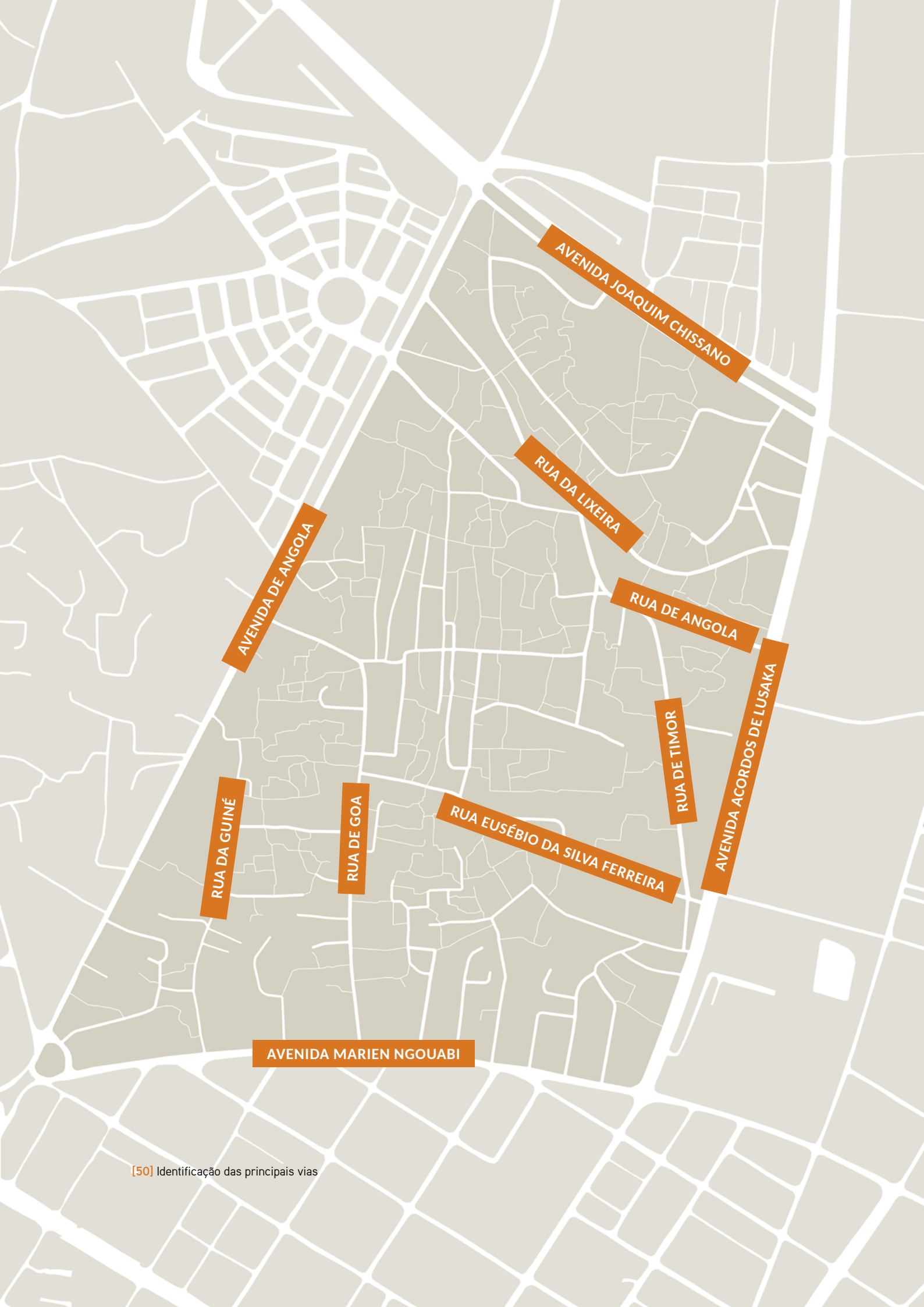


[49] Avenida Marien Ngouabi

Como consequência desta separação, houve uma ausência de investimento em infraestruturas viárias e sanitárias nos subúrbios e por isso surgiram as cantinas, uns armazéns comerciais, que abasteciam as comunidades mais necessitadas com bens alimentares. Numa primeira fase, existiam junto às minas e povoações rurais e vendiam apenas produtos alimentares. Mais tarde adicionaram-lhes novas funções visto que as localidades careciam de infraestruturas básicas como água e saneamento, atribuindo-lhes uma enorme importância na vida destas comunidades.

Por ser o bairro periburbano mais próximo da cidade, tornou-se um dos bairros da cidade com maior densidade populacional.

.....
¹⁹ Trabalho forçado



AVENIDA JOAQUIM CHISSANO

RUA DA LIXEIRA

RUA DE ANGOLA

RUA DE TIMOR

AVENIDA ACORDOS DE LUSAKA

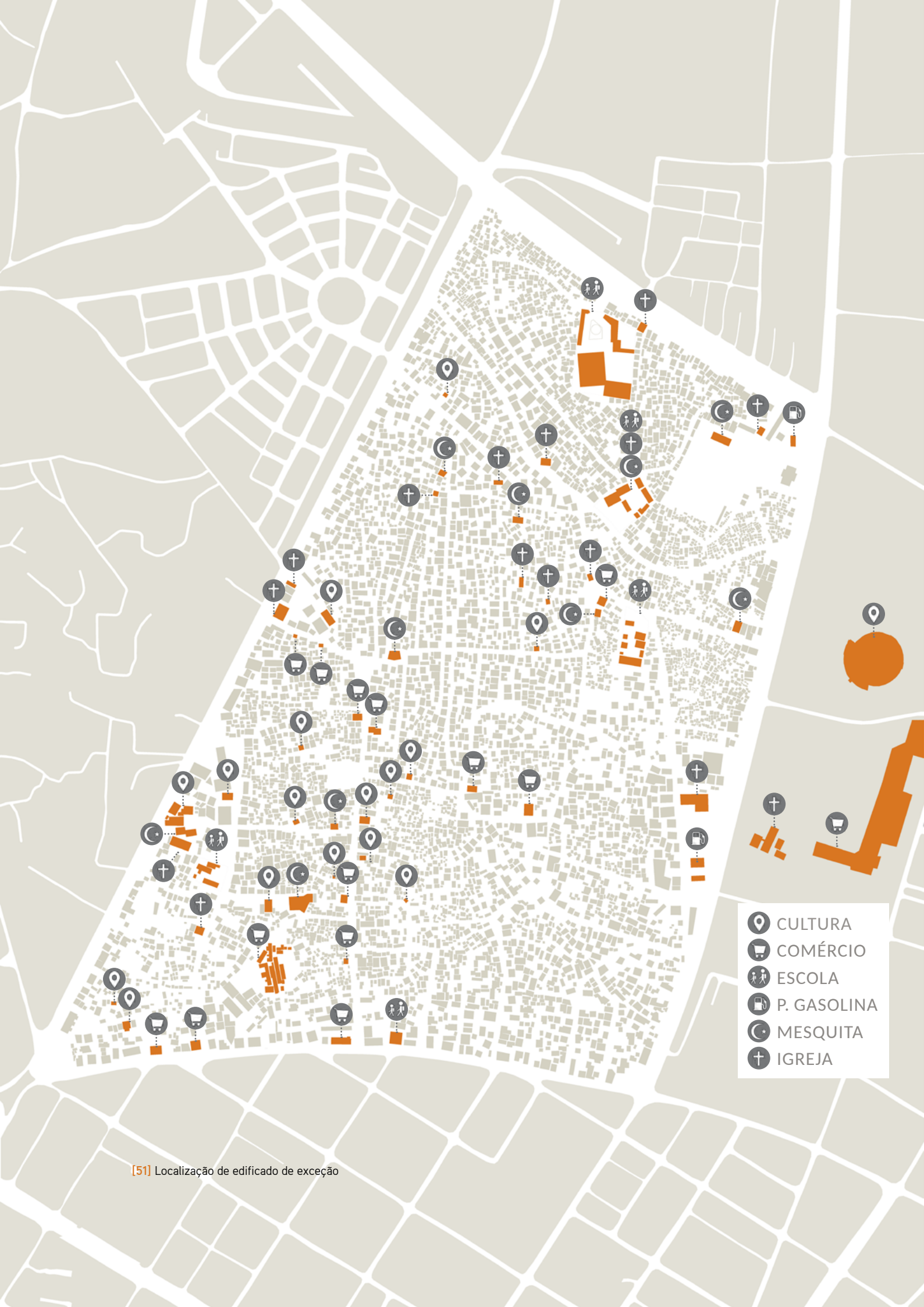
RUA EUSÉBIO DA SILVA FERREIRA

RUA DE GOA

RUA DA GUINÉ

AVENIDA DE ANGOLA

AVENIDA MARIEN NGOUABI



-  CULTURA
-  COMÉRCIO
-  ESCOLA
-  P. GASOLINA
-  MESQUITA
-  IGREJA

[51] Localização de edificado de exceção





[53] Principais vias e entradas





ANÁLISE MORFOLÓGICA E ARQUITETÓNICA

O bairro é limitado por quatro grandes avenidas: a Avenida Marien Ngouabi que é a antiga circunvalação, a Avenida de Angola que faz a ligação com o aeroporto, a Avenida Joaquim Chissano e a Avenida Acordos de Lusaka.

Em termos viários, tem dez entradas principais: três a sul, quatro a oeste e três a este. A Rua da Guiné e a Rua de Goa são as vias principais e mais antigas que ligam a Avenida de Angola à Avenida Marien Ngouabi. (Laranjeira, 2016:127)

A norte as ruas de Angola e da Lixeira ligam a Avenida de Angola e a Avenida Acordos de Lusaka no sentido oeste-este, onde intercetam as ruas de Timor e Eusébio da Silva Ferreira.

Apesar de extenso e preenchido de ruas, vielas e becos, as distâncias entre os diferentes pontos de interesse do bairro são curtas e a maioria das pessoas circula a pé.

Na Rua de Goa situa-se o Campinho, principal ponto de encontro dos habitantes de todas as idades. As crianças jogam à bola, os adultos bebem um refresco nos bares e os idosos jogam damas e conversam.

O Mercado da Mafalala, situado entre as ruas da Guiné e de Goa, é o local onde a maioria dos habitantes se abastece dos bens essenciais.

Há ruas de todas as larguras, desde as mais largas onde se concentram diversos pontos de comércio informal até às mais estreitas onde cabe apenas a largura de um corpo.

A maioria das ruas não são pavimentadas, são compostas de terra encarnada irregular e esburacada. Não existem passeios nem locais destinados ao estacionamento das viaturas. Dentro do bairro circulam carros e *txopelas*²⁰ em velocidade controlada e estacionam nas bermas, sem grande regra.

.....
²⁰ Uma *txopela* é um triciclo motorizado muito usado em Moçambique como transporte público. É um género de táxi mas mais rápido, porque ultrapassa os outros veículos como os motociclos, muito mais barato para os clientes e mais amigo do ambiente.



[56] Crianças mafalalenses



[57] Rua da Guiné



[58] Campinho



[59] Mini merceria



[60] Comércio informal



[61] Vala a céu aberto



[62, 63 e 64] Casa do bairro



[65 e 66] Cores e padrões

As valas para águas pluviais são partilhadas com as águas sujas e passam paralelas às ruas, a maioria a céu aberto.

Em termos de construção, podemos encontrar diversos tipos, referentes às diferentes épocas de assentamento: madeira e zinco, alvenaria de adobe, cimento e betão. As casas de madeira e zinco são hoje consideradas património cultural pelo que se tem feito um esforço por manter as que ainda podem ser recuperadas.

A arquitetura é precária e a pobreza salta à vista no primeiro instante da visita ao bairro mas a variedade de materiais e técnicas de autoconstrução cria uma vasta paleta de cores e padrões.

Hoje em dia, ao percorrer a Mafalala o visitante depara-se com a precariedade e degradação em que se encontra a maioria do espaço urbano e habitacional. Mas, com um olhar mais atento, vai-se apercebendo da existência de uma enorme riqueza sociocultural a cada virar de esquina. À medida que se penetra nas estreitas e labirínticas vielas, definidas pelos perímetros parcelares já descritos, e nos largos que as pontuam, vai-se sentindo o espírito do local formado por mais de um século de história e encontros de culturas. A diversidade sociocultural daí resultante encontra-se materializada em muitos pormenores que distinguem a Mafalala de outros espaços (sub)urbanos da cidade. (Laranjeira, 2016)

De acordo com o plano urbano português que dividia a cidade em duas partes, foi imposto que, nas zonas dos subúrbios, se construíssem as casas em madeira e zinco por ser material precário e para ser de fácil remoção quando a cidade de cimento se expandisse.

As características das casas dependiam categoria social da família. Eram indígenas, mulatos e assimilados. que eram distinguidos pelo aspeto da sua casa. Se tivesse uma as pessoas que lá viviam eram consideradas importantes e eram respeitadas.

Os indígenas viviam em casas de uma água sem qualquer conforto. Os mulatos tinham maior liberdade na cidade de cimento e maior importância no bairro. A casa típica dos assimilados tinha cobertura de duas águas, varanda e escada exterior. Os assimilados tinham que ser negros moçambicanos,

ter mais de 18 anos, saber falar e escrever português e comer iguarias portuguesas usando talheres sentados à mesa. Tinham empregos na estação de caminhos-de-ferro e os seus filhos frequentavam a escola.

A categoria de assimilado era ambicionada pelos moçambicanos mas não era bem vista no bairro porque eram considerados informadores do governo.

Ainda surgiram no bairro casas de quatro e seis águas construídas por indianos e chineses que, por não poderem pagar uma renda na cidade, foram viver para o bairro.

Um dos edifícios importantes deste bairro é a cantina onde Noémia de Sousa e os seus amigos se encontravam para conversar, à qual deram o nome *Le chat noir* ou *Gato Preto*. Era na cantina que os trabalhadores da estação de caminhos-de-ferro se encontravam depois do trabalho e onde surgiu o nome da música moçambicana. Um guitarrista chamado Daiko que tocava na cantina, fazia qualquer pessoa levantar-se para dançar e à medida que tocava na guitarra, dizia *arrebenta, arrebenta, arrebenta* até as cordas rebentarem, dando origem ao nome *marrabenta*.

Hoje em dia a Mafalala tem duas escolas primárias: a Unidade 22 e a Unidade 23. Em visita à Escola Unidade 23, num sábado, a guia Ana diz que a escola está sempre aberta e cheia de crianças. Foi com as visitas guiadas que a Associação Iverca recolheu fundos para reformular a casa de banho, construir uma biblioteca e ainda pagar a um contínuo para manter a escola limpa, a um guarda e a um ajudante de administração.

Recebem no total cerca de mil crianças por dia, divididas em três turmas: das 6h às 10h, das 10h às 13h e das 13h às 17h. Leciona o ensino primário completo, do primeiro ao sétimo ano num total de seis salas de aula.

A Massjid Baraza, que significa *Mesquita do Banco*, foi a primeira mesquita do bairro e é hoje a mais emblemática. É uma casa de quatro águas com um pequeno banco ao lado que servia de ponto de encontro. Não tem a arquitetura de uma mesquita porque, no tempo colonial, quando foi construída, era proibido professar outra religião que não fosse a católica. Construiu-se esta mesquita clandestina disfarçada como uma associação de imigrantes.



[67] Dançarinas de marrabenta, 1950



[68] Mural pintado no interior da Escola pela Associação Iverca



[69] Crianças no recreio da escola



[70] Mesquita Baraza

São vários os edifícios históricos do bairro e a maioria tem vindo a sofrer de degradação tornando-se urgente a intervenção na preservação destes elementos do património.

Com o crescimento económico da capital e do país, aumenta a pressão imobiliária e o património material e imaterial do bairro é ameaçado. Com poucos recursos humanos, técnicos e financeiros, as autoridades locais, municipais e governamentais dificilmente impedem este processo. O valor dos terrenos na Mafalala está a aumentar e os residentes locais subdividem os seus terrenos para poderem vender, o que aumenta a densidade em todo o bairro.

Tem havido reflexões sobre o futuro do bairro por parte de alguns de profissionais na área da arquitetura e urbanismo bem como associações, nomeadamente a IVERCA.

Remígio Chilaule, arquiteto, urbanista e ativista comunitário moçambicano, juntamente com o arquiteto, urbanista e investigador Johan Mottelson, realizaram um estudo acerca do desenvolvimento futuro dos assentamentos informais em África.

O livro *Futuros da Mafalala*, lançado em 2018, reflete exatamente sobre três hipotéticos cenários de crescimento urbano e as suas vantagens e desvantagens a fim de encontrar a melhor solução para este tipo de bairro e esta vir a ser implementada num curto espaço de tempo. Para este estudo escolheram uma parcela de 100x100m e em todos os cenários, usou-se a mesma densidade populacional e a mesma área de construção.

A primeira situação, intitulada pelos autores como *crescimento não-regulado* é a situação atual na qual o bairro se desenvolve sem um planeamento.

O segundo cenário, a *intervenção radical*, propõe o desalojamento e reassentamento de todos os habitantes em unidades densas, de vários andares, situação que já foi implementada noutros países africanos e mesmo em Portugal, os chamados *bairros sociais*.

A terceira e última hipótese é a proposta dos autores chamada *requalificação*

consciente no contexto. Reflete a importância da avaliação cuidada de cada quarteirão para adaptar o tipo de necessidades e consequente, de edifícios a implementar. O resultado seria um plano mais orgânico mas com alguma regra, com variedade de tipologias, adaptando-as às circunstâncias sociais e económicas do quarteirão e de quem lá vivesse.



[71] Parcela escolhida para o estudo



[72] Cenário 1: crescimento não-regulado



[73] Cenário 2: intervenção radical



[74] Cenário 3: requalificação consciente no contexto

Segundo Remígio Chilaule, entrevistado pela autora, o Município tem vindo a realizar alguns planos de urbanização em alguns bairros mas só cerca de 2% são de facto implementados. A Mafalala não foi um desses bairros, apenas teve a intervenção do Banco Mundial na abertura das valas na Rua Eusébio da Silva Ferreira.

Há muito trabalho a fazer na preservação da herança do Bairro da Mafalala

para dá-la a conhecer a moçambicanos e estrangeiros mas sobretudo para melhorar as condições de vida destes habitantes, desde as infraestruturas, aos equipamentos e habitações.

BAIRRO MULTICULTURAL

Um aspeto a destacar na coabitação dos moradores da Mafalala é o facto de os diferentes grupos étnicos conviverem entre si e respeitarem as práticas culturais de cada um sem conflitos e imposições de espécie alguma como provam os vários casamentos mistos que se verificaram entre os seus habitantes, reveladores da tolerância e da harmonia existentes. (Issulay Bino Hagy in Laranjeira, 2016:87)

Em Moçambique encontram-se vários grupos étnicos e fala-se um total de 23 línguas. No bairro falam-se cerca de 18 línguas distintas porque ao longo dos anos passaram pessoas de muitas nacionalidades, brancos, negros e mulatos. *A Mafalala instituiu-se como um notável ensaio laboratorial de coabitação multiétnica, multicultural e plurirracial. Convenhamos, tudo isso de forma não programada e de certo modo contraditória, para não dizer surpreendente, dadas as características da colonização portuguesa em Moçambique, profundamente segregacionista e hierarquizadora. (Laranjeira, 2016:25)*

Na Mafalala passaram grandes figuras da política moçambicana, como Samora Machel, Joaquim Chissano e Pascoal Mocumbi, da literatura, como José Craveirinha e Noémia de Sousa, poeta de Moçambique, os irmãos Albazine, fundadores do Brado Africano e o jogador Eusébio da Silva Ferreira que se revelou um dos grandes nomes do futebol português.

Na poesia e jornalismo, destacam-se Noémia de Sousa e José Craveirinha, que defenderam a liberdade do povo moçambicano e, porque cuidaram e quiseram o bem para a sua comunidade, tal como os pais com os seus filhos, tornaram-se a mãe e o pai da poesia moçambicana.

Noémia nasceu em 1926 e por ser mulata tinha acesso à cidade de cimento sem restrição de horário, só não podia pernoitar lá, ao contrário dos negros. Vivia com a sua mãe na Mafalala e quando o pai as visitava trazia-lhe postais e revistas com poemas de amor.

Noémia viu que aquilo que vivia no seu seio familiar não era a realidade da restante comunidade do bairro por isso aos 15 anos, juntamente com Orlando Mendes e José Craveirinha, começa a escrever manifestos políticos através de poemas que colavam nas paredes do bairro. Nesta altura a comunidade



[75] Noémia de Sousa, em baixo ao centro, com a sua família



[76] José Craveirinha com Noémia de Sousa

indígena era maioritariamente analfabeta portanto o esforço dos três amigos foi em vão.

Decidem escrever uma carta ao governador reivindicando a sua liberdade e Noémia é presa, podendo escolher um de dois destinos: ficar presa em Moçambique e continuar com os manifestos políticos ou ir para o exílio em Lisboa. Noémia escolhe ir para Portugal e fica numa casa de estudantes onde passa a ser conhecida como Carolina Noémia Abranches de Sousa.

Durante o tempo do exílio trocava cartas com Craveirinha com mensagens banais e em anexo enviava poemas com mensagens políticas subentendidas, que vieram a tornar-se símbolos nacionalistas africanos. Viveu em Lisboa, viajou pelo continente africano para colaborar nas lutas pela independência de vários países, voltou a Lisboa e faleceu em Cascais. A sua casa na Mafalala sofreu um incêndio e a família não chegou a recuperá-la.



[77] Mulheres cantam e dançam na saída da noiva num casamento no bairro

Na música, destaca-se a marrabenta, que surgiu na década de 30 do séc. XX na cantina no bairro, pelas mãos do guitarrista Daiko, como mencionado no subcapítulo anterior. A maioria das letras das músicas contavam situações do dia-a-dia nos bairros periféricos como por exemplo os vícios, problemas conjugais e a luta pela liberdade do país.

O Tufo da Mafalala é ainda hoje uma atração turística no bairro porque reúne na dança um conjunto de mulheres vestidas de capulanas²¹ de cores vivas e rostos pintados com de mussiro²². É uma dança de carácter religioso e antigamente era executada apenas em rituais muçulmanos.

A Associação Iverca é uma ONG moçambicana fundada para promover o turismo, a cultura e o meio ambiente no bairro e tem o *grande sonho de transformar a Mafalala na maior referência de Maputo*. (Laranjeira, 2016:15) Em regime de voluntariado, cerca de trinta jovens, maioritariamente estudantes e residentes no bairro, trabalham na associação para dar resposta aos desafios



[78] Mural pintado com Tufo da Mafalala

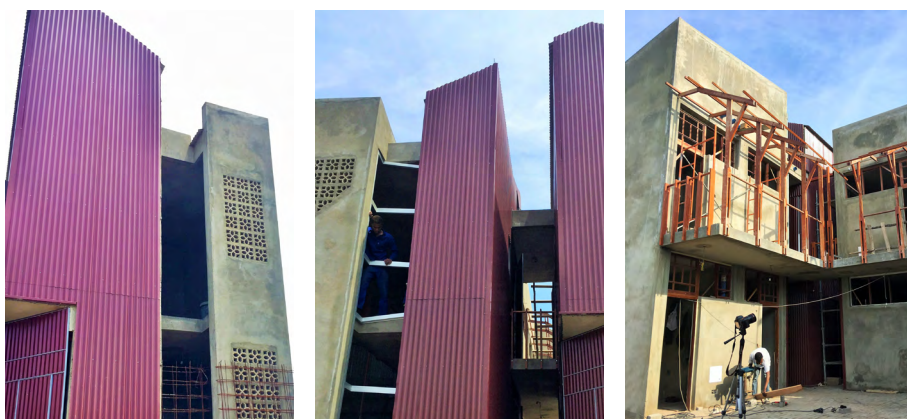
.....
²¹ Pano retangular com desenhos coloridos usado tradicionalmente pelas mulheres moçambicanas para cobrir o corpo ou a cabeça, para transportar um bebé ou até para usar como toalha de mesa. Tornou-se o símbolo da mulher moçambicana.

²² Máscara branca natural utilizada no rosto das mulheres. Hoje em dia é utilizada apenas para embelezar a pele mas antigamente era utilizada pelas mulheres macuas e a forma como era aplicada, variava consoante o estado civil.

socias e de infraestruturas. Procuram parceiros, organizam programas de voluntariado, de serviço comunitário e organizam visitas guiadas e atividades para os turistas que queiram conhecer a rica história da Mafalala.

Diz Ana Cossa, na visita guiada, que ao longo dos anos, com todas as visitas e eventos que a associação já realizou, conseguiu angariar fundos para ajudar no melhoramento do bairro, como as obras da escola primária, a limpeza das valas e mais recentemente, para construir o novo Museu da Mafalala. Este projeto visa preservar o património histórico do bairro e dar a conhecê-lo.

O edifício conjuga três tipos de materiais de construção: a madeira e zinco que representam o passado, o cimento que representa o presente e o vidro que é o futuro.



[79, 80 e 81] Museu da Mafalala ainda em construção

Também por iniciativa da Iverca, em 2007, surgiu o Festival da Mafalala que acontece anualmente e tem um programa que abrange diversas actividades como seminários e workshops, concertos, exposições de fotografia, cinema actividades infantis, entre outros. O objetivo é que os moradores possam partilhar as suas memórias com pessoas de outras gerações, bairros e até nacionalidades. Até 2018 realizaram-se onze edições.



O CONTEXTO
A RELIGIÃO

3

UM BAIRRO, DIVERSAS RELIGIÕES

Havia na Mafalala uma miscelânea de raças e etnias. Pois tínhamos chineses, indianos, na sua maioria comerciantes, macuas e gregos, estes na sua maioria padeiros. Era o caso das famílias Papucides, Eskiakis, Esculudes e Adrianopoulos. A convivência era sã e sem problemas de qualquer espécie. (Laranjeira, 2016:89)

*Respeitamo-nos mutuamente, não temos nenhum tipo de preconceito.*²³
(Ussene, 2019)

Lugar de diversidade cultural, étnica e religiosa, o bairro da Mafalala é hoje um exemplo de convivência entre os habitantes. O respeito e a tolerância pela diferença atribuem a este bairro uma vivência de paz. Para este projeto, abordar-se-á o tema da diversidade cultural mas sobretudo da diversidade religiosa. Sabe-se que a religião é um dos fatores de maior discórdia e conflito mundial mas que em muitos casos também é motivo de união. É precisamente esse o ponto de partida: criar um espaço onde coabitem todas as diferenças.

Para iniciar este capítulo, comecemos por entender este contexto da religião. A palavra deriva do latim religio e significa: *Culto prestado à divindade; Doutrina ou crença religiosa; O que é considerado como um dever sagrado; Reverência, respeito; Escrúpulo; Comunidade religiosa que segue a regra do seu fundador ou reformador.*²⁴

Religião é a fé, veneração e obediência a um ou vários deuses, expresso de várias formas como orações, celebrações e oferta de sacrifícios. É também um conjunto de princípios, crenças e prática de doutrinas religiosas baseadas em livros sagrados, para a conduta individual e social. Os que seguem uma religião denominam-se crentes ou fiéis, os que não seguem nenhuma religião específica mas podem acreditar num deus denominam-se agnósticos e os que não acreditam em qualquer deus ou poder sagrado denominam-se ateus.

.....
²³ Amina Ussene em entrevista realizada pela autora no Bairro da Mafalala

²⁴ Definição do dicionário Priberam

Segundo o Worldwide Independent Network, 63% da população mundial são religiosos, 22% são agnósticos e 15% são ateus. A religião Cristã ocupa o primeiro lugar nas três maiores religiões do mundo com cerca de 2,2 bilhões de fiéis, seguida da religião Islâmica com 1,6 bilhões e da religião Hindu com 900 milhões.

Tendo em conta a sua origem, podemos classificar as religiões da seguinte forma: religiões abraâmicas – Cristianismo, Judaísmo, Islamismo – que têm origem em Abraão e são monoteístas porque crêem num só Deus; religiões de origem indígena e africana, que creem em diversas divindades e espíritos e são por isso politeístas; religiões do Extremo Oriente – Hinduísmo, Budismo, Taoísmo, Confucionismo e Xintoísmo – que formaram tradições e filosofias religiosas através dos seus fatores culturais.

Em Moçambique, no ano 2007, o Instituto Nacional de Estatística inquiriu toda a população e concluiu que 71,3% pertencia à religião cristã (inclui as vertentes católica, anglicana, zione e evangélica), 5,3% à religião islâmica, 8,2% a outras religiões, 0,9% a religiões desconhecidas e ainda que 14,3% não tinha religião.

Distritos	Total	RELIGIÃO								N
		Católica	Anglicana	Islâmica	Zione/ Sião	Evangélica/ Pentecostal	Sem religião	Outra	Desconhecida	
Total	100	23,2	1,8	5,3	25,2	21,2	14,3	8,2	0,8	1 094 628
KaMpfumu (DM1)	100	46,7	1,8	18,9	4,4	8,5	9,7	9,0	1,0	108 096
Nlhamankulu (DM2)	100	23,3	2,1	7,5	19,6	20,1	19,8	6,8	0,8	154 272
KaMaxakeni (DM3)	100	20,4	1,3	4,2	26,6	25,3	15,5	5,9	0,8	223 628
KaMavota (DM4)	100	18,7	1,3	2,9	32,1	23,8	11,3	9,1	0,8	293 270
KaMubukwana (DM5)	100	21,0	2,5	2,7	27,7	20,7	15,0	9,6	0,8	290 775
KaTembe (DM6)	100	21,3	2,2	3,7	26,7	22,9	15,0	7,6	0,6	19 371
KaNyara (DM7)	100	8,7	0,7	0,9	40,1	10,4	25,4	12,5	1,3	5 216

[82] Quadro da distribuição percentual da população por religião segundo os distritos de Maputo, Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, Censo 2007

Inicialmente este projeto incluía quatro religiões: as três abraâmicas – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo – e ainda o Hinduísmo. Em fevereiro de 2019, após a visita ao Bairro da Mafalala e segundo a entrevista (em anexo) à jovem muçulmana Amina Ussene, residente no bairro, concluiu-se que o Judaísmo e o Hinduísmo não têm uma presença significativa no bairro pelo que este estudo passou a incidir apenas na religião muçulmana e na religião cristã. Como afirmou Amina, *Não, não temos judeus. Hindus não temos, só temos indianos paquistaneses e indianos muçulmanos.*

Os muçulmanos estão representados, maioritariamente, pelas vertentes sunita e os cristãos pelas vertentes católica, evangélica e zione, sendo que esta última é específica de Moçambique e que o objetivo deste centro é atrair fiéis de todo o mundo, não será incluída neste projeto.

Dentro do bairro, os habitantes reconhecem outras culturas, línguas, etnias e religiões existentes no bairro e mantêm uma relação de respeito e tolerância entre si.

●●●●●●●● CRISTIANISMO

O Cristianismo é uma religião monoteísta abraâmica²⁵ que surge como ramificação do judaísmo e que acredita que Deus se fez homem, em Jesus Cristo, e veio à terra para nos salvar. Para os cristãos, Deus é único, todo-poderoso, onnipresente, onnipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Acreditam que Ele regressará para julgar os vivos e os mortos e que no seu reino haverá vida eterna. Hoje, em todo o mundo, reúnem-se cerca de 2,2 biliões de cristãos.

Segundo a crença cristã, Jesus Cristo foi concebido por Deus no seio da Virgem Maria, que era casada com José. Em Belém, Cristo veio ao mundo para pregar a palavra de Deus mas foi perseguido e aos 33 anos foi crucificado por aqueles que não acreditavam nos seus ideais. Morreu na cruz para salvar a humanidade, por amor. Sofreu e morreu por todos os que fossem batizados em Seu nome e procurassem os valores e ensinamentos que Ele pregou. *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.*²⁶ O Deus é único e é representado por três partes, a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Na fé cristã celebram-se várias datas, sendo as principais: o nascimento de Jesus, a 25 de Dezembro, chamado Natal, a sua ressurreição, a Páscoa, que tem data móvel e o Pentecostes, os cinquenta dias depois da Páscoa, que simboliza a vinda do Espírito Santo. Cada vertente do cristianismo celebra estas datas de maneira específica. O Domingo é considerado o dia santo no qual os cristãos não trabalham e participam na eucaristia.

.....
²⁵ Religião com origem em Abraão tal como o Islamismo e o Judaísmo

²⁶ Bíblia Sagrada, João 14:6

Embora existam várias vertentes do cristianismo, podemos destacar como principais as Igrejas Católica, Ortodoxa e Protestante.

Em 1054 houve um cisma entre as Igrejas Cristãs onde, por um lado, o Catolicismo permaneceu submetido à autoridade papal e por outro lado, houve uma união de várias igrejas orientais em torno do poder do Patriarca de Constantinopla, surgindo assim a Igreja Ortodoxa. O Protestantismo surgiu com o Movimento de Reforma²⁷.



[83] Basílica de S.Pedro, Roma

A Igreja Católica é liderada pelo bispo de Roma, o Papa, sucessor do apóstolo Pedro, que assume o lugar de Jesus como líder visível da Igreja. Na hierarquia da igreja, a seguir ao Papa estão os cardeais, eleitos pelo Papa, seguidamente os bispos das dioceses, os padres e párocos das paróquias e por fim os diáconos.

Os católicos creem que o homem não pode ser salvo apenas pela sua fé, apenas em Cristo, e por isso são necessárias boas obras para complementar a fé. A vida de um cristão é marcada por sete sacramentos, em diferentes fases da sua vida, que o levarão, segundo esta crença, à salvação e ao Reino de Deus. São eles: Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Extrema-unção, Ordem e Matrimónio.



[84] Eucaristia

Na Eucaristia celebra-se a última refeição de Jesus com os seus discípulos na véspera da sua crucificação. É presidida por um sacerdote e representa a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Certas doutrinas como a existência do purgatório fazem parte apenas da fé Católica Romana, mas a adoração aos santos e a Maria, por exemplo, é comum entre as Igrejas católica e ortodoxa.

A Igreja Ortodoxa professa nove sacramentos, os mesmos sete da Igreja Católica mais o jejum e doações. É muito semelhante ao catolicismo nas celebrações e rituais, sendo a principal diferença, a obediência ao Patriarca, negando a liderança do Papa. Não são permitidas imagens esculturais na decoração das igrejas, apenas pinturas. Os padres podem contrair

.....
²⁷ Surgiu no séc. XVI, liderado por Martinho Lutero, um monge católico, na Alemanha. Este movimento criticava e punha em causa várias ações e doutrinas da Igreja Católica. Através de 95 teses, Lutero propôs a reforma do catolicismo e surgiu o Protestantismo.

matrimónio, desde que anteceda a ordenação.

No Protestantismo incluem-se os luteranos, calvinistas, anglicanos, presbiteranos, batistas e evangélicos. A salvação é um dom gratuito que pode ser alcançado apenas por meio da fé, enquanto as boas ações são vistas como resultado e não como instrumento para atingir o perdão. Na Igreja Protestante apenas se professam os sacramentos do batismo e da eucaristia. Os Pastores são homens casados, ao contrário do catolicismo, e celebram os cultos, dirigem as igrejas locais e cuidam das suas necessidades espirituais.

A questão *pós-morte* é também motivo de diferença entre as várias vertentes do Cristianismo pois para uns, por se ser justificado por Cristo, quando se morre, vai-se diretamente para o céu para estar na presença do Senhor. Para outros, existe o purgatório, local onde aqueles que não estão totalmente livres dos pecados, permanecem para punição até irem para o céu ou para o inferno.

Existem alguns símbolos em comum tais como: o ictus, em forma de peixe, que simboliza a presença de Deus, a Cruz que simboliza a morte de Jesus para salvar a humanidade, e o pão e vinho ou o trigo e as uvas que simbolizam a última ceia de Jesus antes de morrer e ressuscitar.

A Bíblia é o livro sagrado do Cristianismo, composto por diversos textos, e divide-se em duas partes: o Antigo Testamento, com os acontecimentos antes do nascimento de Jesus e o Novo Testamento, com os acontecimentos depois do nascimento de Jesus. Partilha uma parte das escrituras com a religião judaica.

Na cidade de Maputo, segundo os censos de 2007, 71,3% da população é cristã. Em maior percentagem estão os cristãos pertencentes à Igreja Zion ou Sião, com 25,2%. Esta vertente do cristianismo surgiu na África do Sul no princípio do século XX sob influência norte americana e procura a cura através de espíritos e exorcismos. A religião católica representa 23,1% dos maputenses, a evangélica 21,2% e a anglicana, 1,8%, os dois últimos pertencentes ao Protestantismo.

ISLAMISMO ●●●●●●●●

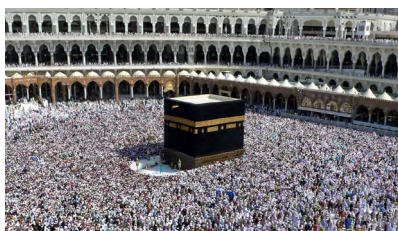
A religião islâmica surgiu em Meca após o nascimento do profeta Maomé e centra-se na sua vida e ensinamentos. Obedece às regras e desejos de um só Deus, *Alá* em língua portuguesa ou *Allah* em língua árabe, sendo por isso, monoteísta.

O profeta Maomé, *Muhammad* na língua árabe, nasceu em Meca, Arábia Saudita, por volta do ano 570 d.C. no seio de um ramo da tribo Coraixitas. Era descendente de Abraão e aos 40 anos recebeu a visita do Anjo Gabriel, enviado por Deus, que lhe ordenava que recitasse a palavra do Senhor. Começou então a pregar nas ruas de Meca a favor da Unidade de Deus, contra a idolatria e a favor do dever de fazer justiça e cuidar dos pobres. Inicialmente, apenas os membros menos influentes da sociedade o seguiram pois os homens importantes de Meca consideravam-no uma ameaça à sua riqueza e posição social.

As mensagens de Maomé foram repetidas e memorizadas, formando a essência do Alcorão²⁸. A submissão ao Criador, Alá, deu origem aos nomes *islão* e *muslim*²⁹. A pregação de Maomé incluiu narrativas de profetas anteriores como Adão, Moisés e Noé³⁰ e referências aos povos primitivos e suas punições. Surgiram algumas regras para o culto, o jejum, a caridade e a peregrinação que, juntamente com a fé, formam os pilares do Islamismo.

Em 622 Maomé migrou para Yathrib, depois conhecida como Medina, para fugir aos opositores e essa emigração, a *Hijra*³¹, marcou o início do calendário islâmico. Em Medina, Maomé construiu a primeira mesquita e foi um líder respeitado e apoiado pelos *Ansar*³² e pelos *Muhajirun*³³. Em 630 os muçulmanos conquistam Meca e toda a Arábia jura lealdade a Maomé. Meca torna-se assim a cidade sagrada dos muçulmanos.

Em Meca, a cidade sagrada do Islamismo, os muçulmanos reúnem-se na mesquita *Al-Masjid al-Haram*, à volta de um edifício cúbico central chamado



[85] Meca

.....
²⁸ Livro sagrado da religião muçulmana

²⁹ Aquele que se submete

³⁰ Adão, Moisés e Noé são personagens referidos também na Bíblia Sagrada

³¹ Hégira significa migração

³² Ajudantes

³³ Emigrantes que acompanharam Maomé desde Meca

Caaba. Segundo a tradição muçulmana, devem rezar enquanto a circundam sete vezes no sentido anti-horário. Um muçulmano deve fazer, pelo menos uma vez na vida, uma peregrinação a Meca. A entrada nesta mesquita é proibida a pessoas que não sejam muçulmanas.

Conta hoje com cerca de 1,6 biliões de fiéis no mundo e apesar da sua natureza, língua e sabedoria árabe, a maioria dos seus seguidores não é árabe, situa-se no Sudoeste Asiático, em África, na China e na União Soviética.

A maioria dos muçulmanos pertence à vertente sunita, cerca de 85%, e à vertente xiita, cerca de 15%. Esta diferença surgiu com a morte de Maomé, em 632. Enquanto os Xiitas defendiam que Ali, o genro de Maomé, devia ser o sucessor e herdeiro da comunidade islâmica, os sunitas defendiam que os muçulmanos deveriam poder eleger o novo líder. Em termos de oração, hoje em dia, não há muitas diferenças.

Os muçulmanos creem em anjos como seres criados por Deus, em vários profetas enviados à humanidade, dos quais Maomé é o último, acreditam no dia do Juízo Final, no qual as ações de cada pessoa serão avaliadas e acreditam que Deus tudo sabe e possui o poder de decidir sobre o que acontece a cada pessoa.

O pregador do culto islâmico denomina-se Imã e é um líder e conciliador de todos os crentes. Reúne as melhores qualidades morais, cumpre as regras do traje e a sua vida deve ser irrepreensível. Não pode ser considerado mentiroso, falso, adivinho, corrupto, surdo, mudo, doente mental, solteiro. Não pode pintar o cabelo nem a barba, não pode comer em público nem ter dificuldades de pronúncia.

Cada mesquita tem um imã que lidera as cinco orações diárias, a oração de sexta-feira, a oração fúnebre, acompanha o funeral, faz os casamentos, dá apoio nos conflitos matrimoniais, entre outras funções.

O alicerce da vida muçulmana é o Alcorão, em árabe *al-Quram*, pois inclui legislação sobre heranças, jejum, caridade, casamento, condição da mulher, entre outros. É venerado como discurso divino, considerado o guia para o caminho certo, a fonte da teologia, da lei, dos assuntos comunitários, da

conduta pessoal e comercial e da vida diária. É escrito em árabe e está dividido em 114 *suras*³⁴ compostas por *ayat*³⁵. As suras são classificadas por ordem cronológica de revelação, noventa e dois anos antes da Hégira em Meca e 22 depois da Hégira em Medina. Ao longo dos tempos fizeram-se outras versões do Alcorão e hoje em dia, os muçulmanos vivem de modos ligeiramente diferentes consoante o código que seguem: *Malikita*³⁶, *Hanafita*³⁷, *Shafiita*³⁸ e *Hanbalita*³⁹.



[86] Ritual de Ablução

A *Salat*⁴⁰ é obrigatória a todos os muçulmanos e pode ser individual - em casa ou no trabalho, ou coletiva - na mesquita. Fazem-se cinco preces por dia: ao amanhecer, ao meio-dia, à tarde, ao pôr-do-sol e ao deitar, sempre na direção de Meca, como manda a tradição. Antes de cada oração é necessário fazer o ritual de ablução que consiste na purificação do corpo através da lavagem das mãos, boca, nariz, face, braços, cabeça, orelhas e pés. Durante o mês do Ramadão, os muçulmanos fazem jejum durante o dia.

O início e o fim do ano islâmico variam conforme o calendário lunar e por isso a passagem de ano é em datas diferentes de ano para ano, sendo festejada com uma celebração de dez dias.

Os termos *halal*⁴¹ e *haram*⁴² são usados para todos os aspetos da vida de um muçulmano, seja no vestuário, nas ações, na alimentação. Neste último caso, há diversas restrições alimentares, algumas coincidentes com a lei judaica. É proibido o consumo de carnívoros, sangue, répteis, insetos, álcool, entre outros. É permitido o consumo de leite, mel, peixes, legumes, frutas, arroz, aveia e animais como bovinos, ovelhas, cabras, veados, alces, galinhas, patos, desde que tenham sido abatidos segundo o Rito Islâmico.

No Islamismo existem algumas formas e objetos relevantes como a Lua crescente com a estrela. Este é o símbolo do islamismo e representa a

.....
34 Capítulos
35 Versos
36 Em Magreb e Oeste de África
37 Em todo o mundo muçulmano
38 Na Ásia
39 Na Arábia Saudita
40 Prece ou oração
41 Tudo o que é permitido
42 Tudo o que é proibido

soberania e dignidade, renovação da vida e da natureza, fazendo referência ao calendário lunar, que rege a religião islâmica. A estrela indica ainda, os cinco pilares da religião: oração, caridade, fé, jejum e peregrinação.

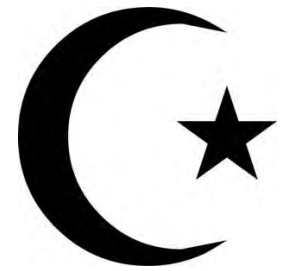
O *Hamsá* ou mão de Fátima é também considerado um dos principais símbolos do islamismo pois os cinco dedos da mão, representam os cinco pilares da fé. Fátima é o nome de uma das filhas do profeta Maomé, o profeta dos muçulmanos, e que foi um modelo para todas as mulheres por não ter cometido pecados.

A espada de Maomé, também conhecida como *zulfiqar*, é um símbolo que representa a distinção entre o que é certo e o que é errado. Maomé transferiu a arma para um grande guerreiro, que também era seu primo, chamado Ali e ao fazer isso disse a famosa frase: "*Não existe nenhum herói, mas Ali; não existe nenhuma espada, exceto zulfiqar*".

Tal como o terço da religião católica, o islamismo tem um objeto que utiliza nas suas preces: a *subha* ou *tasbih*. Tem 99 contas e em cada uma delas é dito um dos nomes de Deus. Na conta número cem canta-se "Alá".

A religião islâmica não permite que os fiéis mostrem em público as suas "partes íntimas". Para os homens é considerada íntima a região entre o umbigo e o joelho, para as mulheres, o corpo inteiro, exceto o rosto e as mãos. Assim sendo, as vestes não podem ter qualquer transparência nem serem justas a ponto de delinear o corpo. Dentro de casa, vestem qualquer roupa, uma vez que apenas o cônjuge e alguns familiares podem ver o corpo. Os homens não devem usar objetos de ouro ou seda e recomenda-se que tenham barba, para diferenciar ainda mais das mulheres e assemelhar-se aos antigos profetas. Entre os religiosos xiitas, há o costume de vestir preto, em sinal de luto pela morte de Husayn, o sucessor legítimo de Maomé.

Durante o Estado Novo, o governo português estabeleceu uma aliança com a Igreja Católica, tornando o catolicismo, na religião dominante. O Estado português, aquando da independência de Moçambique, para evitar uma aliança entre os muçulmanos e o movimento de resistência, permite a reaproximação. Hoje em dia, na cidade de Maputo, 5,3% dos habitantes são muçulmanos.



[87] Símbolo do Islamismo



[88] Mão de Fátima



[89] Subha

O ESPAÇO SAGRADO

O espaço sagrado tem, hoje em dia, uma presença notável em qualquer território e por isso mesmo, é cada vez mais importante estabelecer a relação espaço sagrado/cidade. A arquitetura religiosa não depende apenas da liberdade criativa do arquiteto, depende também de um conjunto de rituais e da fé dos fiéis que lhe dão uso e que atribuem significado aos espaços para que seja mais do que um lugar mundano.

Neste subcapítulo, analisaremos apenas o espaço sagrado e o espaço mortuário de cada uma das religiões uma vez que as salas de apoio, salas de aula e áreas técnicas não têm especificidades relevantes para este projeto.

Relativamente à religião Protestante, falaremos especificamente da vertente Evangélica uma vez que será representada neste projeto.

••••• A IGREJA

Igreja é o nome dado ao edifício que serve os fiéis cristãos, de qualquer uma das vertentes. A sua morfologia foi sofrendo alterações consoante a época, as tradições, os locais, os estilos arquitetónicos, entre outros.

A Igreja Católica define que *o edifício sagrado, na sua disposição geral, deve reproduzir de algum modo a imagem da assembleia congregada, proporcionar a conveniente coordenação de todos os seus elementos e facilitar o perfeito desempenho da função de cada.*⁴³

A morfologia da igreja católica, como a conhecemos hoje, deve-se a dois importantes momentos do Cristianismo: O Movimento Litúrgico e o Concílio Vaticano II.

O Movimento Litúrgico, iniciado em 1909, surgiu com o objetivo de aproximar os cristãos da Igreja e foi-se intensificando sobretudo na altura da primeira e segunda guerras mundias.

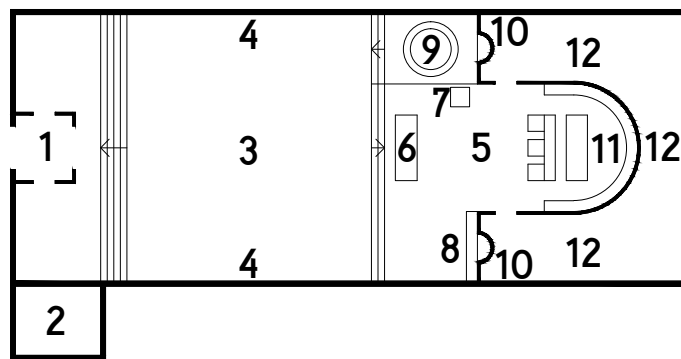
.....
⁴³ in www.liturgia.pt. *Instrução Geral do Missal Romano*, 294

O Concílio Vaticano II⁴⁴, quase sessenta anos depois, reuniu em Roma os principais líderes da Igreja para refletir e regulamentar vários temas por forma a atingir o objetivo do Movimento. Destacam-se a adaptação das leituras do latim para a língua dos fiéis e a alteração da morfologia das igrejas de modo a motivar a participação dos fiéis na Liturgia, uma vez que até ali o celebrante deveria estar de costas para a assembleia.

Para descrever a organização dos elementos de uma igreja-tipo, analisaram-se-á, por exemplo, a Igreja Paroquial da Parede, construída no séc XX.



[90] Igreja Paroquial da Parede, Cascais



- 1 Nártex
- 2 Torre sineira
- 3 Assembleia
- 4 Via Sacra
- 5 Presbitério
- 6 Altar
- 7 Ambão
- 8 Sacrário
- 9 Batistério
- 10 Imagens
- 11 Coro
- 12 Sacristia

[91] Esquema da planta da Igreja Paroquial da Parede, Cascais

O campanário, ou torre sineira, é o elemento que mais se destaca na fachada de uma igreja devido à sua altura. Contém, como o nome indica, um conjunto de sinos, que soam na passagem das horas e antes das celebrações para chamar os fiéis.



[92] Campanário da Igreja de S. Pedro, Óbidos

Nártex é o nome dado à zona da entrada dos templos, e antecede a nave, local onde se senta a assembleia. Normalmente a nave é decorada com imagens, como a Via Sacra, e peças esculturais de santos.

O presbitério é a zona onde o sacerdote e os outros ministros desempenham as suas funções. Normalmente é elevado em relação à nave ou ornamentado de forma diferente por forma a destacar-se.

O altar é centrado no presbitério e simboliza a mesa da última ceia de Jesus

⁴⁴ Foi convocado em 1961 pelo Papa João XXIII e terminou em 1965 sob o papado de Paulo VI.

Cristo. Tradicionalmente, a mesa do altar deve ser de pedra natural mas segundo o critério da Conferência Episcopal podem ser utilizados outros materiais, *desde que sejam dignos, sólidos e artisticamente trabalhados*⁴⁵.

A proclamação das leituras é feita através do ambão, uma espécie de estante, que pode estar em qualquer um dos lados do presbitério desde que esteja ao alcance da visão e audição de todos os fiéis.

O sacrário é o local onde se guarda o Santíssimo Sacramento, as hóstias consagradas, e deve estar *num lugar de honra da igreja, insigne, visível, devidamente ornamentado e adequado à oração*. Deve ser *único, inamovível, feito de material sólido e inviolável, não transparente, e fechado de tal modo que evite o mais possível todo o perigo de profanação*⁴⁶. Junto ao sacrário deve estar uma lâmpada ou vela acesa como sinal da presença de Cristo.

A igreja católica pode e deve ser ornamentada com imagens de Santos, da Virgem Maria e outros símbolos, desde que em quantidade moderada, que se *procure a verdade das coisas e que contribua para a formação dos fiéis e para a dignidade de todo o lugar sagrado*⁴⁷.

A sacristia é a sala, ou um conjunto de salas, que dão apoio às celebrações e ao celebrante, no atendimento dos fiéis, por exemplo. Por essa razão, tem, normalmente, acesso direto ao presbitério.

A igreja evangélica assume uma forma mais simples, pois não tem tantos elementos obrigatórios e permite a liberdade de organização e decoração por parte da comunidade onde se insere. Analisar-se-á, por exemplo, a Sede Regional da Comunidade Evangélica da Região do Alto do Tietê, em São Paulo e a Igreja Froeyland Orstad, na Noruega.

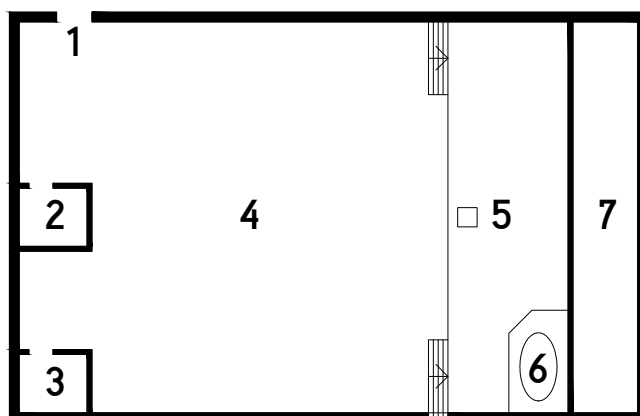
.....
⁴⁵ in www.liturgia.pt. *Instrução Geral do Missal Romano*,301

⁴⁶ Instrução Geral do Missal Romano, 314

⁴⁷ Instrução Geral do Missal Romano, 292



[93] Igreja Froeyland Orstad, Noruega



- 1 Entrada
- 2 Cabine de som
- 3 Arrumos
- 4 Assembleia
- 5 Altar e púlpito
- 6 Batistério
- 7 Salas de apoio

[94] Esquema da planta da Comunidade Evangélica da Região do Alto do Tietê, em São Paulo

A zona do altar inclui um púlpito, equivalente ao ambão no catolicismo, e espaço para o coro. A cruz é um símbolo comum às duas religiões porque simboliza a crucificação de Cristo, e está presente nas igrejas.



[95] Batismo Católico



[96] Batismo Evangélico

O ritual do batismo⁴⁸ é comum a ambas as religiões e pode ser realizado de três formas: imersão⁴⁹, efusão⁵⁰ ou aspersão⁵¹. Os evangélicos são batizados por imersão numa piscina dentro da igreja, exceto os fiéis dos primeiros movimentos protestantes, que são batizados por efusão ou aspersão. Os católicos são batizados das três formas, consoante as igrejas e movimentos. O mais comum, por ser mais rápido e prático, é o batismo por aspersão na pia baptismal, situada à entrada - nas igrejas mais antigas - ou à frente, perto do presbitério - nas igrejas mais modernas.

Os funerais processam-se da mesma forma: o corpo é velado nas capelas mortuárias, é celebrada uma missa ou culto e o corpo é levado para o cemitério para a cremação ou enterro.

A MESQUITA ●●●●●●●●

O espaço sagrado muçulmano denomina-se Mesquita. Atualmente são construções reconhecidas em todo o mundo, não só pela importância para a comunidade muçulmana, mas também pela arquitetura islâmica. Um dos elementos que se destaca e que é imprescindível na arquitetura de uma

.....
⁴⁸ Significa mergulho em grego

⁴⁹ O batizado é mergulhado na água

⁵⁰ A água é derramada sobre a cabeça do batizado

⁵¹ A água é borrifada com um aspersório

mesquite é o minarete, um elemento vertical a partir do qual o *almuadem* - homem encarregue desta função - faz a chamada para as cinco orações diárias.

A palavra Mesquita, *masjid* em árabe, significa literalmente lugar ritualmente limpo, digno de receber a *salat*⁵². Normalmente uma mesquita é composta por uma entrada central, um espaço amplo de oração para mulheres e outro para homens, uma cúpula, um minarete, uma zona de abluções e zonas técnicas e de administração.

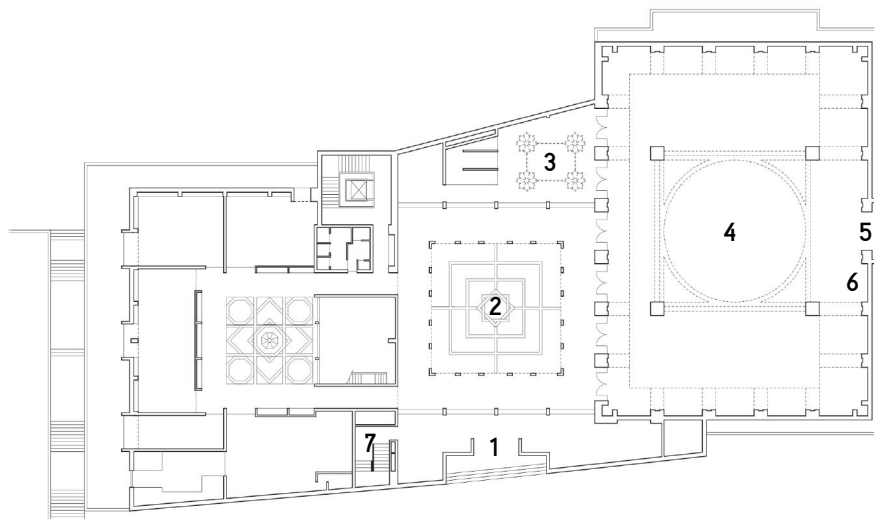
A sala de oração deve ter um pavimento confortável, normalmente alcatifa, porque para além de os fiéis entrarem sempre descalços, a maior parte da oração é feita de joelhos ou inclinados com a testa apoiada no chão.

À frente e ao centro situa-se o *mihrab*, um nicho que indica a direção para onde se deve rezar, para Meca. *Minbar* é o nome dado ao púlpito de onde o imã proclama as orações.

É proibida a arte figurativa e por isso apenas podem existir nas paredes, alguns versos do alcorão e desenhos geométricos.



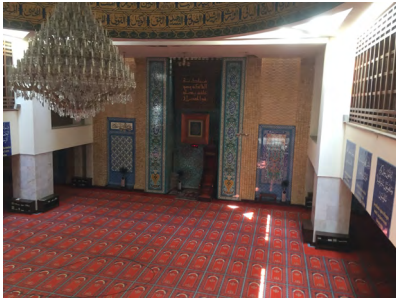
[97] Exterior da Mesquita Central de Lisboa



- 1 Entrada principal
- 2 Pátio interior
- 3 Zona de abluções
- 4 Sala de oração
- 5 *Mihrab* ou nicho
- 6 *Minbar* ou púlpito
- 7 Escada de acesso ao piso superior (sala de oração das mulheres)

[98] Planta do piso térreo da Mesquita Central de Lisboa

.....
52 Prece ou oração



[99] Sala de oração dos homens na Mesquita Central de Lisboa

Antes de qualquer oração, um muçulmano deve fazer o seu ritual de limpeza na zona de abluções. É um espaço anterior à sala de oração, normalmente com passagem interna, com bancos, pequenos lavatórios e instalações sanitárias.

As mulheres devem evitar o contacto visual com os homens e vice-versa por isso fazem as suas orações numa zona separada, assim como o ritual da ablução. A maioria das mesquitas possui também um conjunto de salas destinadas à escola islâmica, a madraça, para aprender o Alcorão.



[100] Sala de oração das mulheres na Mesquita Central de Lisboa

Quando um muçulmano falece, é feita uma oração na mesquita. O seu corpo é previamente lavado e envolto em panos brancos e é levado pelos homens da família para o cemitério. As mulheres não podem acompanhar o corpo até ao cemitério. O morto é enterrado sem caixão e pode, mais tarde, ser visitado pela mulher.

O ESPAÇO COMUNITÁRIO E SOCIAL

Os centros comunitários são estruturas polivalentes que desempenham diversos serviços e atividades para dar resposta às necessidades sociais de uma determinada população. Têm um papel fundamental na criação de laços a nível do local, do bairro neste caso, e conseqüentemente da descoberta de soluções. Têm como objetivo principal *contribuir para a criação de condições que possibilitem aos indivíduos, o exercício pleno do seu direito de cidadania e apoiar as famílias no desempenho das suas funções e responsabilidades, reforçando a sua capacidade de integração e participação social.*⁵³

No bairro da Mafalala existe, de facto, todo esse sentido de comunidade e muito trabalho de apoio social, ainda que tenha um carácter *informal*. As poucas condições monetárias e infraestruturais dificultam a missão das associações, como a Iverca, e outros pontos de apoio de dar resposta a todos as necessidades.

Qualquer uma das religiões que abordamos neste trabalho tem uma influência positiva no fator social das comunidades. O Cristianismo fomenta o amor ao próximo e a interajuda, bem como o Islamismo, que tem como pilar da religião, a caridade.

Não é necessário pertencer a um grupo religioso para ser missionário, voluntário, solidário ou caridoso mas é um facto que normalmente estes dois fatores - religião e apoio social - andam de mãos dadas pela envolvimento dos fiéis com o resto da comunidade.

Praticamente todas as igrejas e mesquitas, e até de outras religiões, prestam apoio social na zona em que se encontram e muitas vezes também fora dela: o apoio aos sem-abrigo, às famílias, às mulheres, aos jovens, aos doentes, aos idosos, às crianças.

A religião e a interajuda são, em todo o mundo, fatores de união entre si e entre as pessoas.

.....
⁵³ in www.seg-social.pt. (2000:10). *Centro Comunitário*. Lisboa



O PROJETO **4** REABILITAR O BAIRRO

Após a análise da cidade, do bairro e do contexto, realizou-se uma proposta de intervenção urbana e de um equipamento por forma a responder às suas principais necessidades.

Torna-se relevante referir que toda a reestruturação ao nível das redes de águas e esgotos, águas pluviais, etc., é proposta mas não desenvolvida pela autora. Parte-se, portanto, do princípio de que estas questões seriam resolvidas pelas entidades competentes de acordo com o conceito proposto.

4.1. INTERVENÇÃO URBANA

A Avenida Marien Ngouabi, limite Sul da área de estudo, funciona como charneira que separa duas morfologias urbanas: formal e informal. Numa primeira fase, propõe-se a articulação do território em estudo com a envolvente através da ligação das vias principais do bairro às vias em seu redor e também entre as vias internas do bairro, pretendendo continuidade na circulação. A reestruturação viária implica a demolição de algumas habitações, tão poucas quanto possível, garantindo que se mantêm os edifícios com valor patrimonial, quer sejam históricos, culturais ou religiosos.

Propõe-se igualmente a requalificação dos pavimentos e a melhoria da drenagem das vias principais e secundárias uma vez que são, na sua maioria, vias de terra batida. Importa referir nesta fase, pela importância que terá para a conceção deste projecto, que um dos principais problemas desta zona de África e que coloca grandes desafios ao desenvolvimento das cidades e dos lugares, é a intensidade das chuvas, que tudo alaga num ápice. Com efeito, não chovendo com muita frequência, quando chove acontece de tal maneira que rapidamente se formam caudais que não conseguem ser absorvidos pelas áreas sobrantes, nem escoados pelas próprias vias ou pelas raras redes de esgotos. Este aspeto teve capital importância no desenvolvimento da cidade de Maputo, que no período pós-independência, ao tornar-se evidente a necessidade de uma rede de drenagem que respondesse ao crescimento populacional, sobretudo resultante do êxodo provocado pela guerra civil, se optou por implementar uma rede de valas a céu aberto, recolhendo as águas da chuva e também, de uma forma desordenada, os esgotos domésticos quer da cidade do cimento, quer da cidade do caniço, que entretanto cresceu



exponencialmente.

Aconteceu porém um efeito não previsto: os bairros informais, não conseguindo criar condições para a recolha dos lixos produzidos, pelo emaranhado de pequenas vielas que apenas deixavam circular peões e veículos ligeiros, acabaram por utilizar essas valas como ponto de despejo dos lixos, dificultando assim a drenagem natural das águas da chuva. Ocorre assim frequentemente um fenómeno em que se extremam as consequências da pluviosidade, aumentando a rapidez com que as bacias se saturam e criando situações de grande perigo quando as represas formadas pelo lixo urbano acabam por ceder, arrastando-se depois para jusante ao longo da cidade.



Por constrangimentos financeiros, os caminhos dos bairros informais não têm em regra qualquer pavimento duradouro, resumindo-se quase sempre a terras que vão sendo batidas pela passagem dos veículos. Naturalmente, estes pavimentos conferem aos bairros dificuldades de circulação e colocam em risco a saúde dos seus residentes: além de se levantar muita poeira na época seca, quer com a passagem dos automóveis quer com os ventos, nos períodos de chuva geram-se lamas que limitam sobremaneira a circulação e propiciam o aparecimento de pragas e doenças.



Com a informalidade desta estrutura viária, as ruas não são acompanhadas de passeios, não havendo assim separação do tráfego pedonal e rodoviário. A imagem comum é uma estrada de terra batida, cheia de peões que caminham desordenadamente e que apenas se afastam com o aproximar acelerado dos muitos veículos⁵⁴ desgastados que cruzam o bairro.



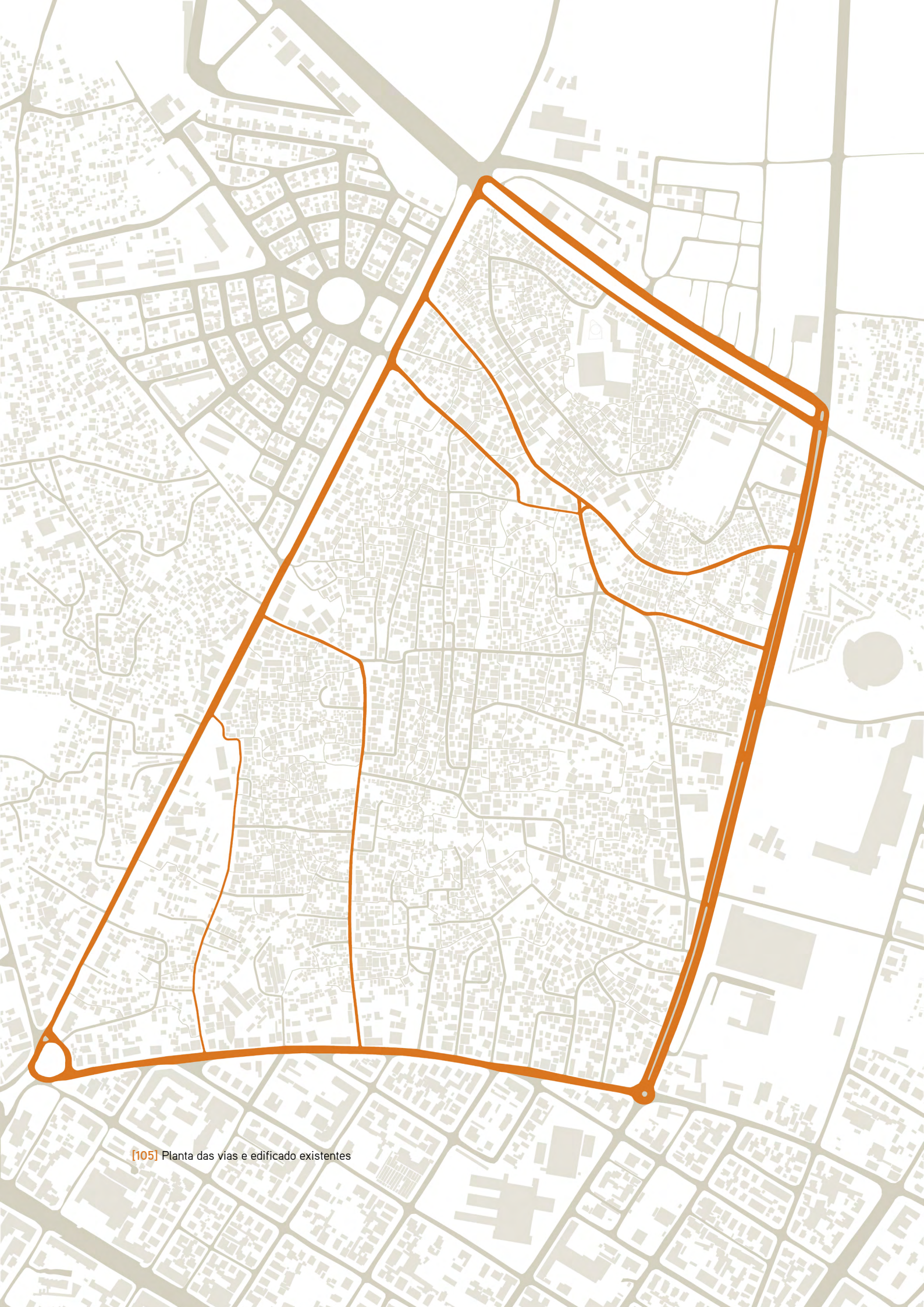
[101, 102, 103 e 104] Valas a céu aberto

.....
54 A quase inexistente rede de transportes públicos formais e a saturação da rede de transportes informais – os chapas – ia criando enormes constrangimentos à circulação, quer dentro da cidade do cimento, quer na cidade do caniço, desenvolvendo nos moçambicanos a ambição de adquirir um carro próprio. Com o ligeiro crescimento da economia moçambicana verificada sobretudo na última década e a conseqüente melhoria das condições de vida, a população mais desfavorecida foi aos poucos conseguindo alcançar essa velha ambição, sobretudo graças a um fator improvável: no Japão, tal como em Moçambique e nos territórios que estiveram sob influência Inglesa, conduz-se pela esquerda; sendo um dos maiores produtores mundiais de automóveis, a legislação local e a vontade de sempre possuírem melhores carros, colocou no mercado de exportação um imenso conjunto de veículos em condições de circular, mas cuja segurança não poderia ser garantida. Com uma linha direta de exportação para a África Austral estes veículos vieram assim encher as estradas moçambicanas de baratíssimos Toyotas e Nissans, com evidente impacto na circulação e na segurança rodoviária.

A reestruturação da rede viária proposta neste estudo sugere o alargamento de algumas dessas vias que sempre que possível recebem passeios generosos e bolsas de estacionamento.

Dentro dos bairros, as zonas mais amplas e sem edificado são utilizadas pelos moradores como espaços de convívio e comércio mas em regra não são espaços qualificados. Propõe-se então a qualificação desses espaços com a implementação de praças e jardins, a plantação de árvores e arbustos, criação de parques infantis, quiosques para pequeno comércio e zonas de estar e lazer.

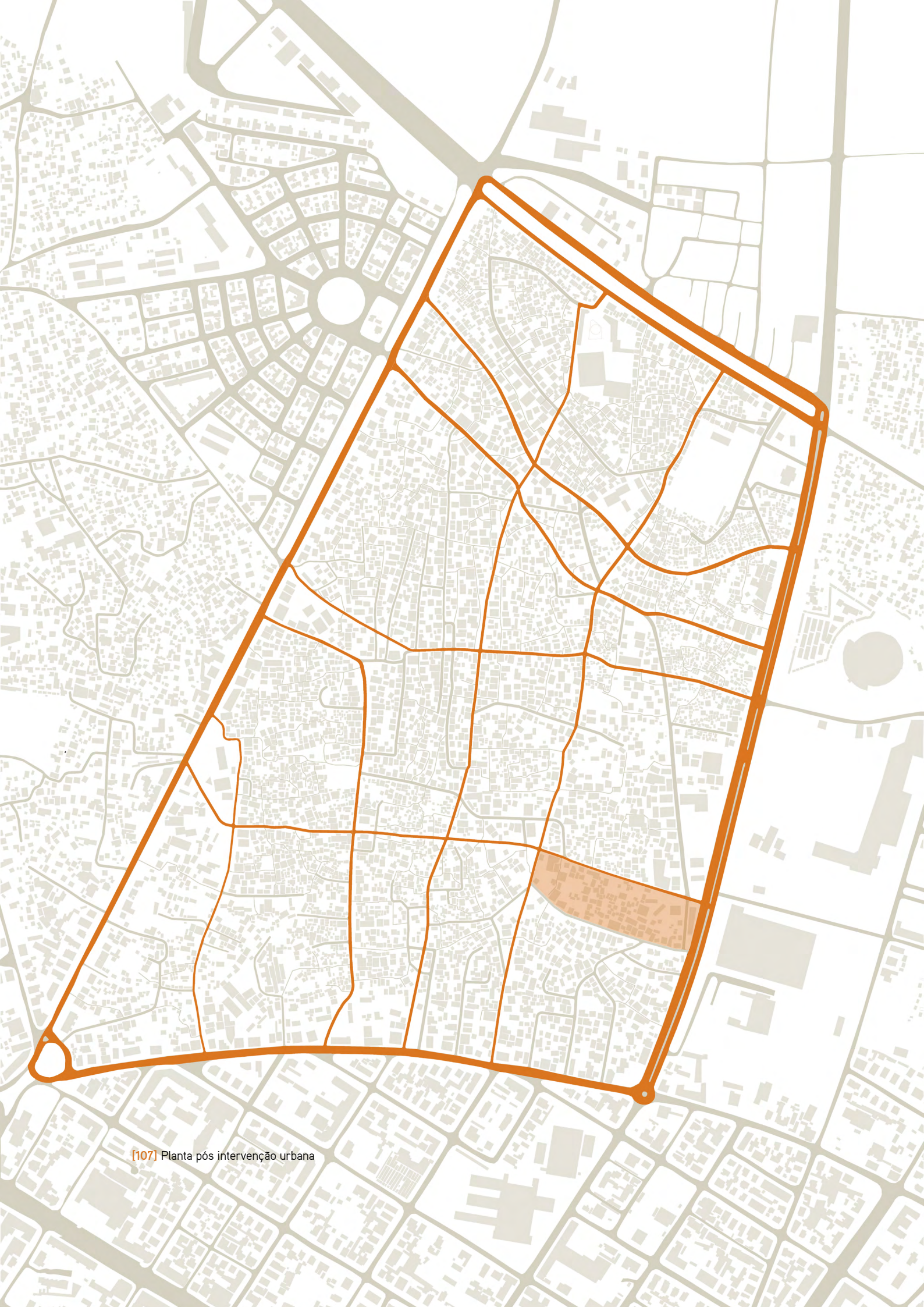
Uma das principais dificuldades com que normalmente se depara quando se desenvolvem processos que impliquem reassentamentos, é a vontade dos moradores de permanecerem no bairro. Pensamos que esse aspeto, tantas vezes negligenciado noutras operações em bairros desta génese, deverá aqui ser acarinhado uma vez que resulta de um forte sentimento de pertença e de um enraizamento que por vezes já atravessa diversas gerações. Tendo em conta o espírito comunitário já referido, pensamos que uma solução possível é o desenvolvimento de pequenos projetos-tipo de habitação multifamiliar, em dois ou três pisos, recorrendo a técnicas construtivas simples que possibilitam a autoconstrução ou a construção colaborativa. Não fazendo parte deste estudo, esses edifícios permitiriam o reassentamento de todas as famílias cujas casas tivessem que ser demolidas para a implementação deste projeto ou da qualificação viária e de espaços públicos.



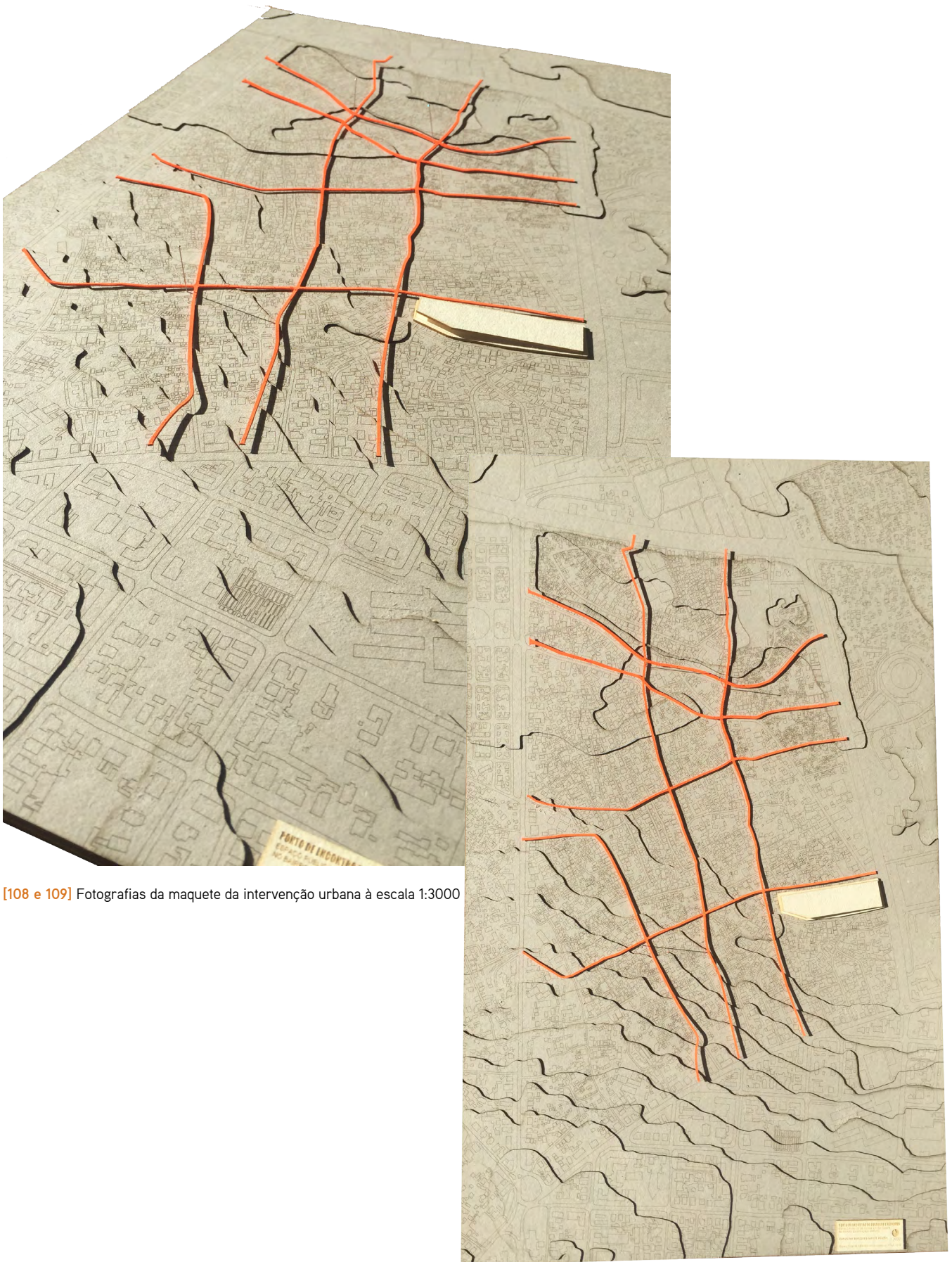
[105] Planta das vias e edificado existentes



[106] Planta do edificado a demolir



[107] Planta pós intervenção urbana



[108 e 109] Fotografias da maquete da intervenção urbana à escala 1:3000

4.2. CASOS DE ESTUDO

FARMING KINDERGARTEN

Local: Biên Hòa, Vietname

Ano: 2013

Arquitetura: Vo Trong Nghia Architects

O jardim de infância Farming Kindergarten foi projetado junto a uma fábrica de calçado para os cerca de 500 filhos dos trabalhadores com baixo rendimento. Teve um orçamento de construção bastante limitado por isso foram utilizados materiais produzidos na zona - como o tijolo - e métodos de construção de baixa tecnologia.

A sua forma de triplo anel, distribuído em dois pisos, permite uma ligação direta entre uma cobertura verde, os pátios de recreio e as salas de ensino. A relação interior/exterior é tão tênue que parece não haver limites físicos, permitindo que as crianças tenham um contato direto com a natureza.



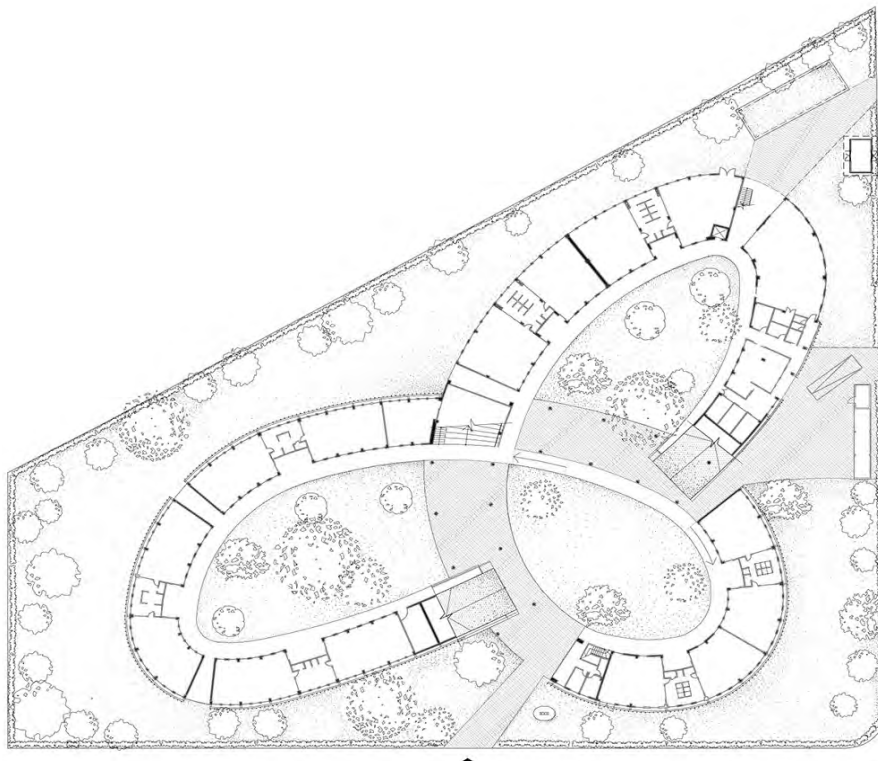
[110] Planta de coberturas da fábrica e do jardim de infância



[111] Vista aérea



[113] Vista do exterior



[112] Planta do piso térreo



[114] Vista da cobertura



[115] Pátio interior

No piso térreo situa-se todo o complexo de ensino e três grandes pátios destinados ao recreio das crianças que lhes permitem brincar em segurança e a céu aberto.

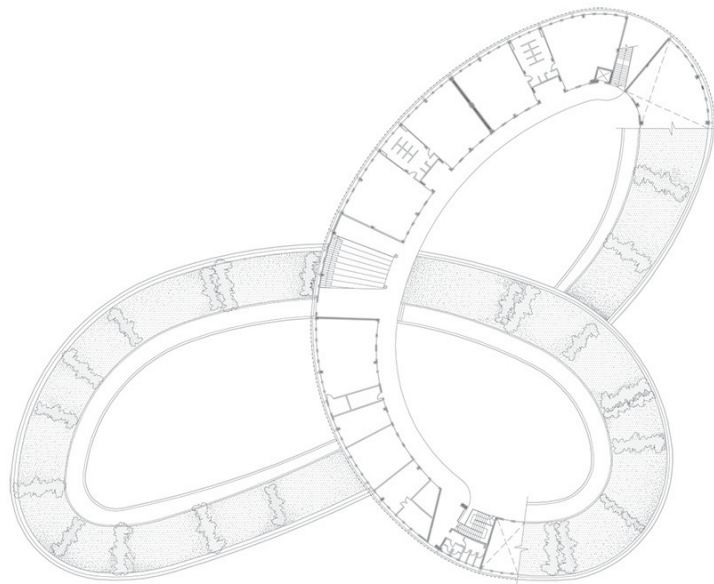


[116] Corte longitudinal



[117] Vista do exterior

À medida que as crianças chegam à cobertura, entram num jardim verde com 200 m² que permite a circulação livre pela natureza e ainda a plantação de hortas promovendo a educação agrícola.



[118] Planta de coberturas

De acordo com o clima tropical do Vietname, o edifício dispõe de um conjunto de soluções arquitetónicas e mecânicas por forma a economizar energia: a existência de duas janelas opostas ao longo de todo o piso térreo que permite a ventilação cruzada e a iluminação natural; uma fachada revestida por plantas para fornecer sombreamento; um sistema de aproveitamento de luz solar para aquecimento de água; um sistema de reciclagem das águas residuais da fábrica para a rega da vegetação e o fornecimento das instalações sanitárias. Ao fim de dez meses, estima-se que o edifício tenha economizado apenas 25% de energia e 40% de água.

THE PARK

Local: Praga, República Checa

Ano: 2010

Arquitetura: Cigler Marani Architects

Este complexo polivalente em Praga, com uma área total de 190.000 m² tem um total de doze edifícios, a maioria escritórios mas também espaços de exposições e comerciais.

Com o objetivo de ser um espaço agradável aos trabalhadores, todo o complexo foi desenhado privilegiando o espaço de jardim, interior e exterior, como zona de lazer e de descanso.

No exterior, no meio do complexo, atravessa-se um grande jardim com um desenho do género *patchwork*, que significa conjunto de retalhos. Trata-se de uma malha em que cada quadrado assume um pavimento e função diferentes: uns apenas de passagem - com árvores e fontes de água, outros de lazer - com jogos de xadrez e outros de permanência - com bancos atravessados na diagonal quebrando a ortogonalidade deste espaço.



[119] Vista aérea do complexo



[120] Elemento de jardim no interior



[122] Jardim exterior



[121] Jardim exterior



[123] Jardim exterior



[124] Imagem ilustrativa

HOUSE OF ONE

Local: Berlim, Alemanha

Ano: 2012

Arquitetura: Kuehn Malvezzi

A ideia do projeto *House of One* surgiu de um pastor, Gregor Hohberg, um pároco protestante, com o objetivo de unir as três maiores religiões monoteístas - Islamismo, Judaísmo e Cristianismo - num só edifício.



[125] Ilustração das ruínas

Foi projetada por cima das ruínas da primeira igreja de Berlim, a Igreja de S. Pedro, datada do séc. XII, que terá sido destruída no final da Segunda Guerra Mundial, quando o Exército Vermelho ocupou Berlim. Através de uma estrutura de arcadas será possível, por um lado, observar as ruínas e por outro, preservar a sua integridade.

No piso de cima surge uma mesquita, uma sinagoga e uma igreja unidas por uma sala central com o objetivo de promover o diálogo e a partilha de opiniões, não só sobre religião mas também de arte e cultura. Cada espaço religioso dispõe das suas salas de apoio bem como de ensino da religião.

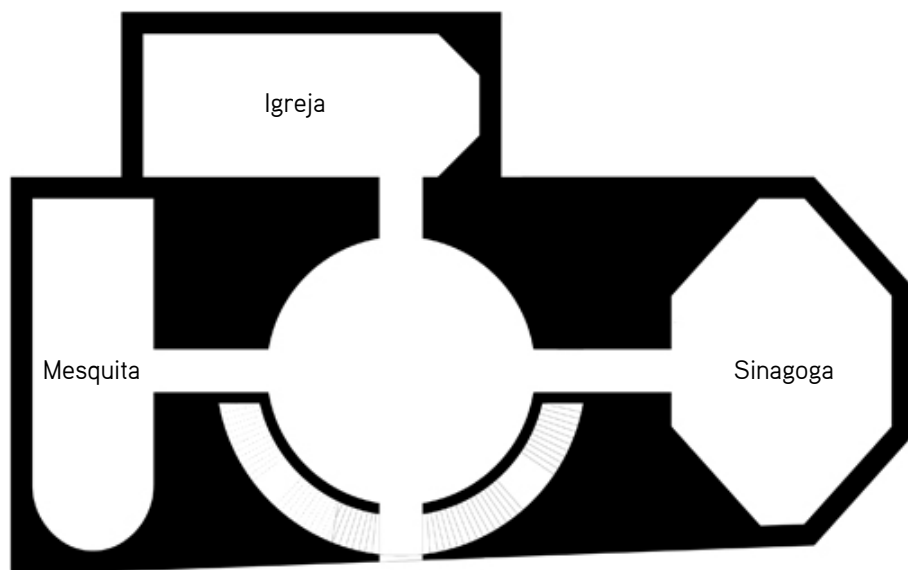


[126] Maquete ilustrativa

O início da construção estava previsto para 2019, ano em que se previa alcançar o objetivo dos donativos necessários, mas foi adiado por um ano.



[127] Corte ilustrativo



[128] Planta do esquemática dos espaços de culto

MARIA MAGDALENA KIRCHE

Local: Freiburg, Alemanha

Ano: 2004

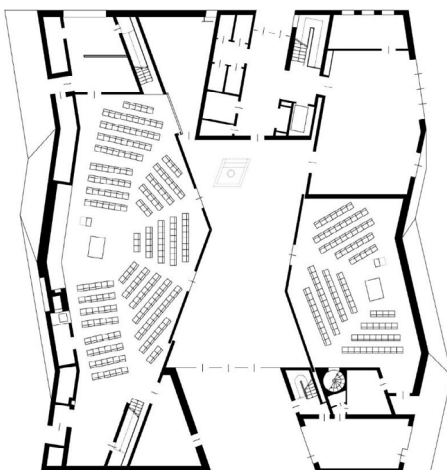
Arquitetura: Kister Scheithauer Gross

A Igreja Maria Madalena foi desenhada para servir duas comunidades cristãs - evangélica e católica - em simultâneo, chamando-se por isso Igreja Ecuménica. Construída em betão, assume a forma de uma tenda, simbolizando a Casa do Senhor.

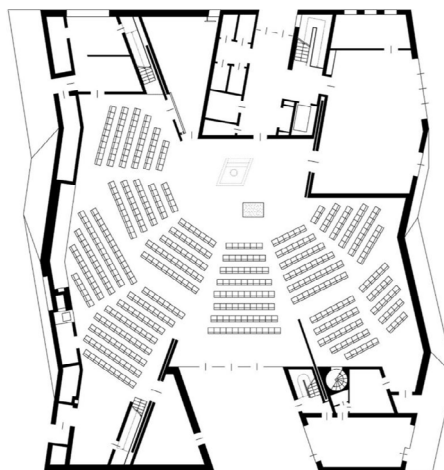
As duas igrejas, embora debaixo do mesmo teto, são separadas por uma sala comum. As paredes que separam os espaços têm oito metros de altura e são movidas por motores elétricos pois pesam cerca de vinte e duas toneladas cada. É assim possível alargar cada uma das salas - por exemplo em dias festivos - utilizando o espaço da sala comum ou até mesmo uni-las num só espaço para celebrações ecuménicas. Este aspeto é relevante neste bairro pelo facto de que mais de um terço da população não professa nenhuma das duas religiões.

O espaço da igreja católica pode acomodar 250 pessoas, o espaço da igreja protestante 100 pessoas e a sala comum cerca de 200. Ainda, a noroeste, numa área de quatro andares, estão localizadas as salas comunitárias e a administração.

Este projeto ganhou o prémio Awards Deutscher Architekturpreis, em 2005.



[133] Planta do piso térreo - 3 salas fechadas



[134] Planta do piso térreo - 1 sala ecuménica



[129] Entrada principal



[130] Vista tardoz



[131] Interior da igreja - ao centro a sala comum, ao fundo a igreja católica



[132] Luz zenital



[135] Igreja Evangélica

SANCAKLAR MOSQUE

Local: Istambul, Turquia

Ano: 2012

Arquitetura: Emre Arolat Architects



[136] Entrada principal



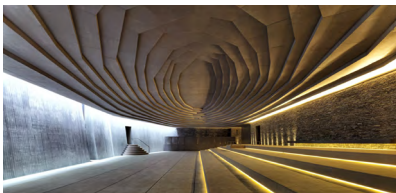
[137] Entrada principal



[138] Alçado principal



[139] Interior da Sala de Oração



[140] Interior da Sala de Oração

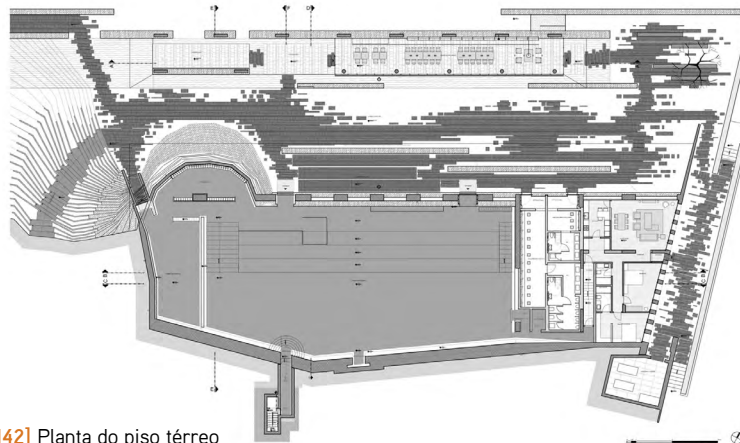


[141] Interior da Sala de Oração

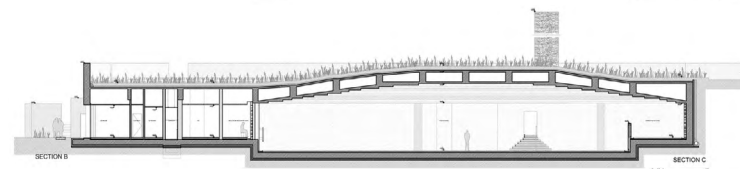
A Mesquita Sancaklar foi projetada com o objetivo de se distanciar da forma tradicional de uma mesquita e focar-se apenas na sua essência como espaço religioso. Está inserida num espaço público que está, por sua vez, rodeado por um conjunto de muros altos que simbolizam a fronteira entre o mundo exterior, de movimento e caos, e a serenidade do jardim.

A forma da mesquita é integrada numa colina como se se diluísse nela e se abrisse uma porta para uma caverna. A pedra, como material principal, reforça a relação com a terra.

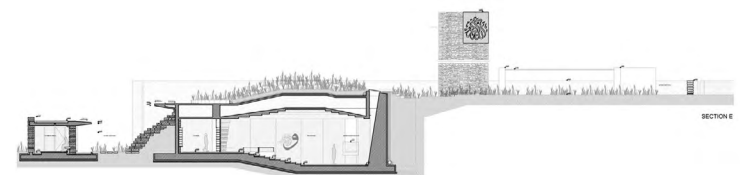
O espaço de oração mantém o sentido recôndito, pelo reduzido pé-direito e pouca luz que rasga a cobertura fazendo sobressair a parede que indica a direção de Meca.



[142] Planta do piso térreo



[143] Corte C



[144] Corte E

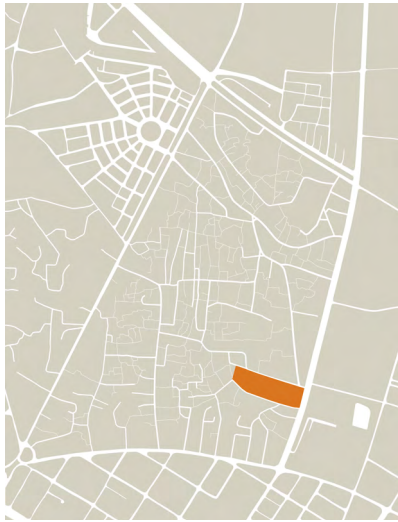
4.3. CONCEITO

O espaço público é lugar de socialização, de encontro e também onde se manifestam grupos sociais, culturais e políticos que a população da cidade exprime. Este papel desempenhado pelo espaço público é seguramente o mais evidente (e que hoje se encontra em crise). (Indovina, 2002:119)

Habitualmente, espaço público é entendido como o espaço que sobra entre os edifícios. O espaço público é o local onde as pessoas vivem grande parte do tempo. É o espaço onde circulam, seja de automóvel ou a pé, é o espaço onde se encontram, onde se sentam, onde conversam. É onde se fazem as manifestações e as procissões, as grandes festas e os funerais, é onde se expressam colectivamente as grandes alegrias e as grandes dores. Vendo bem, o espaço público é a essência da cidade e é através dela que ela é representada. O Terreiro do Paço, a Avenida dos Aliados, os Campos Elísios, Trafalgar Square são a representação de outras tantas cidades. (Ferreira, 2000:9)

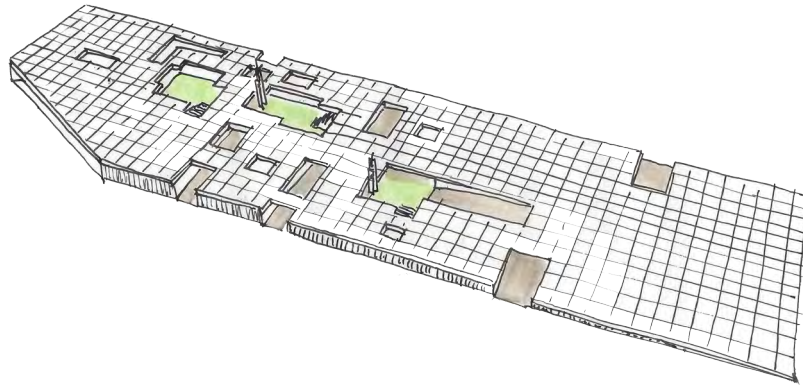
Após a visita à Mafalala e conseqüente análise, tornou-se evidente a falta deste espaço público de que nos fala Ferreira. Sobressai a necessidade de espaços públicos com alguma escala e maior dignidade, de locais de encontro e de comodidade. A alegria e vibração dos seus habitantes foi encontrando soluções para mitigar as dificuldades que o dia a dia ia criando, mas não tiraram o bairro das precárias condições de salubridade e qualidade de vida. Falta um espaço para as crianças brincarem livremente e em segurança. A maior parte delas vai para a escola sozinha ou com os irmãos, mas depois das aulas fica na rua, livremente ou ao cuidado dos vizinhos muitas vezes menores, enquanto os pais estão a trabalhar. Falta um espaço para os idosos que lhes garanta o conforto, a atenção e os devidos cuidados de saúde. Falta um espaço onde as jovens possam ser ouvidas, aconselhadas e acompanhadas antes, durante e depois dos casamentos e das gravidezes precoces que as obrigam a deixar a escola. Falta um espaço icónico que represente o bairro, falta um espaço cultural que testemunhe e divulgue seu valor histórico.

Neste sentido, surge o *Espaço Público de Todos e para Todos - Ponto de Encontro de Culturas e Religiões!* Um tapete verde, que se inclina e se vira para a cidade, que se exhibe orgulhosamente e convida ao desfrute dos visitantes;



[145] Localização do terreno de implantação

um jogo de cheios e vazios que aguça a curiosidade que só se satisfaz com a aproximação e com a visita atenta.



[149] Perspetiva geral da proposta - não inclui os elementos do jardim



[146] Construção em pau a pique

Este equipamento urbano assume-se como um grande jardim, pleno das cores que fazem a natureza moçambicana, no contraste entre os verdes brilhantes da sua flora tropical e os tons laranja da terra africana. Um tapete verde que pairando inclinado, separa claramente na face superior o visível e na face inferior o escondido, o caminhar ao sol e à superfície da relva em oposição ao percorrer espeleológico dos vários lugares que, lá em baixo, se vão descobrindo ao virar de cada volume.



[147] Construção em pau a pique

Este plano inclinado comporta-se como se uma fatia de terra laranja moçambicana, coberta de um luxuriante tapete de pequenas ervas, se erguesse por ação divina e arrastasse consigo as raízes que a ligam à terra firme. As faces laterais dessa fatia surgem assim envidraçadas, recobertas por elementos em madeira tosca, cuja irregularidade e estereotomia remetem e homenageiam o tão característico e querido sistema construtivo do *pau a pique*.



[148] Fachada com elementos em madeira tosca

Este tapete esventrado divide o acima e o abaixo; divide o público e descontraído do reservado, e íntimo. Se à superfície um jogo de pavimentos e espaços nos remete para grandes figuras moçambicanas - das letras ao desporto, da política à música - dando vida e sentido às diversas valências deste jardim superior, abaixo surgem os espaços mais colectivos, na esfera do sagrado e do conforto individual.

Aqui e ali surgem pontos de passagem entre estes dois níveis, enriquecendo a experiência e o seu usufruto, ligando inesperada e subtilmente as coisas terrenas às espirituais.

Tantas vezes dispersas pelas cidades, procurou-se reunir neste espaço público, as diversas valencias que contribuem para o bem-estar dos seus habitantes. Um ponto de encontro social, cultural e religioso, que pela sua presença, qualidade e diversidade seja capaz de abrir as fronteiras da Mafalala à curiosidade do mundo. Os visitantes trazem novos saberes, perspectivas e oportunidades aos residentes e estes valorizam o seu património cultural transmitindo-o aos que os visitam.

Jan Gehl, no livro "New City Life" define doze critérios para a qualidade de um espaço público que foram analisados e considerados para o novo desenho urbano do bairro e para o novo jardim. São eles: a proteção contra o tráfego, a segurança, a proteção contra experiências sensoriais desagradáveis, o espaço para caminhar, os espaços de permanência, o local para sentar, a possibilidade de observar, a oportunidade de conversar, os locais para se exercitar, a escala humana, a possibilidade de aproveitar o clima e a boa experiência sensorial.



[150] Vista aérea da área de intervenção



[151] Fotografia da área de intervenção - vista A



[152] Fotografia da área de intervenção - vista B



[153] Fotografia da área de intervenção - vista C



[154] Fotografia da área de intervenção - vista D



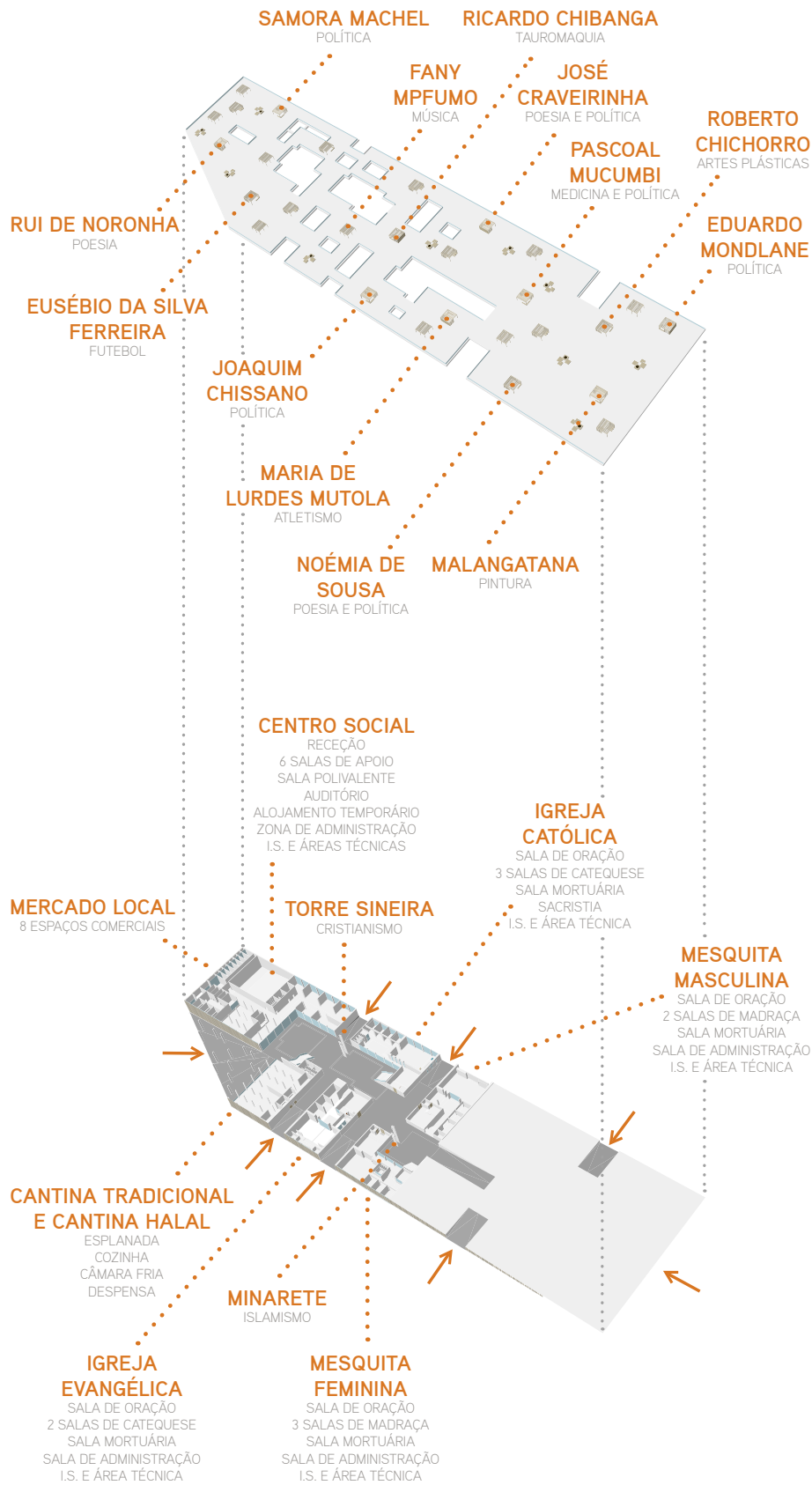
[155] Fotografia da área de intervenção - vista E



[156] Fotografia da área de intervenção - vista F



[157] Fotografia da área de intervenção - vista G



[158] Axonometria explicativa do equipamento

4.4. PROGRAMA

•••••••• PLANO SUPERIOR

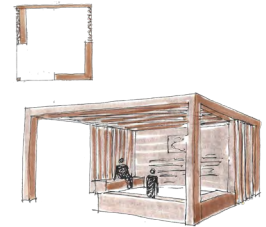
Para responder à maioria dos critérios atrás enunciados, propõe-se uma variedade de espaços exteriores e interiores, aos quais se atribuem diferentes funções. Dividido em dois pisos, surge na cobertura em rampa um grande jardim, enquanto no piso térreo, com passagens para a cobertura através de diversas rampas, propõe-se um conjunto de equipamentos, como uma igreja católica, uma igreja evangélica, uma mesquita masculina e uma mesquita feminina, um centro social, uma cantina tradicional e uma cantina halal.

O jardim segue uma aparente anarquia, tão querida dos bairros informais, obedecendo no entanto a uma regradada malha de 6x6 metros, que vai hierarquizando e organizando os diversos espaços e as suas diferentes funções. Propõem-se zonas relvadas, intercaladas com áreas pavimentadas, proporcionando diferentes utilizações, desde jogos infantis, zonas de refeições, áreas de dança ou actividades plásticas, leitura, teatro, etc.

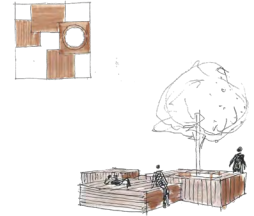
Serão complementadas com árvores que proporcionem sombras generosas – plantadas em caldeiras sobre os espaços vazios ou sobre as áreas técnicas e de menor pé-direito do piso inferior – bem como equipamentos lúdicos, telheiros com mesas de merenda e bancos espaçosos. As zonas serão diferenciadas pelos pavimentos por forma a criar diferentes experiências sensoriais e visuais.



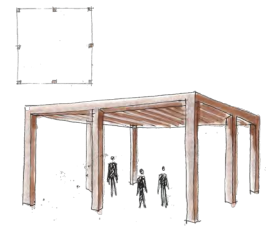
[163] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200



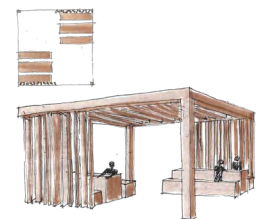
[159] Zona de estar e exposição



[160] Zona de descanso

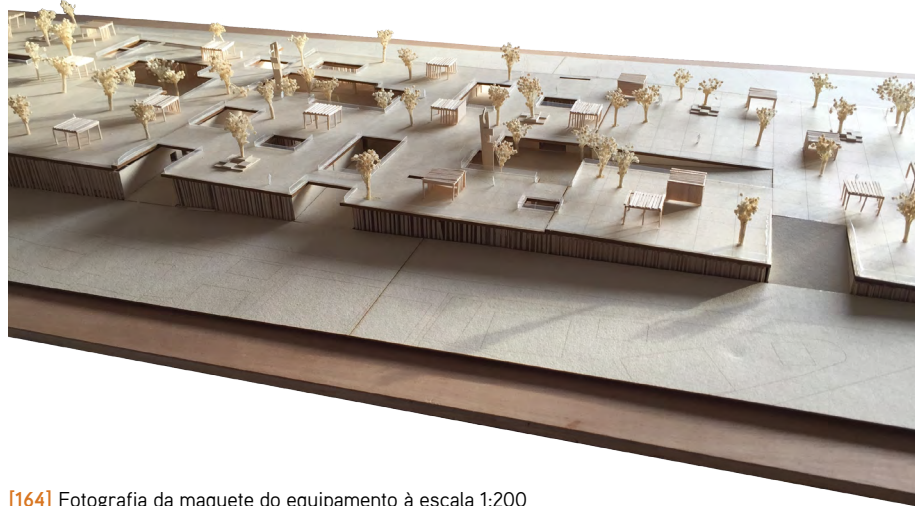


[161] Zona de encontro e dança



[162] Zona de descanso e refeições

Tendo em conta as já referidas características tropicais da pluviosidade em Maputo, a grande rampa ajardinada encaminha a maior parte das águas da chuva no sentido da Avenida Acordos de Lusaka, onde existem infraestruturas públicas de drenagem. Por sua vez, as águas que se precipitam nas rampas e nos pátios são recolhidas no piso térreo e encaminhadas por gravidade em direção à citada avenida, a Nascente.



[164] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200

A cada zona do jardim será atribuída uma personalidade da história de Moçambique ligada à Mafalala, como o jogador de futebol Eusébio da Silva Ferreira e a atleta Maria de Lurdes Mutola, os poetas José Craveirinha e Noémia de Sousa, os ex-presidentes Samora Machel e Joaquim Chissano, o ex Primeiro-ministro Pascoal Mucumbi e o toureiro Ricardo Chibanga, entre outros.



[165] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200

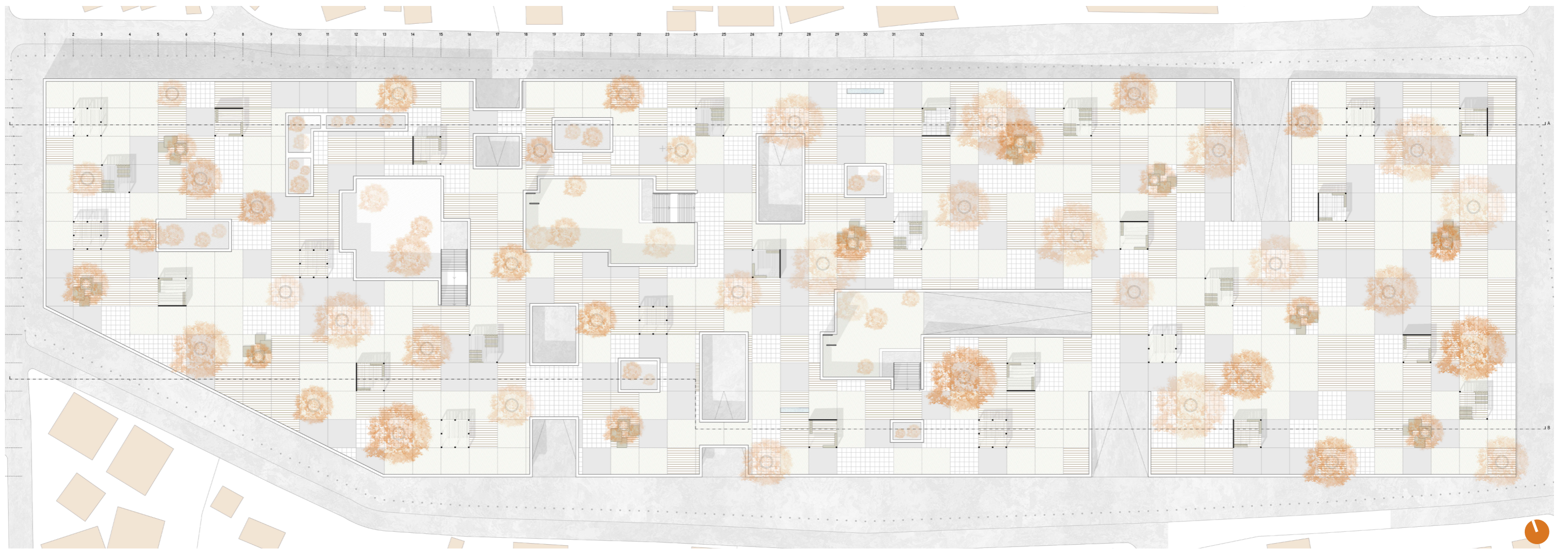
Ao longo do jardim e dos seus percursos será exposta informação cultural e biográfica destas ilustres figuras para que os visitantes fiquem a conhecer um pouco da riqueza cultural deste bairro.

Todo este percurso pelo jardim vai sendo interrompido por aberturas para o piso térreo, que permitem ao visitante acompanhar a movimentação nos pátios inferiores, convidando a uma visita aos espaços sagrados e a uma experiência espiritual.



[166] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200

Em sentido inverso, desses vazios emergem à superfície dois marcos característicos das religiões muçulmana e cristã: o minarete com o crescente e a torre sineira com a cruz. Completa-se assim a dimensão horizontal dos dois níveis – acima e abaixo do jardim – com uma dimensão vertical, no sentido do divino.



[167] Planta de coberturas

..... PLANO TÉRREO

Um dos aspectos que mais marca a cultura e o modo de estar moçambicano é a tolerância racial e religiosa. Isso mesmo pôde ser testemunhado na visita efectuada à Mafalala, em fevereiro de 2019, onde convidados de diversas raças e religiões dançavam juntos ao som da marrabenta, enquanto se banquetevavam na casa da noiva. Dançaram e comeram juntos antes da cerimónia, celebraram juntos o casamento na Igreja da Polana – na cidade do cimento, pois tem outro valor e na Mafalala não há igrejas como essa – e voltaram ao bairro para juntos continuarem a festejar. Aos moçambicanos não assusta a proximidade entre os locais de culto nem a participação nos eventos comuns, sejam religiosos ou civis, fúnebres ou festivos.

Assim, no piso térreo propõe-se um conjunto de espaços religiosos e equipamentos sociais, unidos por um jogo de pátios e percursos que permitem ao indivíduo descobrir e circular livremente entre os vários edifícios, mantendo uma relação com o jardim superior e com os elementos; o sol, o céu e a chuva. O percurso, com seis entradas pedonais, vai sendo valorizado pela alternância do escuro e da luz que deixa descobrir os espaços e locais mais importantes.



[168] Imagem ilustrativa - vista do pátio cristão



[169] Imagem ilustrativa - vista do centro social

Os quatro espaços sagrados – igreja católica, igreja evangélica, mesquita masculina e mesquita feminina – surgem ao longo da circulação do piso térreo. Porém, simbolicamente, para se aceder ao interior dos espaços sagrados, tem de se descer, como se assinalasse uma passagem, um regresso às catacumbas, o começo da privacidade e da segurança de professar o seu culto.

Por sua vez, o centro de cada uma das quatro zonas religiosas possui uma ampla zona coberta, rasgada por um pátio de luz que comunica visualmente com o exterior e acentua novamente a já referida dimensão vertical da espiritualidade.

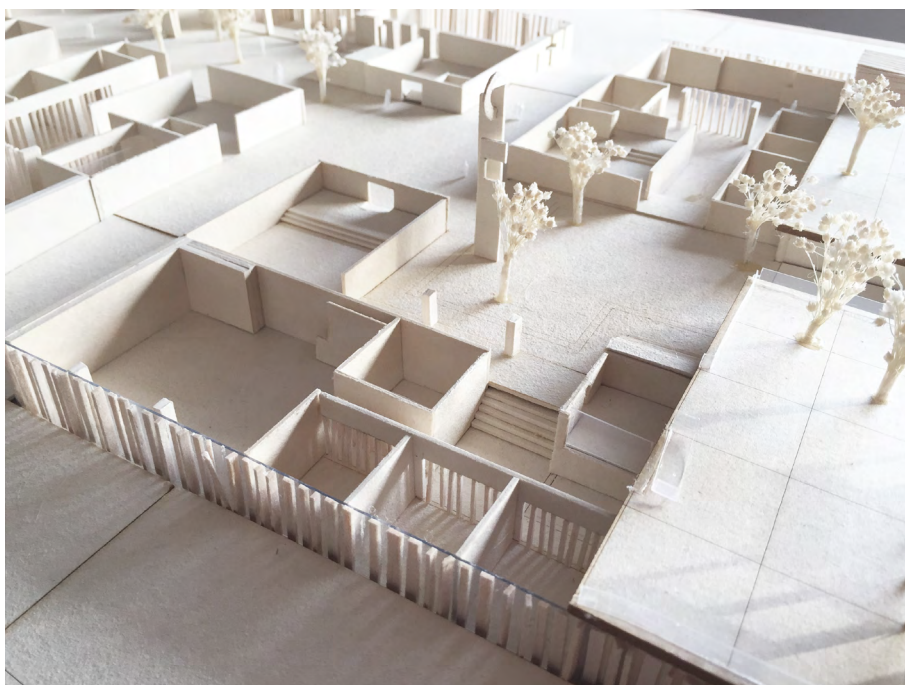
A água, como elemento simbólico comum a estas religiões, está representada, ainda que de forma diferente, nos diversos espaços de culto, como mais à frente se descreverá.

Os quatro complexos seguem uma lógica espacial semelhante, organizando os seus espaços em torno de uma escadaria que se encaminha para um largo corredor e para o referido pátio, em torno dos quais se organizam o espaço sagrado em si – naturalmente com maior destaque – um espaço mortuário, algumas salas de ensino do culto – madraças e salas de catequese, conforme

a religião - uma área de administração e instalações sanitárias e de apoio.

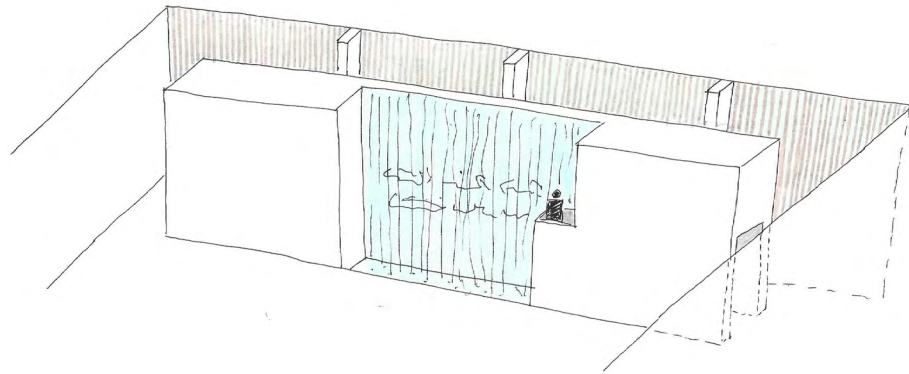
No lugar das habituais portas e portadas, optou-se por colocar painéis de madeira que deslizam e rodam sobre uma calha para que o utilizador possa gerir a entrada de luz e a ventilação em cada sala.

Nas duas mesquitas, masculina e feminina, o espaço de culto está orientado para Meca, consistindo numa sala ampla e despojada, sem imagens nem artes decorativas, apenas pontuada por versículos do Livro Sagrado - Alcorão.



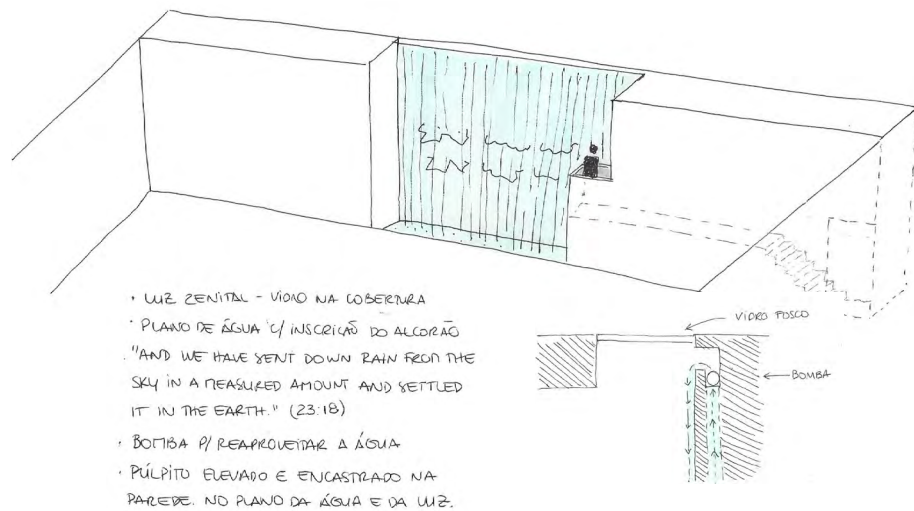
[170] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 - vista para as mesquitas

Ao fundo, em ambas as mesquitas, encontra-se uma parede espessa como o peso do tempo. No caso da mesquita masculina, esta serve de escudo à luz que consegue escapar pelo filtro de madeira que separa a mesquita das zonas exteriores. De uma clarabóia aberta acima da grossa parede escorre uma cortina de água, que parece ter escavado com a sua ação, um nicho largo onde se pode ler um versículo do Alcorão, precisamente sobre a água: *e fazemos descer, proporcionalmente, água do céu e armazenamo-la na terra.* (Alcorão, 23:18)



[171] Perspetiva geral do interior da mesquita masculina

Rasgada por entre a parede, surge uma fresta de onde se forma o púlpito, espaço destinado à proclamação das escrituras. Este espaço de culto é marcado por uma quase total horizontalidade, estando todos os espaços ao mesmo nível, sobreelevando-se apenas o referido púlpito.



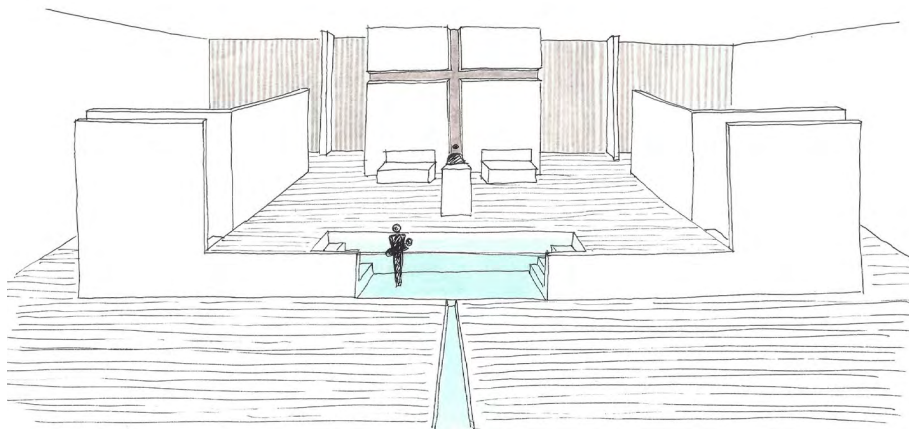
[172] Perspetiva geral do interior da mesquita feminina

Já na igreja evangélica, o espaço sagrado é marcado por dois níveis, situando-se a assembleia a um nível mais baixo e o espaço presidencial a uma cota mais alta.

Um estreito ribeiro parece nascer da luz que jorra no pátio central, entra e atravessa a sala de culto, encaminhando-se para a piscina batismal, como que a convidar à conversão e ao batismo.

Nesta religião os batismos são realizados por imersão, sempre que possível, pelo que a piscina batismal proposta, integra uma parede de vidro, permitindo aos fiéis uma melhor visualização e participação neste rito.

Um púlpito central assinala a zona da presidência. Atrás desta, uma parede quadrangular integra em baixo-relevo a cruz, despida de Cristo, e ao fundo o envidraçado protegido pela grelha que filtra a luz exterior.



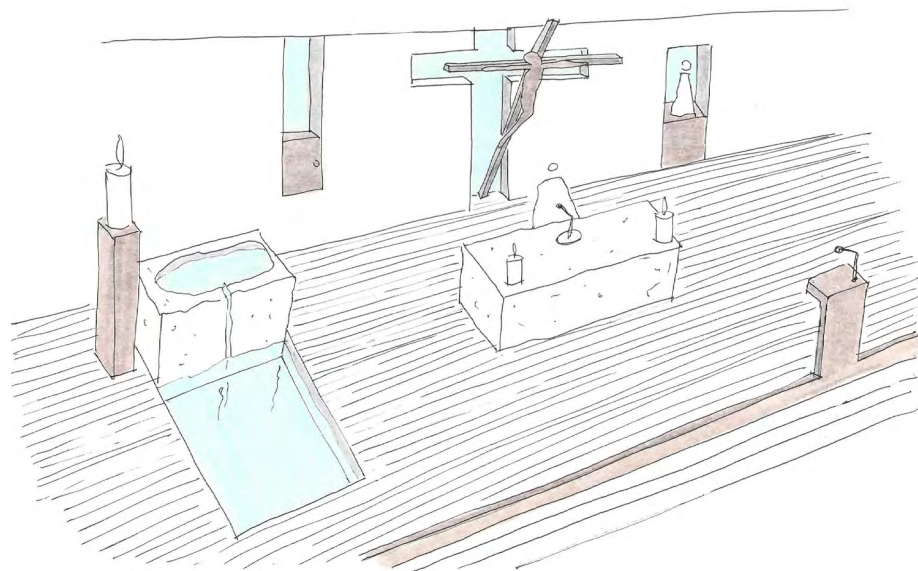
[173] Perspetiva geral do interior da igreja evangélica



[174] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 - vista para o interior da igreja evangélica

No espaço dedicado ao culto católico, existe também uma hierarquização das duas zonas: a assembleia a um nível mais baixo e o presbitério a um nível mais alto.

Desta feita, a espessa parede de fundo permite a criação de nichos em profundidade, sendo pretexto para a exposição dos diversos símbolos sagrados: ao centro uma cruz em negativo, escavada na parede, destaca uma outra cruz metálica e mais estreita, com uma escultura de Cristo em madeira moçambicana, cruz essa ligeiramente inclinada em direcção à assembleia, simbolizando por um lado o Seu desejo de aproximação aos fieis e por outro o próprio peso do Seu sacrifício na cruz; num nicho à sua esquerda, também ele iluminado pelo envidralçado exterior rasgado até ao tecto, significando a sua ligação ao céu e ao Pai, surge o Sacrário, o cofre sagrado, também em madeira, onde se guarda o Santíssimo Sacramento, as partículas consagradas que os Católicos acreditam ser o próprio corpo de Jesus; ao lado direito, também num nicho, mas desta vez rasgado até ao chão, significando a sua ligação terrena, surge a imagem do santo ou santa padroeira desta capela.



[175] Perspetiva geral do interior da igreja católica

Dois enormes rochas paralelepípedicas mas toscamente talhadas dominam o presbitério: ao centro o altar – a mesa da Palavra – e do lado esquerdo a pia batismal, de onde escorre um fio de água que cai sobre um pequeno

espelho de água, representando no seu conjunto o curso do rio Jordão, onde segundo as Sagradas Escrituras Cristo foi baptizado pelo seu primo João. Um ambão em madeira, do lado direito do altar, na zona de transição para o presbitério, e um suporte para o Círio Pascal, também ele em madeira, junto à pia batismal, completam este espaço de culto.



[176] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 - vista para o interior da igreja católica à escala 1:200

Como já foi abordado anteriormente, o bairro da Mafalala tem um grande sentido de comunidade, muitos voluntários e ativistas sociais mas não tem os recursos suficientes para resolver os principais problemas do bairro, nomeadamente um edifício onde se possam reunir e organizar e sobretudo, prestar apoio aos residente. O Centro Social pretende oferecer uma resposta a esse problema.

Propõe-se um conjunto de seis salas de apoio, uma sala polivalente para celebração de casamentos inter-religiosos e festas comunitárias, um auditório preparado para palestras, ações de formação e espetáculos, uma zona de alojamento temporário com suites para receber os visitantes, uma zona de administração, instalações sanitárias e áreas técnicas de apoio. Contém ainda alguns pátios interiores para possibilitar a entrada de luz, a

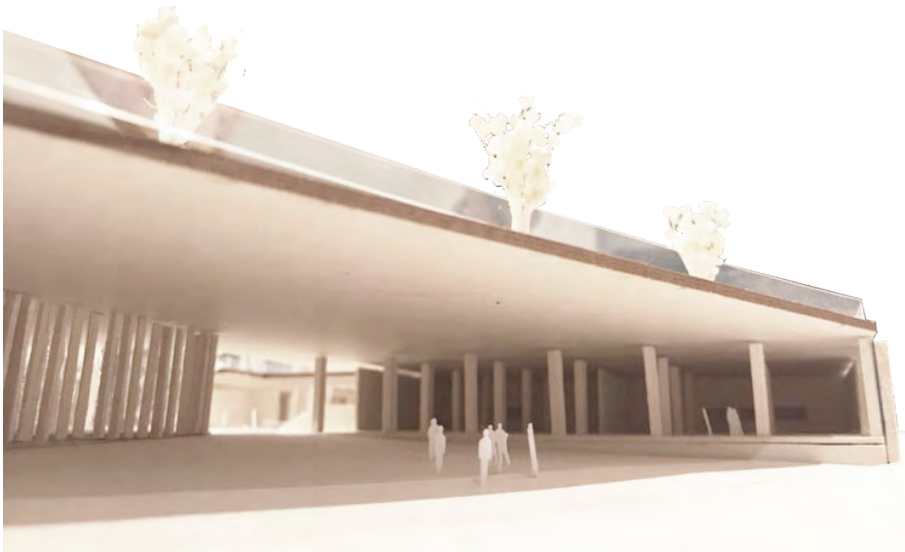
ventilação e para quebrar a barreira interior/externo e acima/abaixo.

Este centro, como referido anteriormente, tem também como objetivo atrair pessoas de outros países, culturas e religiões: padres, imãs, professores, investigadores, congressistas, entre outros. O auditório e as suites para alojamento temporário surgem como resposta a esse objetivo, tendo sido uma das necessidades referidas na visita à Mafalala. São assim propostas, - na extremidade Oeste do jardim, correspondendo à sua zona mais alta - oito suites, com uma pequena sala, instalação sanitária e varanda no piso térreo, e uma zona de dormir em mezanin. Ainda nesta zona mas ao nível terreo, e portanto por baixo das suites, surgem 7 lojas procurando promover os produtos e artesanato do bairro, bem como as iniciativa dos seus moradores.



[177] Imagem ilustrativa - vista para a entrada, escritórios e lojas

Na história e cultura moçambicana, as cantinas desempenharam um papel importantíssimo. Eram os espaços de comércio e de trocas, onde se transacionava quase tudo, de onde se enviavam e recebiam as comunicações. Eram simultaneamente mercearias, tabacarias, ferramentarias, drogarias, correios e sobretudo espaço de encontro e de informações. Essa tradição foi-se mantendo ao longo do crescimento da Mafalala e ainda se mantém sobretudo nos bairros informais.



[178] Fotografia da maquete do equipamento à escala 1:200 - vista para a entrada e esplanada

As cantinas vendiam comida e mercearias aos habitantes do bairro e permitiam que não lhes faltassem os bens essenciais. Utilizando esse conceito, surgem neste projecto duas cantinas, uma tradicional e uma halal, uma vez que serão incluídas duas mesquitas e que existe no bairro uma população muçulmana significativa. Por todas as condicionantes na preparação das refeições, serão duas cantinas e cozinhas separadas com espaço de esplanada comum.



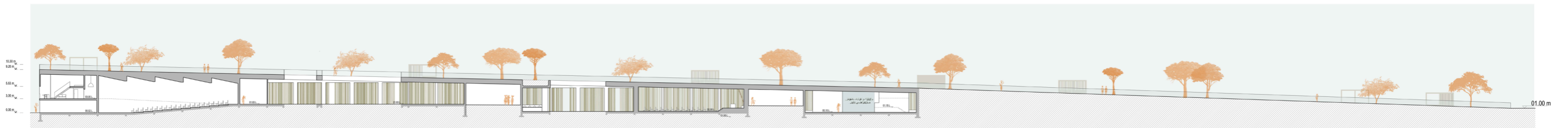
[179] Imagem ilustrativa - vista do exterior do equipamento



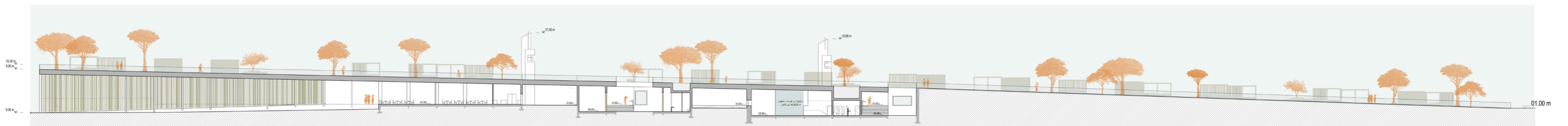
[180] Planta do piso térreo



[181] Alçado Sul



[182] Corte A



[183] Corte B



CONSIDERAÇÕES

FINAIS

5

O bairro da Mafalala registou ao longo dos anos um crescimento demográfico muito significativo, sendo evidente que não foram criadas condições para acompanhar essa evolução. A construção rápida, por meios próprios e sem planeamento, condicionou o bairro em vários aspetos, de onde se destacam a não-estruturação das vias, a precaridade das construções, a falta de infraestruturas e redes de água de consumo, de esgotos pluviais e domésticos, de abastecimento de energia eléctrica, a falta de equipamentos colectivos, bem como a deficiente conservação do património cultural aí patente e até tantas vezes, a sua destruição.

Com o empenho de alguns ativistas, arquitetos e investigadores têm sido reunidos esforços para ajudar a mitigar os problemas da Mafalala. Procurou-se definir estratégias e angariar apoios, envolver voluntários e identificar eventuais mecenas. Aliado à sempre tão limitadora escassez financeira colocou-se um desafio mais profundo: o de encontrar soluções para o reassentamento dos residentes, necessário para a abertura ou alargamento das vias ou para a criação de equipamentos comuns.

Conclui-se neste estudo que a solução não deverá passar por destruir o bairro para voltar a construir novos edifícios: a história e a cultura da Mafalala são demasiado ricas para se perderem; é necessário reconhecer a nível local, nacional e sim, internacional, a sua importância para que se consigam criar estratégias de intervenção e recolher os apoios necessários à sua implementação; é necessário respeitar a vontade dos moradores que queiram permanecer no bairro e encontrar soluções criativas para o seu reassentamento na Mafalala; é necessário recuperar os edifícios com valor histórico e cultural e apoiar a melhoria das construções existentes; é necessário implementar uma rede de energia, de águas e de esgotos que sirva todo o bairro, sem restrições de horários; é necessária a pavimentação e hierarquização das vias para dar origem a novas continuidades e espaços públicos qualificados.

A proposta deste Projecto Final de Mestrado e dos diversos edifícios e espaços exteriores que o compõem não colmata todas estas necessidades. Porém, procura potenciar o sentido de comunidade no bairro, já tão fortemente enraizado, através da utilização comum - interracial, interreligiosa e intergeracional – dos espaços propostos. Pretende-se também que ele seja

capaz de gerar curiosidade, estimulando a visita e o estudo de públicos que não se encontram despertados para esta problemática.

Este estudo, dado o seu contexto académico, não prevê à partida a sua implementação. Na visita a Maputo houve oportunidade para realizar diversas entrevistas que tinham como principal objetivo a recolha de dados e de informações, quer da componente religiosa, quer da social e comunitária. Aconteceu que, na maioria desses encontros, assim que era exposta a ideia geral do projeto e dos seus objetivos, sentia-se nos interlocutores uma curiosidade pelos temas abordados e um entusiasmo em acompanhar o resultado final. Refira-se a título de exemplo - e por ser aquele que mais impacto poderá ter no futuro da Mafalala - que no encontro com um dos responsáveis regionais pela Rede Aga Khan para o Desenvolvimento, foi manifestado um grande apreço pela estratégia e pelos objetivos deste estudo. Pela comunhão desses objetivos, foi aventada a possibilidade de um futuro interesse desta rede, quer ao nível da simples divulgação do trabalho académico, quer ajudando a promovê-lo junto dos decisores políticos e, sobretudo, no financiamento da sua implementação.

O Ponto de Encontro de Culturas e Religiões - Espaço Público de Todos e para Todos liberta-se assim dos estritos limites da Mafalala, expandindo horizontes e conquistando novos interesses; parte do seu viver e dá ao mundo um exemplo da tolerância, igualdade e respeito tão característicos das suas gentes.

Este documento é composto por 20.749 palavras.



BIBLIOGRAFIA

PUBLICAÇÕES E PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- \\ **ALMEIDA**, Patrícia Beirão da Veiga Bento. (2013). *Bairro(s) do Restelo - Panorama Urbanístico e Arquitectónico*. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea
- \\ **ATAÍDE**, Madalena. (2018). *O edifício islâmico fora do seu contexto*. Coimbra, Dissertação de Mestrado pela FCTUC
- \\ **BOWKER**, John. (2004). *A História Ilustrada das Religiões*. Lisboa, Selecções do Reader's Digest
- \\ **BRUSCHI**, Sandro; **CARRILHO**, Júlio; **LAGE**, Luís. (2005). *Era uma vez uma palhota...história da casa moçambicana*. Maputo, Edições FAPF
- \\ **CHIZIANE**, Eduardo. (2013). *Os títulos de DUAT nas zonas urbanas em Moçambique*. In Serra, Carlos Manuel e Carrilho, João (coords.) – *Dinâmicas da ocupação e do uso da terra em Moçambique*. Maputo, Escolar Editora
- \\ **DELUMEAU**, Jean. (2002). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa, Editorial Presença
- \\ **DUCA**, Mariana. (2018). *(RE) GERAÇÃO URBANA - O caso Mafalala em Maputo*. Lisboa, Projeto Final de Mestrado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
- \\ **FARIA**, Maria da Conceição; **JEQUE**, Nelson, coords. (2005). *Direito e Uso e Aproveitamento da Terra*. Maputo, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane
- \\ **FERREIRA**, António Mega. (2000). *Manuel Salgado - Espaços Públicos*. Parque das Nações
- \\ **GUEDES**, Manuel Correia. (2001). *Arquitectura Sustentável em Moçambique (Manual de boas práticas)*. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

- \\ **HALL**, Peter. (2002). *Cidades do Amanhã*. Editora Perspectiva
- \\ **HOWARD**, Ebenezer. (1996). *Garden Cities of To-morrow*. São Paulo, Hucitec
- \\ **INDOVINA**, Francesco (2002). *O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança* in *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 5, CET – ISCTE
- \\ **JOURDA**, Françoise-Hélène. (2014). *Pequeno Manual do Projecto Sustentável*. Editora Gustavo Gili
- \\ **LARANJEIRA**, Ivan; **NOA**, Francisco; **MENDONÇA**, Fátima; **LARANJEIRA**, Rui; **GONÇALVES**, Nuno Simão. (2016). *Mafalala: memórias e espaços de um lugar*. Imprensa da Universidade de Coimbra
- \\ **LERNER**, Jaime. (2011). *Acupuntura Urbana*. Rio de Janeiro, Editora Record, 5ª edição
- \\ **LIMA**, Alfredo. (2015). *Lourenço Marques*. Lisboa, Alêtheia Editores
- \\ **LOBATO**, Alexandre. (1948). *História da Fundação de Lourenço Marques*. Lisboa, Edições da Revista Lusitânia
- \\ **LOBATO**, Alexandre. (1967). *Lourenço Marques, Xilunguine - Biografia da Cidade*. Lisboa
- \\ **LOUREIRO**, João. (2001). *Memórias de Moçambique*. Lisboa, João Loureiro e Associados, Lda.
- \\ **LOURO**, Margarida, **OLIVEIRA**, Francisco (coordenação). (2009). *Casas para um Planeta Pequeno - Projecto Angola Habitar*. Lisboa, Pandora PT
- \\ **LUÍS**, Vânia Filipa Farinha. (2014). *Roça Boa Entrada - Espaço Sagrado: Génese, Reabilitação e Transformação*. Lisboa, Projecto Final de Mestrado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

- \\ **MALHEIRO**, Joana Bastos. (2018). *A cidade no estado novo - O desenho urbano na obra de João António de Aguiar*. Lisboa, Tese de Doutoramento pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
- \\ **MELO**, Vanessa. (2013). *Urbanismo português na cidade de Maputo: passado, presente e futuro*". Urbe, Revista Brasileira de gestão urbana, v.5, nº1: pág. 71 - 88
- \\ **MENDES**, Maria Clara. (1985). *Maputo antes da Independência: Geografia de uma cidade colonial*. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical
- \\ **MORAIS**, João Sousa. (2001). *Maputo: Património da Estrutura e Forma Urbana*. Lisboa, Livros Horizonte
- \\ **MORAIS**, João Sousa; **RAPOSO**, Isabel. (2005). *De cidade colonial às novas urbes africanas: notas exploratórias*. Ur Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa: Cidades Africanas
- \\ **MORAIS**, João Sousa. (2005). *Património urbano de Maputo: notas sobre o quadro edificatório*. Ur Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa: Cidades Africanas
- \\ **MORAIS**, João Sousa; **LAGE**, Luís; **MALHEIRO**, Joana Bastos. (2012). *Maputo: Património Arquitectónico*. Casal de Cambra, Caleidoscópio
- \\ **MOTTELSON**, Johan; **CHILAULE**, Remígio. (2018). *Futuros da Mafalala*. Maputo, Edição de autor
- \\ **RODRIGUES**, Luís Pedro. (2016). *Paradigmas de Intervenção em Bairros Autoproduzidos - O caso Mafalala em Maputo*. Lisboa, Projecto Final de Mestrado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
- \\ **ROSSI**, Aldo. (2001). *A Arquitectura de Cidade*. Lisboa, Edições Cosmos, Trad. José Charters Monteiro
- \\ **SIDDIQUI**, Mona. (2016). *50 Ideas You Really Need To Know - Islam*. Reino Unido, Quercus Edition

CONFERÊNCIAS:

\\ *Liturgia, lugar de encontro(s)* - IV Jornada de Liturgia, Arte e Arquitetura, Ordem dos Arquitectos [Igreja do Sagrado Coração de Jesus, 24 de novembro de 2018] composta pelas seguintes intervenções:

- *Reflexão e realidade dos nossos espaços litúrgicos* [João Norton - Brotéria]
- *Quando os homens se reúnem* [Bernardo Miranda - CIES-IUL]
- *A Palavra que convoca, congrega e envia: Fundamentos para uma arquitetura de encontro* [Miguel Rodrigues - Seminário dos Olivais]
- *Onde está o meu irmão? A liturgia como ensaio da fraternidade universal* [João Alves da Cunha - CEHR-UCP]
- *Capela Jesus Mestre, Apelação, Loures* [Patrícia Marques e Paulo Costa - Site Specific]
- *Igreja dos Pastorinhos, Quinta da Alçada, Leiria* [Alexandra Cantante - ACVB]
- *Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Venda Nova, Amadora* [Pedro Appleton e João Perloiro - Promontório]
- *Liturgia, lugar decisivo de encontro(s)* [D. José Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda]

WEBGRAFIA

- \\ Instituto Nacional de Estatística - Moçambique [www.ine.gov.mz]
- \\ Secretariado Nacional de Liturgia [www.liturgia.pt]
- \\ Segurança Social [www.seg-social.pt]
- \\ Alcorão [www.quran.com]
- \\ Farming Kindergarten [www.archdaily.com/566580/farming-kindergarten-vo-trong-nghia-architects]
- \\ The Park [www.ciglermarani.cz/node/73?l=c]
- \\ House of One [www.houseofone.org]
- \\ Maria Magdalena Kirche [www.kirche-im-rieselfeld.de/]
- \\ Sancaklar Mosque [www.archdaily.com/516205/sancaklar-mosque-emre-arolat-architects]

ENTREVISTAS

- \\ Luís Lage [Faculdade de Arquitetura de Maputo, 22 de fevereiro de 2019]
- \\ Sheik [Mesquita Jumma Masjid em Maputo, 22 de fevereiro de 2019]
- \\ Amina Ussene [Associação IVERCA, 25 de fevereiro de 2019]
- \\ Remígio Chilaule [Obra do Museu da Mafalala, 25 de fevereiro de 2019]
- \\ Rui Carimo [Fundação Aga Khan, 27 de fevereiro de 2019]
- \\ Sheik David Munir [Mesquita Central de Lisboa, 27 de junho de 2019]

VISITAS GUIADAS

- \\ Comunidade Hindu de Lisboa [com Sona Manilal, 22 e 28 de Maio de 2018]
- \\ Bairro da Mafalala [com Ana Cossa, 23 de fevereiro de 2019]
- \\ Mesquita Central de Lisboa [com Sheik David Munir, 27 de junho de 2019]



ANEXOS

ENTREVISTA AO PROFESSOR LUÍS LAGE
FACULDADE DE ARQUITECTURA E P. F. DA UNIV. EDUARDO MONDLANE, MAPUTO
22 DE FEVEREIRO DE 2019



Luís Lage, 1954

(...)

\\ O que me admira é como é que a Mafalala tem resistido, como é que é não chega um investidor e uma construtora e deita tudo abaixo.

Não é possível fazer isso. O "deitar abaixo" é uma imagem que não existe, não pode existir. Nós temos que ter a capacidade de ler e isto que está a acontecer é uma nova forma de urbanidade, nós temos que compreendê-la. Não há capacidade nenhuma de intervenção em termos de projeção, as coisas acontecem no terreno. O que temos que fazer agora é trabalhar sobre este terreno, melhorar as condições todas de infraestruturas porque isso é muito importante. O processo é completamente inverso: aqui primeiro ocupa-se o terreno, constrói-se, depois vem, se vem, a infraestrutura e depois é que se pede a licença (risos)...o processo é completamente diferente. Enquanto lá primeiro pede-se o título, faz-se a infraestruturação, depois constrói-se e depois é que se faz a ocupação, aqui o processo é ao contrário. Então, é preciso ler, não há como "deitar abaixo", aqui não, a realidade que está lá...

\\ Tábua rasa...

Não há tábua rasa, não há mesmo, não é possível. Não é possível e não é humanitariamente correto. Estamos a falar de anos de instalação, de gerações e de história. E se nós formos ler o que está a acontecer agora no terreno vai ver que grande parte das casas, 90%, são em alvenaria. E algumas delas têm condições fabulosas. Se entrar no meio do bairro vai ver casas fantásticas. Fantásticas, quero dizer, já com qualidade de construção. E isto acontece em geral em todo o lado. Agora, há malhas menos regulares, há malhas mais regulares, as malhas diferenciam-se dependendo da ocupação. O que é certo é que aquilo se está a densificar. As pessoas qualquer dia vão começar a fazer os primeiros andares, os segundos, os terceiros, mas é assim que as pessoas vão fazer e é numa forma de autoconstrução.

\\ Transformações familiares não é? No fundo aquela questão de "nasce

_Licenciado em 1995 em Arquitectura e Planeamento Físico na Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane (1995)

_Doutorado em 2006 em "Levantamento, Análise e Representação da Arquitectura e Ambiente", na Universidade de Roma "La Sapienza".

_Professor e diretor da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo.

_Desenvolve trabalhos de investigação, sendo autor e co-autor de várias publicações que abordam sobretudo os âmbitos da Arquitectura e Urbanismo em Moçambique.

a filha, casa, vamos arranjar um bocadinho..."

Com certeza, claro! Nós fizemos um estudo ao longo de 20 km da cidade, no eixo norte/sul por cerca de 2 km aleatoriamente para ver o que acontecia. Ao longo de 30 anos. Fomos em 1990, depois fomos em 2000 aos mesmos talhões, depois em 2010...

\ \ No âmbito da universidade?

No âmbito da universidade. O que nós verificámos é que os talhões, aqueles 50 primeiros casos de 1900 em que vivia uma família, quando fomos em 2010 estavam 7 famílias lá dentro, no mesmo território. Sete famílias diferentes, sete casas...as coisas apertam-se...

\ \ Arranjam forma...

Claro! Não há outra maneira! Depois a seguir vai ser o crescer na vertical mas isso é o que acontece não só aqui, acontece no mundo inteiro. Neste tipo de países em desenvolvimento, com grandes crescimentos demográficos é o que se vê em todo o mundo, na América do Sul, no Brasil...

(...)

\ \

ENTREVISTA A SHEIK
MESQUITA JUMMA MASJID, MAPUTO
22 DE FEVEREIRO DE 2019

**\\ Como é que classifica a convivência das religiões aqui em Maputo?
Convivem de facto ou não têm relação?**

Não, convivem!

\\ Aqui as mulheres rezam noutra sala?

Há mesquitas em que entram mulheres mas nesta não

\\ E como é que se processam os funerais em Maputo?

Tem que ser logo. O corpo vem para aqui e faz-se uma oração de 5 minutos e depois levam para o cemitério.

\\ E faz-se o ritual dos panos?

Sim, lavam o corpo, põem os panos e depois vai para o cemitério.

\\ É um cemitério próprio?

Sim.

\\ Têm salas de apoio para aulas de Alcorão?

Sim, aqui não. Esta mesquita pertence à comunidade e lá há salas onde ensinam o Alcorão.

\\ O culto principal é em que dia?

É hoje (sexta-feira). Por exemplo, o do cristão é ao domingo, o do judeu é ao sábado, o nosso é à sexta-feira e já começou...

\\

ENTREVISTA A AMINA USSENE
ASSOCIAÇÃO IVERCA, BAIRRO DA MAFALALA
25 DE FEVEREIRO DE 2019



Amina Ussene, 1994

_ Natural de Nampula
_ Residente no Bairro da Mafalala
_ Professa a religião islâmica
_ Trabalha atualmente na Associação Iverca.

(...)

\\ Conheces outras religiões aqui no bairro?

Sim, aqui temos católicos, apostólicos, maziones, da igreja universal e respeitamo-nos mutuamente, não temos nenhum tipo de preconceito.

(...)

\\ E qual é a mesquita que costumavas frequentar?

A Cadria.

\\ Dentro dessa mesquita as mulheres rezam separadas dos homens ou são mesquitas separadas?

São mesquitas separadas. Tem a parte masculina e a parte feminina.

(...)

\\ As abluções, fazem lá ou as pessoas fazem antes de ir? Ou não se faz?

(...) Tem uma parte masculina e uma parte feminina mas muitas pessoas preferem fazer em casa por causa da água.

\\ As crianças estudam o Alcorão nas madraças, correto? E há várias aqui no bairro?

Aqui no bairro temos sete ou oito e a maioria são nas mesquitas. Como na religião cristã, temos variantes na religião islâmica e a maioria das mesquitas aqui são sunitas, xiita só temos uma.

(...)

\ \ Como é que se chama a pessoa que lidera as salat ou preces?

Chamamos Sheik.

\ \ E vivem cá ou vêm do centro de Maputo e celebram cá?

A maioria dos sheiks vive cá porque são provenientes de Nampula, lá há mais muçulmanos.

(...)

\ \ E achas que era possível neste projeto haver um centro social de apoio às crianças e aos idosos e onde não importa muito se são muçulmanos ou cristãos? Isso era possível ou era uma utopia?

Bem possível porque aqui, até nas mesquitas, ajudam crianças que nem são muçulmanas. Às vezes quando ficam com fome e a mesquita tem um almoço, as crianças entram e comem, recebem alguns presentes (...)

\ \ Sobretudo espaços para eles estarem, não é?

Sim, não pensando na religião mas nas crianças em si. Um sítio onde elas possam brincar, as crianças fazem isso. Podemos encontrar aqui no bairro crianças cristãs e ziones no mesmo espaço a brincar por isso seria muito bom estarem protegidas e aprenderem a respeitar a religião dos outros. Dizem que é de pequeno que se torce o pepino.

(...)

\ \ Uma das coisas que temos partilhado é que em Maputo andamos muito à vontade, não nos sentimos ameaçados.

Vários turistas que quando vêm fazer o tour, na primeira impressão ficam com medo. Dizem que a Mafalala é um bairro perigoso mas depois ficam "numa boa", aconteceu a mesma coisa com vocês. O bairro da Mafalala não é perigoso, só tem pessoas que não se querem misturar, que são mais

fechadas. O bairro tem péssima fama mas não tem nada a ver com perigoso.

\\ Nesse centro social, o que é que tu achas que devia haver para beneficiar o bairro?

Eu acho que deveria ter um sítio onde os artistas do bairro que fazem bijuterias, vestimentas e coisas assim, pudessem vender o seu produto. Seria muito bom para as pessoas exporem o seu trabalho, não seria um museu mas uma pequena boutique para venderem os produtos.

(...)

\\ Também para chamar pessoas de fora...

Sim, chamar pessoas de fora para virem conhecer o bairro em si, conhecerem as pessoas também. Temos crianças com o talento de desenhar, eles podem expor os seus produtos, os seus desenhos. Sim, seria muito bom.

\\ Em relação às mulheres, achas que devia haver um espaço de apoio às mulheres e de apoio às crianças?

(...) Infelizmente na Mafalala temos uma percentagem grande de mulheres que não sabe ler nem escrever. Seria muito bom se tivesses um centro onde elas pudessem ir para aprender a ler e escrever

\\ E são mais mulheres do que homens?

Sim, infelizmente.

\\ Porque ficaram em casa, não é?

Sim, há muitas mulheres que não terminaram a madraça porque engravidam e não têm coragem de ir grávidas. São muito novas, a maioria. Imaginemos uma miúda de quinze anos que tem outras amigas que estão na mesma classe da madraça no Alcorão, por exemplo. No Alcorão são trinta livros, são dois ou três anos para estudar tudo e é muito tempo. As miúdas casam cedo, engravidam, já não têm coragem de ir e às vezes não têm tempo, têm que ficar em casa a cuidar da casa e dos filhos. O homem já tem mais liberdade...É

muito triste mas isto acontece muito aqui na Mafalala. As miúdas desistem da escola, desistem de viver a própria vida para viver a vida do esposo.

\ \ E em relação aos idosos? Ficam mais em casa ou vão mais para a rua? Há algum espaço onde se encontram?

Infelizmente não temos um espaço para além da mesquita Cadría mas ali só ficam os muçulmanos. Se houvesse um sítio para eles, independentemente da sua religião, onde pudessem conversar, seria muito bom. Eles ficam em casa porque não têm para onde ir, ficam sozinhos.

\ \ Em relação ao culto dos mortos dos muçulmanos...os muçulmanos acreditam na vida para além da morte?

Sim, acreditamos no paraíso e no inferno.

\ \ Portanto, quando se morre tratam o corpo na perspetiva de que a alma se vai juntar no paraíso?

Ao contrário de outras religiões nós não vestimos a pessoa, simplesmente tapamos com um pano branco e não enterramos com caixão, vai diretamente para a terra. A mulher não é permitida no cemitério no dia do enterro.

\ \ Como é que levam o corpo daqui para lá?

Temos um carro da Chadulia que vem buscar.

\ \ Mas vai num caixão?

Sim, eles poem num caixão de ferro. Chegam à casa do morto e levam o corpo para o hospital para ter o atestado de óbito. Depois levam para a mesquita Chadulia, é velado e no mesmo dia tem que ser enterrado.

\ \ Nós já sabemos que há o campinho e que a IVERCA ganha aqui uns campeonatos de vez em quando. O grande desporto aqui é o futebol, não é? Mas também há provas de atletismo?

Não, infelizmente não. Só temos rugby, futebol...

\\ E jogam onde? No campinho também?

Sim, sim.

(..)

\\ E a música aqui? As danças?

O que temos mais na Mafalala são músicas. Temos vários cantores que infelizmente não têm espaço mas temos várias danças tradicionais para além do tufo.

\\ É uma dança de senhoras, não é?

Sim, das senhoras de Nampula, eu também sou de lá.

\\ Mas onde é que se encontram as pessoas para dançar? Há algum espaço?

Infelizmente não temos. O único sítio que usamos é o campinho.

\\ Porque é o único espaço grande que não está construído?

Sim, amplo.

\\ Os macuas fazem parte de uma religião?

Não, é uma etnia de Nampula.

\\ Consegues falar um bocadinho sobre a Igreja Zione?

É uma religião de cura, usam os remédios tradicionais, roupas mais diferentes e chamativas para fazer o seu culto e tocam batuques.

\\ Mas eles vão à igreja?

Sim, ficam lá a noite inteira com batuques, cantando em círculos até ao amanhecer. São cristãos mas acreditam que existe bruxaria.

(...)



ENTREVISTA A REMÍGIO CHILAULE
OBRA DO MUSEU DA MAFALALA, MAPUTO
25 DE FEVEREIRO DE 2019



Remígio Chilaule, 1986

(...)

\\ Soube que têm feito um trabalho de proposta de intervenção, de saneamento no bairro, não é?

Saneamento, não. Só temos um trabalho de mapeamento. É um mapeamento comunitário, com telefones, drones, coisas assim da nova era tecnológica. A iniciativa chama-se "Mapeando o meu bairro" mas é só mapeamento, produção de dados já referenciados sobre o território. Depois os urbanistas têm que vir absorver esses dados e fazer propostas.

(...)

\\ Esta proposta que depois resultou numa exposição e num livro, no fundo é uma abordagem em relação ao que poderia ser a intervenção na Mafalala, não é? Segundo o que estivemos a estudar no seu livro, pelo que percebemos, a ideia não era sobre o território todo mas isolar um célula de 100 por 100 e imaginar os vários tipos de intervenção. Quer falar um bocadinho sobre isso?

O projeto "Futuros da Mafalala" faz já uma proposta muito esquemática, mesmo para exposição, não é uma proposta concreta. É um estudo de índices urbanísticos, densidades, como é que o bairro pode receber mais pessoas vindas de fora e virem a residir no bairro ou o próprio bairro há-de se multiplicar. Aqui estão _____ dos terrenos, são fenómenos que já estão em curso e _____ os quatro cenários que aqui fala. O primeiro é o cenário da situação atual e nesse estudámos um pouco do que está a acontecer com o bairro em termos de transformações. Em vários aspetos mas principalmente nesta questão da forma urbana que tem a ver com a divisão de talhões, ali onde antes tinha uma casa já tem três casas, a perda de espaços verdes, árvores...

\\ Esse fenómeno, normalmente, dá-se por seio familiar não é? De se querer que a filha fique com mais um pedaço de terra...ou há uma venda,

_Natural da Holanda, nacionalidade moçambicana
_Residente em Maputo
_Licenciado em Arquitectura e Planeamento Físico na Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico, na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo, Moçambique.
_Docente na Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Mondlane
_Co-fundador e team leader do laboratório de arquitetura HUEIV
_Responsável pelo projeto "Mapeando o meu bairro" na Mafalala
_Responsável pelo projeto do Museu da Mafalala, inaugurado em Junho do presente ano

há uma troca, uma alienação?

Há um pouco de tudo. Há, por exemplo, este edifício de dois pisos que tem o mesmo dono então é um caso de alguém que quer maximizar o seu terreno e constrói um piso para cima. Há quem tenha um filho que não tem onde viver ou não quer viver longe, então subdivide o talhão. Há quem venda. Há de tudo, a verdade é que há uma densificação.

\\ Mas já têm DUATs ou é uma gestão do território?

Praticamente não há DUATs aqui. Para já para ter DUAT é preciso ter acesso para veículos automóveis então como a muitos dos talhões não é possível chegar de carro, legalmente o Município não pode dar um DUAT. Então isso exclui logo 70% dos talhões que estão no bairro.

\\ E como é que é feita essa alienação, a venda? Se alguém vender, como é que...?

É tudo assim. Há alguns agentes imobiliários próprios do bairro então se alguém quer alguma coisa aqui, fala com eles, eles vão procurar e pronto, combina-se, paga-se e a vida continua...

\\ Estava a falar então desse segundo cenário...

Sim, esse era o cenário da situação atual. Então o que o projeto faz é explorar três possíveis cenários e o principal objetivo é mostrar que com a mesma quantidade de pessoas e o mesmo número de metros quadrados construídos, pode variar a qualidade de vida. Estes três cenários que vêm na capa são os tais três cenários de crescimento não regular, que é mais ou menos o que está a acontecer. Então cada um continua a subdividir, constrói mais isto, vende mais aquilo e começa a densificar não só horizontalmente mas também em altura. Depois isto é uma intervenção estatal que visa remover o chamado subúrbio e fazer uma habitação social que supostamente é melhor para estas pessoas mas nós questionamos se é de facto melhor. Os exemplos que estudámos mostram que daqui para aqui há uma melhoria pequena mas o investimento é grande e a melhoria não é tão grande. Depois, esta é uma situação que não existe na verdade, que é a nossa proposta, é

um pouco um misto de um crescimento orgânico, com alguma regra, alguma organização. O interessante destas três propostas, é que todas elas têm o mesmo número de metros quadrados, ou seja, podem acomodar o mesmo número de pessoas a viver. Todas elas têm 100 por 100 (metros), 1 hectare de área construída. A ideia era mesmo trazer esse debate de que, com o mesmo número de metros quadrados construídos, que supostamente é mais ou menos o mesmo custo para erguer esses metros quadrados, é possível viver bem, um pouco bem e muito mal. Isto desconstrói um pouco o que as pessoas pensam "isto é muito caro", "Nunca vamos conseguir", isto é o que nós podemos fazer e no fundo o custo se calhar não é tão diferente. Pelo menos este era o debate do projeto.

(...)

\\ Mas em termos dos censos, há informação relativamente ao que tem sido a evolução demográfica do bairro, o aumento populacional?

Mas não mudou muito, parece que continua...Neste último censo manteve-se entre os 25 e os 28 mil habitantes. (...) Há um aumento de 5% na área construída, do COS, e portanto não é um aumento muito grande. Também está de acordo com os dados de todo o município que a população não subiu, até baixou um bocadinho porque as pessoas estão, como já não há espaço, a construir muito na Matola. A Matola duplicou de população e já tem mais habitantes que Maputo. Entretanto Maputo, que é a capital, estabilizou porque já não há espaço.

\\ Também há um fenómeno, como a vida estabilizou, as pessoas tinham vindo por questões de guerra para Maputo e depois estão a regressar às suas zonas de origem.

Sim, também há disso.

\\ Remígio, outra questão que tem mais a ver com o meu trabalho. Portanto, no fundo, parto de um pressuposto que tem muito a ver com esta maneira de ser moçambicana muito aberta de que é possível as várias religiões interligarem-se e acho que isso é patente na Mafalala. Mas ao mesmo tempo, aqui a questão é se é possível fazer isso em

contexto organizacional, em contexto de um centro comunitário. Na minha faculdade inclusivamente houve professores que puseram um bocadinho em causa e eu tenho tentado desmontar isso um bocadinho com esta experiência, que os muçulmanos estão em contacto com os cristãos, que afinal vivem todos juntos e que não há problema nenhum, que não há tensões. Acha isso uma utopia ou acha que é possível fazer um centro comunitário com várias religiões?

(...) Não temos praticamente história de violência religiosa de nenhum tipo. As pessoas convivem fantásticamente, quase nem é um assunto, a religião de cada um, há muita irmandade. Eu não sei como é que é nos outros países mas suponho que muitas vezes haja problemas, haja muita segregação que aqui não acontece. Temos segregação noutros campos sociais mas em termos de religião acho que não há história de violência entre religiões. Primeiro não me parece utópico, parece-me lógico, mas perguntaria exatamente como é que se justifica um centro...porque um centro desses poderia ser um veículo para medir tensões entre grupos sociais. Se não há tensão nenhuma, se está tudo bem, então qual é a razão deste projeto?

\\ É mesmo por estar tudo bem. O que eu fui identificando é que as pessoas gostam muito de estar na rua, estão sempre na rua miúdos a brincar, há muitos pontos de encontro informais, as pessoas juntam-se e almoçam no chão, pronto. E acho que era lógico criar um espaço na Mafalala, como é o campinho, que eu já percebi que é um espaço público...

O espaço público mais diverso de Moçambique, como nós gostamos de dizer...

\\ Exato, fazer um espaço público onde as pessoas se pudessem encontrar e sobretudo que fosse um ponto de cultura. Sei que a IVERCA tem feito alguns projetos como o mural, exposição da história da Mafalala, portanto que tem havido essa necessidade de mostrar ao mundo e ao resto de Moçambique que de facto a Mafalala tem história, que tem muito para dar e que não é destruindo isto que vai fazer sentido. Eu gosto muito de estudar religião, não é todo a minha área mas achei que era um tema interessante. Então, peguei na religião e na necessidade

de espaço público e tentei juntar. Sabendo que na Mafalala há esta "boa onda" entre todos, pareceu-me que a partir da religião as pessoas se pudessem juntar. Falei com a Amina há bocado e ela disse-me uma coisa engraçada: " Se as pessoas soubessem o que é a minha religião, eu vivia mais plenamente" e eu achei isso interessante. Eu entrar num espaço público, vou para a minha igreja para a missa ao domingo de manhã mas vou passar ali na mesquita que se calhar estão lá outras pessoas e vou lá conhecer. (...)

Interessante, interessante. E até essa ideia de eu ir à igreja mas cruzar-me com alguém que está a vir da mesquita no mesmo espaço tem muito potencial. Já têm terreno? Agora estou a ficar curioso!

(...)

\\ Há aqui outro aspeto que não deve ser tirado da equação que é um bocadinho também o que a Mafalala tem para mostrar ao mundo. Eu acho que a Mafalala tem para dar ao mundo é esta mostra de cultura, esta mostra de tolerância. Numa altura em que se fala tanto em tolerância religiosa, no fundo o que é que este trabalho propõe? É diferente ser muçulmano ou ser católico ou ser de uma outra religião e é difícil haver espaços de culto que seja um único porque têm os seus símbolos, têm as suas maneiras de rezar, uns separados por sexos, outros misturados, uns com uma roupa outros com outra. De facto não vale a pena, isso sim seria uma utopia inultrapassável ter um único espaço de culto. Mas quando toca a "por a mão na massa", seja para questões culturais, seja questões de apoio social, infantil, sénior, aí podemos trabalhar juntos, não importa qual é a nossa religião. (...) Portanto, só para terminar, é um bocadinho este aspeto que pode irradiar aqui da Mafalala um exemplo de "não, não nos chamem utópicos porque isto é possível" e é possível porque já existe, agora se calhar é só preciso corporizar, dar espaço.

Sim, porque é essa a nossa função no fundo como arquitetos, nem é inventar a sociedade, é dar-lhe espaços.

(...)

\ \ As casas têm buracos no jardim?

Nas casas mais pobres sim. O município recomenda que se faça é ter uma fossa e depois deitar no saneamento mas há muita gente que não consegue construir a fossa e faz um buraco com pneus.

\ \ Mas há depois uma rede de saneamento nas ruas principais para drenar?

Há mas é um saneamento que mistura a pluvial com águas negras. Mas bom, negras tratadas teoricamente mas muitas vezes não tratadas.

\ \ Ia perguntar isso em relação ao município. O município tem uma intervenção aqui no bairro?

Há alguns bairros onde o município tem feito planos de urbanização, que ajuda um pouco na medida em que são implementados, em 2%, por aí, mas a Mafalala ainda não teve nenhum desses. (...) A última intervenção que houve foi do Banco Mundial que abriu exatamente estas valas, na rua adjacente ao teu terreno, a rua do Eusébio.

(...)

\ \ E da experiência que tem em relação aos reassentamentos? Por exemplo, não sei se foi o caso do museu, se havia aqui alguma coisa. Mas vamos imaginar que é preciso criar uma praça para se criarem espaços públicos...

Ia perguntar isso, é muita gente...

\ \ As pessoas aceitam ser reassentadas noutros sítios? Tem que ser dentro do bairro? Ou é aquela questão de "só aceito ser reassentado se me derem a casa"?

Bom, eu diria que é muito caro. Nestes bairros assim próximos do centro, as pessoas já estão assim alerta, a ouvir esta questão do reassentamento então tem sido muito recorrente. O plano a caniço principalmente, mais Maxaquene,

Mafalala está a começar. Então sim, há muitos reassentamentos. As pessoas são muito pobres e os valores de indemnização para elas são altos e para alguém que quer fazer uma intervenção destas tem que indemnizar todas essas pessoas que estão ali naquela parcela de terreno e é um custo considerável do projeto. Mas mesmo assim, eu acho que é já uma questão de princípio do investidor e do projetista porque, claro, é possível pagar a toda a gente para ir viver não sei para onde, eu ir desenvolvendo o bairro da Mafalala ao espelho do centro da cidade. Isso impossível não é. Mas será que é esse o futuro que nós queremos para este tipo de bairro? Basicamente é o crescimento da cidade formal e empurrar as pessoas que não podem pagar para viver ali (...) Então é um problema de gentrificação que como arquitetos estamos mais sensíveis mas os clientes e os investidores raramente estão.

(...)

\\ A pergunta que se coloca agora é: como é que conseguimos dar o salto? O que é que falta? É o Estado interessar-se e investir na Mafalala? É encontrar mecenas? Por exemplo, estou a lembrar-me da Fundação Agha Khan que tem prémios de arquitetura, tem uma preocupação muito grande com as questões sociais, com as questões da educação...seria um possível mecenas destas melhorias para a Mafalala ou isto continua a ser uma enorme utopia?

Por acaso fiz um esboço assim bem utópico do que seria necessário para uma coisa destas e acho que uma coisa importante é que deve envolver todos os atores. É um pouco cliché dizer isto mas de facto acho que não há como. Claro que o município tem que entrar, os doadores, a Agha Khan, (...) o Banco Mundial, quem sabe, devem participar. (...) Era um trabalho que devia ser liderado pelo município mas duvido que vá ser, tem que ser liderado pelas pessoas, por exemplo a (Associação) IVERCA, apaixonadas pelo bairro que sentem que têm que começar a juntar, puxar forças de cada um e ver o que se pode fazer.

(...)

\\ Uma coisa muito interessante nestes bairros informais, que aconteceu muito no Brasil e na Índia, que é a autoconstrução assistida. As pessoas,

precisamente por terem um sentido comunitário, juntam-se com os amigos (...) aos fins-de-semana e poem-se a construir (...) Pronto, é isto. É assim um projeto muito utópico, claro...

Mas eu acho que não é tão utópico assim. Digo, é utópico porque não vai acontecer já mas acho que é relevante. A palavra certa é a relevância que tem este estudo para o bairro.

(...)

\\

ENTREVISTA A RUI CARIMO

FUNDAÇÃO AGA KHAN, MAPUTO

27 DE FEVEREIRO DE 2019

(...)

Bom, deixe-me falar um pouco sobre a nossa organização e depois ir um pouco para esse campo das religiões. A nossa organização serve as comunidades mais vulneráveis independentemente do género, do credo, da raça, da origem étnica, da confissão religiosa. É uma estrutura vasta que está presente em Moçambique desde 1998 através de várias unidades. (...) Portanto, a rede Aga Khan para o desenvolvimento tem a componente económica, a componente social e a componente da cultura. (...)

Em Moçambique nós estamos presentes em Cabo Delgado, (...) na Matola e em Maputo. Não tivemos nenhuma intervenção na Mafalala portanto é difícil para mim falar-lhe sobre a Mafalala. A nossa experiência diz-nos que o mais importante é erradicar a pobreza porque como estamos a ver o que está a acontecer em Cabo Delgado, quando ela não é devidamente focalizada, a situação pode tornar-se explosiva. O descontentamento, a pobreza, o isolamento, uma presença do Estado que não é tão presente, isso faz com que se criem depois situações complexas e de insegurança.

(...)

\\ Eu tive o cuidado de não ser utópica no sentido em que...os lugares de culto de cada uma das religiões têm que ser específicos, não é possível pela questão da simbologia e da intimidade da própria oração, mas depois o espaço social, o espaço de intervenção pode ser partilhado. E há aí dois aspetos que são interessantes. Um é que foi confirmado ao visitar a Mafalala, (...) é que há intolerância religiosa, eles não sentem lá e foi um testemunho muito interessante que acho que vai ser muito importante para o meu trabalho. Por outro lado, esse aspeto de mente tão aberta da Aga Khan de "não nos interessa a confissão religiosa de cada um, interessa é apostar nas pessoas e no desenvolvimento, é erradicar a pobreza". Para terminar, quando houve um percalço em que tentei mudar de orientador, um dos possíveis orientadores descredibilizou o meu projeto dizendo ser completamente utópico e irreal e isso fez-me

perceber que as pessoas estão formatadas a que isto é um "bicho-de-sete-cabeças" e que as pessoas não podem estar juntas e eu queria muito desmontar isto. A experiência da Aga Khan é fundamental nessa área, um bocadinho como testemunho dessa convivência de religiões. De facto, as pessoas podem viver juntas e na Mafalala é engraçado porque assim que se entra, começamos logo a ver na rua os diferentes tipos de religião mas de facto as pessoas conversam na rua, estão todas juntas e não há diferença.

É verdade e acho que a sua tese é válida nesse sentido. Eu, não falando especificamente da Mafalala, posso falar-lhe um pouco da nossa experiência em Moçambique que traduz em certo modo aquilo que acontece. Em que as várias comunidades distintas interagem e estão juntas. (...) E isso é bonito de se ver. Portanto, é verdade que em Moçambique existe essa faceta do respeito pela liberdade religiosa e a sua tese vai pelo caminho certo, no meu entender. Para nós, ismaelitas, vemos Moçambique como um país de oportunidade também por isso. Portanto, é o testemunho que eu posso passar da experiência que eu vivo e daquilo que eu sinto do contexto geral em Moçambique.

(...)

\ \ Há pouco ia perguntar: na religião islâmica, no geral, sabemos que há muitas vertentes, é possível um espaço comum? Ou seja, se eu desenhar uma mesquita, todas as vertentes da religião islâmica podem congregarem-se no mesmo espaço? É possível?

Eu não chamaria a religião islâmica, eu chamaria a religião muçulmana e utilizaria o termo "Umma" que é toda a comunidade na sua vastidão muçulmana. Tem depois a ramificação sunita e xiita e na xiita tem várias ramificações entre as quais a ismaelita, que tem este historial de 1400 anos. 1400 anos porquê? Porque há uma descendência do profeta para o primeiro líder religioso e é aí que há cisão entre a religião muçulmana sunita ou maometana, pelo profeta, e a vertente xiita que segue a liderança espiritual, os líderes espirituais. Sua Alteza Aga Khan é o descendente direto do profeta, em sangue, a sucessão direta hereditária e é o 49º. Portanto, houve 48 sucessões que levam a este historial de 1400 anos. É interessante verificar que, no caso do IMAMAT e

da rede Aga Khan para o desenvolvimento, que neste momento não tem um império ou um estado soberano, tem um reconhecimento por parte de vários países e tem um estatuto que é conferido de Estado, de sujeito de direito internacional, que é uma designação jurídica. Isto acontece em Moçambique, em termos de estatuto diplomático, acontece noutros países de África, da Ásia e em Portugal. (...) Respondendo à sua pergunta, num espaço único não é possível termos todas as vertentes da religião muçulmana a conviverem no sentido da prática diária, da confissão porque parte de premissas distintas, crenças distintas. (...) Em termos da socialização é possível juntar e isso acontece no nosso caso. Nós temos e convidamos vários líderes e membros das comunidades muçulmanas, da comunidade muçulmana sunita e eles têm várias associações, por isso é que eu utilizei o plural, convidamos e eles estão connosco em certas celebrações não-religiosas. Portanto, é possível mas há que ter em conta as especificidades da prática religiosa.

**\\ Então em termos de espaço físico, o que é que recomendaria?
Ser um único templo com duas mesquitas com espaços diferentes ou completamente separadas?**

Não, eu penso que no mesmo espaço podem estar áreas distintas e áreas comuns. Distintas, para que as várias vertentes possam ter a sua especificidade e privacidade de culto. Comuns, que possam celebrar casamentos, batismos, dias especiais. (...) Portanto eu acho que, arquitetonicamente é possível conjugar um espaço para a convivência mútua e ampla mas tendo em conta a especificidade de cada uma.

(...)

\\ E as horas são as mesmas?

Não, as horas são diferentes.

\\ Então, se fosse o mesmo espaço, se as outras vertentes rezassem numa hora...

Não, pela especificidade que nós temos em organizar a sala. A forma como nós organizamos a sala para o nosso culto é diferente.

\ \ Já agora quais são as horas? São horas específicas?

R: São horas específicas. Ao contrário da comunidade sunita que tem cinco momentos de oração, a comunidade ismaelita tem dois momentos de oração que simbolicamente coincidem com o nascer e com o por-do-sol. Portanto, todos os dias às sete e quinze, no fim-de-semana é às sete, da tarde, e de madrugada. De madrugada é uma congregação muito específica de meditação, não é obrigatória, é das quatro às cinco da manhã e às cinco da manhã é feita a oração. Das quatro às cinco é uma meditação e não é obrigatória a hora, pode fazer-se cinco minutos, pode fazer-se dez minutos, pode fazer-se quinze minutos. Faz-se no escuro, sentado, em silêncio.

\ \ No templo? Não é em casa?

No Jamatkhana. O templo não é dos ismaelitas, o templo é dos hindus. Há quem não consiga ir e faz em casa. (...)

\ \ Em relação à Mafalala, tem ideia do número de ismaelitas que pode haver na Mafalala? Enfim, não haverá esse censo mas há uma prática em termos de fundação...Tem ideia que haja ismaelitas lá?

Não há ismaelitas na Mafalala, que eu tenha conhecimento, se houver são mínimos, um número mínimo. A maior parte da comunidade está localizada em outros polos, principalmente perto do edifício Sua Alteza Aga Khan, porque têm que se deslocar e porque são membros que vêm em condições económicas de recursos baixos e portanto o transporte é algo que não têm. Existe o autocarro do próprio Jamatkhana que vai fazer o "pick up" e o "drop off", os mini buses, (...) São cerca de 500 os ismaelitas que estão em Maputo e cerca de 2000 os que estão em Moçambique e são cerca de 10, se não me falha a memória, ou doze, os Jamatkhana pelo país. (...) Há uma outra diferença também no Jamatkhana: as senhoras e os senhores sentam-se juntos, não há espaços distintos. Quem lidera as cerimónias são dois casais, dois senhores e duas senhoras.

\ \ Portanto, ao contrário das outras vertentes, rezam todos juntos.

Sim.

\\ Não sei como se diz mas têm um ministério próprio?

São casais que têm a sua profissão liberal ou comercial, que são nomeados por Sua Alteza, por proposta do Conselho e que depois desempenham diariamente, que lideram as cerimónias religiosas a estas horas que eu vos mencionei. E são duas mulheres e dois homens, dois casais.

\\ Quando perguntávamos na Mafalala o que é que as pessoas sentiam, qual é a dificuldade, era naturalmente esta questão dos esgotos. Não tem só a ver com a questão dos esgotos domésticos, tem a ver com os esgotos pluviais e em Moçambique, quando chove, aquilo tudo inunda, depois fazem-se assim umas obras... A Fundação em si ou a rede, melhor dizendo, vê alguma possibilidade de algum dia pegar na Mafalala e integrar uma qualquer rede de melhoramento? Isso faz sentido ou é ainda prematuro? Ou afinal não faz parte do foco da rede?

Faz sentido, faz sentido no âmbito do fundo Aga Khan para a cultura e faz sentido talvez no âmbito do programa de apoio às cidades históricas. Contudo, não está previsto que haja uma intervenção dessa natureza por parte da Fundação Aga Khan ou qualquer agência de rede Aga Khan para o desenvolvimento. (...) Este vetor económico não distribui dividendos, reinveste-os na própria organização.

\\ O que é gerado é reinvestido na parte da educação, na parte de apoio social...

Sim, e também no próprio projeto económico. Portanto o turismo e a indústria são vetores da área económica que reinvestem nos próprios projetos ou nas áreas sociais e culturais.

\\ (...) Estamos a falar de um bairro periférico mas que está completamente dentro da cidade, passando ali a (Avenida) Marien Ngouabi, estamos lá. Fico impressionada com a carga histórica (...) mas entretanto os guias dizem que a casa já foi demolida, que aquela já não existe, etc. e essa carga histórica é que era interessantíssimo manter. (...) E pensei que isto com o modelo de desenvolvimento de casas para as pessoas, com a questão de resolver o problema da drenagem, por

um lado a mais superficial das águas da chuva, por outro a questão dos esgotos domésticos, que é uma questão também de saúde pública. Aquilo impressiona qualquer um. Como é que não há mais doenças? Por uma questão cultural, as crianças andam muito à solta, brincam e são vigiadas e acompanhadas pelos vizinhos quando os pais vão trabalhar, é um fenómeno social muito interessante, mas o que é facto é que estão expostas a esgotos a céu aberto a maior parte do tempo. Não quis deixar de tentar perceber se faria sentido haver uma rede desinteressada de parceiros de várias áreas na qual a Aga Khan pudesse também envolver-se.

Acho que sim. O que eu lhe posso dizer sobre a rede Aga Khan para o desenvolvimento é que nós estamos abertos a receber uma proposta. Acho que esta sua tese pode servir de catalisador para uma ideia mais vasta, mais ampla, mais integrada, mais holística para reabilitar tudo o que é Mafalala, recuperar e prevalecer a identidade da Mafalala para a história. Porque também é um pouco o que está a acontecer na Ilha de Moçambique, a identidade começa a perder-se e dói-me porque eu sinto-me da Ilha. Agora, sobre esta ideia que me está a expor, eu acho que isto pode concretizar-se. Acho que pode ser desenhado um projeto, um plano, pode ser apresentada a várias entidades, neste caso ao fundo da Aga Khan para a cultura. Isto pode ser levado a Genebra que é onde está a sede e pode ser considerado. Muito honestamente eu não quero criar-lhe expectativas porque o conhecimento que eu tenho do fundo da Aga Khan para a cultura é que já tem os seus recursos alocados em vários projetos a nível mundial e são projetos de uma envergadura maior, como é o caso deste parque. Contudo, posso fazê-lo. Mas acho que se nós abordarmos, por exemplo, a Fundação Graça Machel, o desenvolvimento para a comunidade, se abordarmos a União Europeia, podemos talvez ser bem-sucedidos. Mas penso também que não seremos os primeiros a fazer isso. (...)

\\ Pois, eu também não estava aqui a empurrar a Aga Khan para lidar com este processo. (...) Devemos estar a falar de muito pouco em termos de investimento. Por exemplo, nós fomos conhecer e entrevistar o arquiteto Remígio Chilaule que fez uma reflexão juntamente com um colega, penso que dinamarquês, sobre a Mafalala. Pareceu-me um trabalho interessante mas que lança reflexões, não aponta soluções.

(...) O futuro da Mafalala pode, na opinião deles, enveredar por três processos. Ou um processo, que é o que eles representam aqui, de densificação, porque ela vai ter que crescer, isso não há dúvida. Até porque as pessoas não vão querer sair de lá, por estar perto da cidade, portanto ela vai crescer desordenadamente e aqueles que ainda eram os restos dos espaços públicos onde se jogava à bola, a grande árvore onde se encontravam, isso vai desaparecer. Depois uma intervenção mais radical onde eles depois fazem vários estudos de caso com Alexandra, na África do Sul, Joanesburgo, de "ok, vamos acabar com isto e vamos fazer edifícios, otimizar em altura" e esta solução as pessoas também não vão querer porque estão habituadas à terra, têm as machambas, têm os miúdos na rua e desaparecem as árvores, desaparece a relação com a terra, etc.. Por fim, aquilo que eles consideram o desenvolvimento em contexto que, sem o dizerem, parece que é aquele em que eles mais apostam, que é desenvolverem pequenos modelos-tipo de rés-do-chão, primeiro e eventualmente segundo piso tem em conta o espaço público. É um trabalho interessante, foi apoiado pela universidade desse colega da Dinamarca e é um conjunto de reflexões. Portanto, eu imagino que deve haver espalhadas muitas entidades e pessoas de boa vontade que já se refletiram sobre a Mafalala e que provavelmente sozinhos nada conseguem. Aqui a minha questão é se às tantas não faria sentido juntar todas estas pessoas que se preocupam com a situação na Mafalala e encontrar soluções. Porque até é um poço cultural do próprio país e da cidade.

Claro! E a faculdade de arquitetura?

\\ Também, esse livro é em conjunto com a faculdade.

(...)

Sim, mas acho que é possível, é preciso haver um líder que dinamize, "puxe a carroça" e seja persistente...e há fundos disponíveis para isto. Os nórdicos, a União Europeia...

\\ Como é que é vista a questão do culto dos mortos na religião ismaelita?

Muitas vezes pergunta-se se os corpos são, tal como não religião hindu, cremados. Não, não são mas podem ser, há liberdade para isso. O corpo é tratado por uma equipa da comunidade, é feita a cerimónia no Jamatkhana. É uma cerimónia que não é feita dentro do espaço de oração (...) para permitir que as pessoas de outras confissões possam estar presentes (...). Há um momento mais privado em que é feita uma lista das pessoas mais próximas, familiares e amigos, e é uma cerimónia que consiste em que os ministros do culto, os tais dois casais, juntamente com esse grupo mais restrito, faz uma oração para o perdão dos pecados da alma. Depois, então, o corpo é levado para a congregação toda e a congregação reza em árabe determinados versos do Corão que são proferidos mediante a audiência, a congregação e daí é levado o corpo para o cemitério onde é feito o enterro. Há cidades onde é alocado um espaço próprio, a Ilha de Moçambique tem um cemitério da comunidade ismaelita onde estão os meus antepassados. Aqui em Maputo é o cemitério muçulmano, não é um setor vocacionado só para a comunidade ismaelita. No caminho para o cemitério, vão os homens e ficam as mulheres (...). Portanto é assim que nós procedemos.

\\ Portanto os homens é que vão ao cemitério.

Onde são feitas mais rezas e depois disso não há uma prática de visita ao cemitério porque o corpo não tem valor.

\\ O corpo é enterrado em caixão?

O corpo é enterrado em caixão e na última parte, antes de fechar o caixão, cada um dos que está presente pega na terra e deixa um punho de terra dentro do caixão.

\\ A parte de envolver em panos brancos também se faz?

Sim, também se faz.

\\ Pois, nas outras vertentes não vai em caixão. Aliás, em Portugal diziam que era uma dificuldade com as funerárias porque tinham que comprar um caixão no qual não iam enterrar a pessoa porque tem que se transportar em caixão.

Vai em caixão e o punho de terra simboliza "Da terra eu vim, para a terra eu vou".

\\ Uma coisa que me fascina nesta investigação são as tantas parecenças entre religiões. Estamos a falar de que o corpo não é nada e que...

Sim e aliás, eu falei-lhe no Corão de propósito porque nesta cerimónia estamos a proferir versículos do Corão que é o livro sagrado dos muçulmanos, da UMMA, da comunidade no seu todo, que também é dos muçulmanos ismaelitas.

\\ Pois, mesmo em relação à fé católica, nós somos católicos e de facto as parecenças são muitas, Deus é o mesmo, a forma como nós professamos é diferente. De facto as pessoas conseguem conversar sobre o mesmo Deus e isso é fascinante. Eu entrei neste tema sem saber nada porque na verdade não sabia e o que me irritava é que eu tinha uma certa dificuldade em entender as outras religiões. Então eu pensei "então, se eu posso desenvolver este tema, se eu quero ser mais tolerante, eu tenho que entender" e tem sido muito giro descobrir isto. (...) Estava a pensar quanto se ganhava se todos fossemos educados para conhecer mais as outras religiões e perder um bocadinho estes tabus porque realmente a perspectiva que se tem dos muçulmanos é que são pessoas muito fechadas. (...)

Sabe que Sua Alteza fala muito no choque, não de civilizações, mas no choque de ignorância. Para isso criou o Museu Aga Khan, em Toronto, é o museu que abarca um espólio tremendo de cultura, de artefactos islâmicos (...) e que prevê exactamente, através da educação, dar a conhecer o valor e o legado da civilização muçulmana durante um período vasto. (...)

\\ Rui, muito obrigada!

De nada, muito gosto em receber-vos.



ENTREVISTA AO SHEIK DAVID MUNIR

MESQUITA CENTRAL DE LISBOA

27 DE JUNHO DE 2019

(...)

Esta mesquita foi inaugurada em 1985, é o espaço onde os muçulmanos fazem as suas orações. O terreno foi doado pela Câmara Municipal de Lisboa para a construção da mesquita. Fez-se o pedido aos vários países islâmicos e finalmente em 1985 foi possível inaugurar. Esta mesquita contém quatro pisos, nós estamos no piso três, por onde entramos, temos este pátio. Este espaço é mais cultural até porque temos uma sala de conferências. É normal recebermos visitas de estudo das várias escolas onde explicamos o que é o islão e damos um tempo para as perguntas e respostas. Uma biblioteca, duas salas de aula e a casa mortuária. Quando morre um muçulmano, é normal o corpo vir para a mesquita, lavamos, vestimos a murtalha, fazemos a oração fúnebra e transportamos o corpo para o cemitério. De acordo com a lei temos que esperar as vinte e quatro horas (...) e poderá ficar uma só noite, não mais que isso porque não temos condições.

Em cima estão os escritórios de administração. A cúpula foi feita em Portugal (...) e por isso é que temos esta claridade. (...)

\\ Há alguma regra específica para nos orientarmos para Meca?

Não, é só saber a direção consoante a localização da pessoa. Esta é que é a mesquita. Não pode ter imagens, nem estátuas e está direcionado para Meca. É normal que, no centro do espaço, haja o púlpito que na sexta-feira é para fazer o sermão, e aqui é a oração. Portanto, nesse espaço tem que ver onde é o meio porque a oração é sempre feita do meio para os cantos (...). No que diz respeito à mesquita xiita, provavelmente, é capaz de haver imagens de alguns líderes religiosos, não é obrigatório. E há uma ligeira diferença na oração.

\\ Pois, porque depois há várias subvertentes, não é? Eu entrevistei o Rui Carimo da Fundação Aga Khan em Maputo e de facto havia algumas diferenças, que os homens e as mulheres rezam juntos.

Onde?

\ \ Na comunidade ismaelita

Ismaelita, não xiita.

\ \ Mas ismaelita não é xiita?

Ismaelita é uma ramificação dos xiitas, não são xiitas. Na oração para sunitas e para xiitas não posso estar ombro com ombro com uma mulher. Ela pode estar atrás ou pode estar num outro espaço. A oração ismaelita não é como nós fazemos, a maioria das pessoas estão sentadas nas cadeiras, homens e mulheres, mas os sunitas e xiitas não. A única diferença que poderá haver numa mesquita xiita é que poderá haver uma ou outra imagem (...) e eles colocam um pedaço de terra onde nós prostamos (...), de resto é igual. Portanto, já conhece a sala, esta é a mesquita que nós temos e o espaço das senhoras é lá em cima.

\ \ As senhoras assistem à oração lá de cima, correto? Só ouvem, na verdade.

Sim, acompanham através da audição.

\ \ Por exemplo, lá no bairro (da Mafalala) há duas mesquitas separadas, uma para mulheres, outra para homens. Também já vi uma mesquita que tinha apenas um biombo a separar os espaços.

Na oração, por exemplo quando estou a fazer a oração em congregação, ao meu lado não pode estar uma mulher estranha porque vou juntar ombro com ombro. Então onde é que a mulher fica? A mulher pode ficar num espaço diferente, pode ficar atrás. Pode ser ao lado, no mesmo piso com um biombo ou um cortinado. (...) Para decorar a mesquita, temos os versículos do Alcorão, flores, nada de imagens.

\ \ E o tapete?

Não, pode nem ter tapete. É mais para dar um certo conforto quando uma

pessoa faz a oração, principalmente no inverno.

\\ Diz-se Sheik ou Imã?

O Imã é aquele que lidera as orações, o Sheik é teólogo. Nem todos os Imãs são Sheiks e nem todos os Sheiks são Imãs. No meu caso, sou as duas coisas. Agora, há um espaço que tem que ter em conta: da ablução.

\\ Que não é conjunta...

As mulheres têm lá em cima. Quando a mulher muçulmana entra, sobe, há ali uma escada...

\\ Portanto, já nem partilham o pátio, não se encontram.

Não, não é comum. Aqui é onde os homens fazem a ablução. (...)

\\ E os xiitas também? É tudo igual?

Sim, sim, os xiitas também, o espaço de ablução pode ser o mesmo. Na minha opinião não se justifica ter um espaço só para xiitas.

\\ Porque eles podem sempre partilhar o espaço convosco.

A preocupação de fazer a oração num espaço público ou num espaço que não seja mesmo numa mesquita mas sabemos que há um espaço...por exemplo, nos aeroportos. O aeroporto tem um espaço multirreligioso e o espaço que é mais utilizado é islâmico porque não é normal para um cristão. Os ismaelitas preocupam-se com duas orações, os muçulmanos sunitas preocupam-se com cinco orações. Deve fazer o mais depressa possível, logo na sua primeira hora portanto, estando, por exemplo, na Mafalala, sabendo que há um espaço para fazermos a oração, e acabam por juntar-se e fazer.

\\ Portanto se calhar justificava-se ter uma mesquita muçulmana, no geral, para homens e outra para mulheres em vez de uma sunita e outra xiita e ficavam maiores porque a percentagem de muçulmanos no bairro é enorme. (...)

Nós temos aqui pessoas xiitas que fazem a oração connosco, sem qualquer problema.

\ \ Têm madraças cá?

Temos. Madraça acaba por ser um espaço onde costumamos dar aulas mas como a mesquita de Lisboa, mais concretamente, é um espaço isolado, a adesão é pouca. Nós aproveitamos as férias para termos as aulas todas as manhãs. Durante o ano, fora das férias, temos ao fim de semana.

(...)

\ \ As orações xiitas e sunitas podem coincidir em termos de horário?

Sim, coincidem mesmo. (...)

\ \ As casas de banho normalmente são dentro das zonas de ablução?

Não têm que estar.

\ \ E as capelas mortuárias também têm que ser separadas?

Não, a sala é a mesma.

\ \ Quem conduz a oração das mulheres é imã na mesma? Se eu separar totalmente as mesquitas, é sempre um homem que faz, correto? Que precisaria também de um escritório.

Sim, sim, é um homem. (...) É normal ter um escritório para as pessoas o consultarem, conversarem com ele, para se vestir...

\ \ Pronto, o meu objetivo era perceber, em termos de arquitetura, aquilo que é essencial.

Em termos de arquitetura é normal termos minaretes e cúpulas, mesmo que seja simbólicos. (...) Os minaretes de Maputo são mais arredondados. Depois temos o nicho a meio da mesquita, também, que indica a direção de Meca.

(...)

(Na sala de culto das mulheres) Para as mulheres não faz diferença não ver a oração?

\\ Não, não. Aliás, entre as muçulmanas, não é muito comum mas pode acontecer, pode haver uma que lidere a oração, ela não é obrigada a seguir um homem. Ela pode fazer a sua oração sozinha e ir embora. Por exemplo, se estiver aqui um grupo de quatro ou cinco senhoras, uma delas é teóloga e avança um bocadinho e lidera a oração.

Com a outra oração lá em baixo a acontecer na mesma?

\\ Sim, pode estar a acontecer outra oração.

Isto tem a ver com a cultura, cá há esta abertura. Há mesquitas só para mulheres em que é uma mulher que lidera a oração e os homens não podem entrar.

(...)

\\ Uma curiosidade: diz-se "os islâmicos" ou "os muçulmanos"?

Eu costumo dizer "os muçulmanos".

\\ Uma mesquita é muçulmana ou é islâmica?

A mesquita é o local de culto onde os muçulmanos fazem as suas orações.

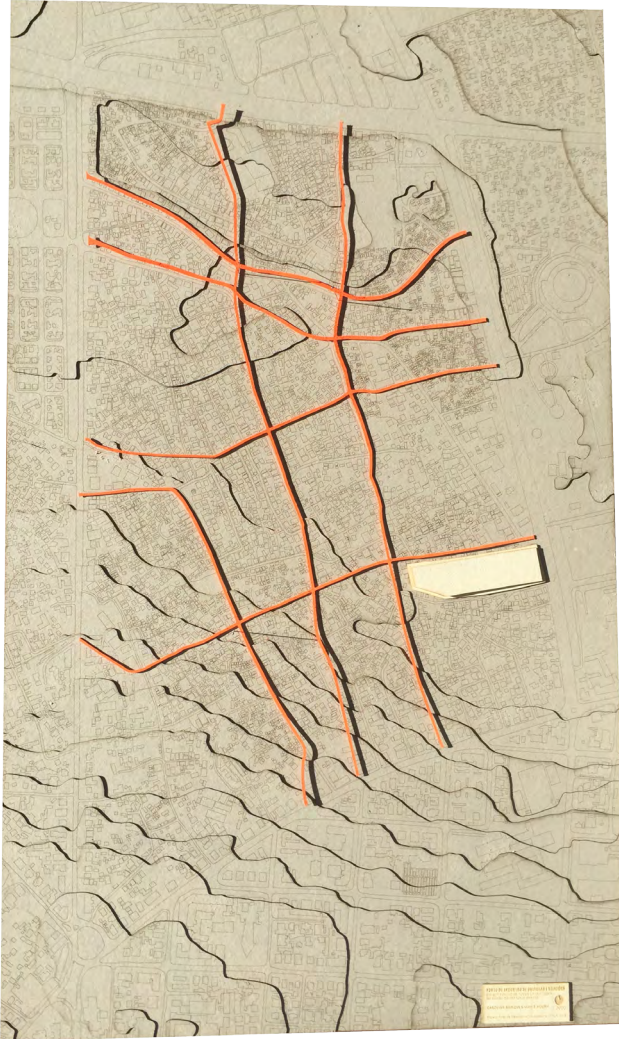
\\ Portanto, muçulmana é a pessoa.

Podes até dizer "os islâmicos" porque a palavra Islam nem sequer é da origem portuguesa e foi adaptada.

\\

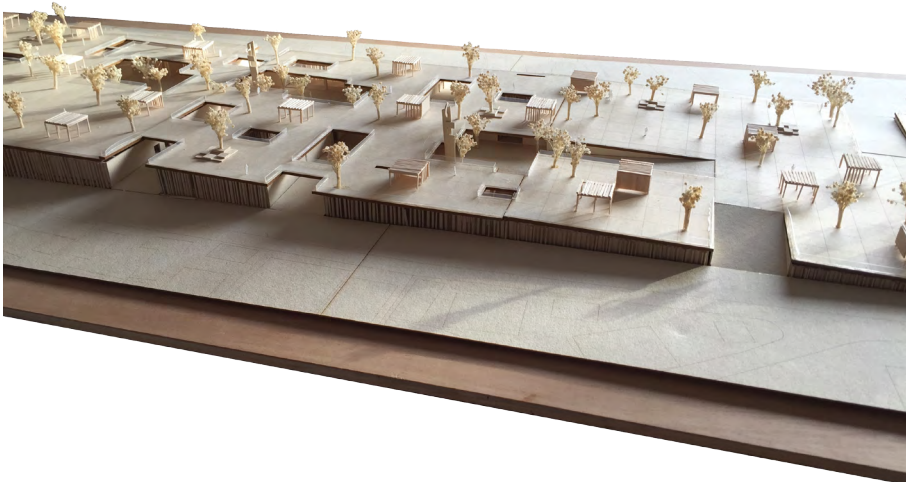
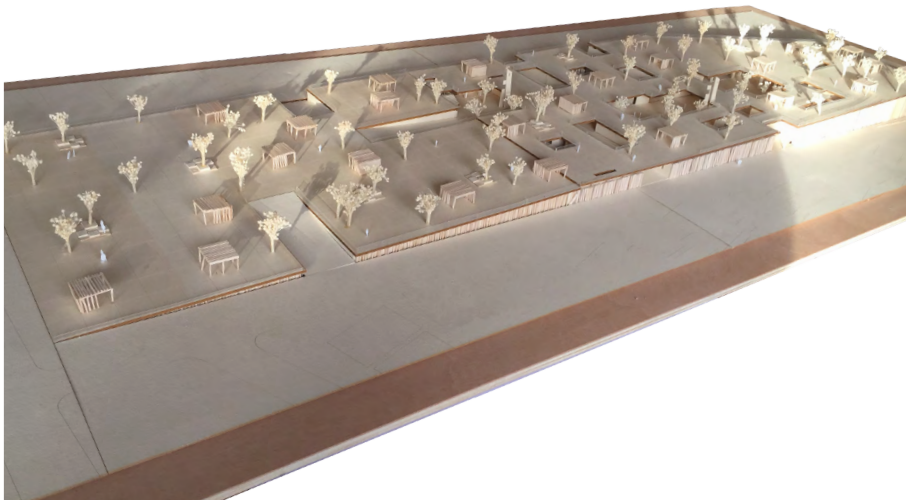
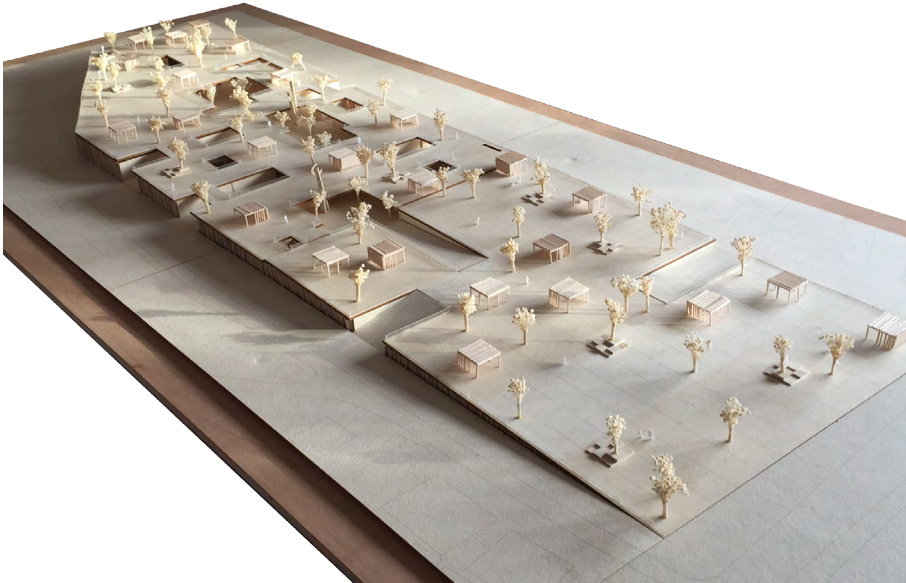
MAQUETE DA INTERVENÇÃO URBANA

ESCALA 1:3000

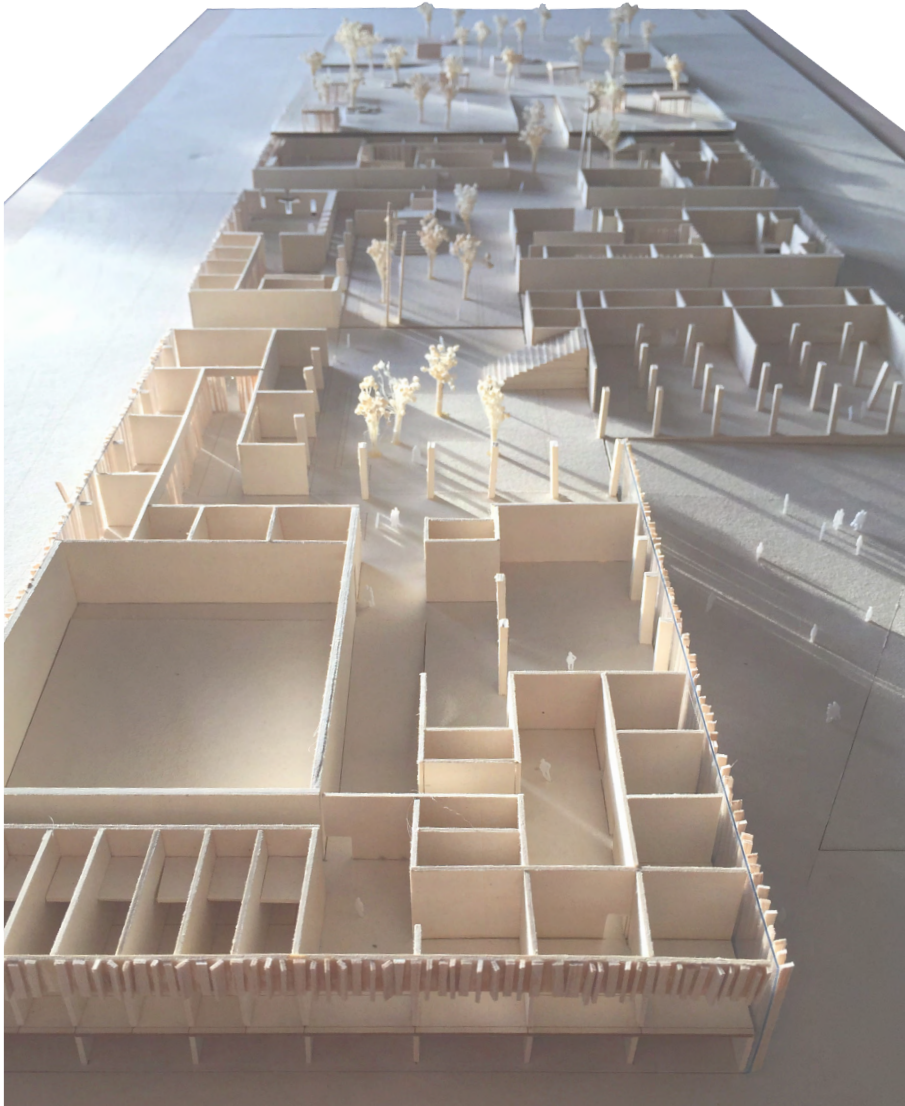


ESPAÇO PÚBLICO DE TODOS E PARA TODOS,
NO BAIRRO DA MAFALALA, MAPUTO

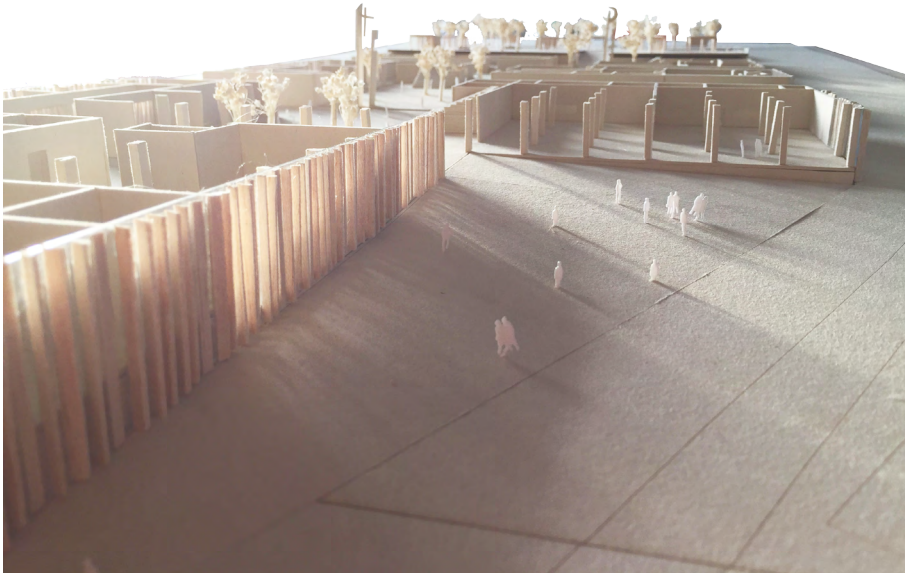
MAQUETE DO EQUIPAMENTO ESCALA 1:200



ESPAÇO PÚBLICO DE TODOS E PARA TODOS,
NO BAIRRO DA MAFALALA, MAPUTO



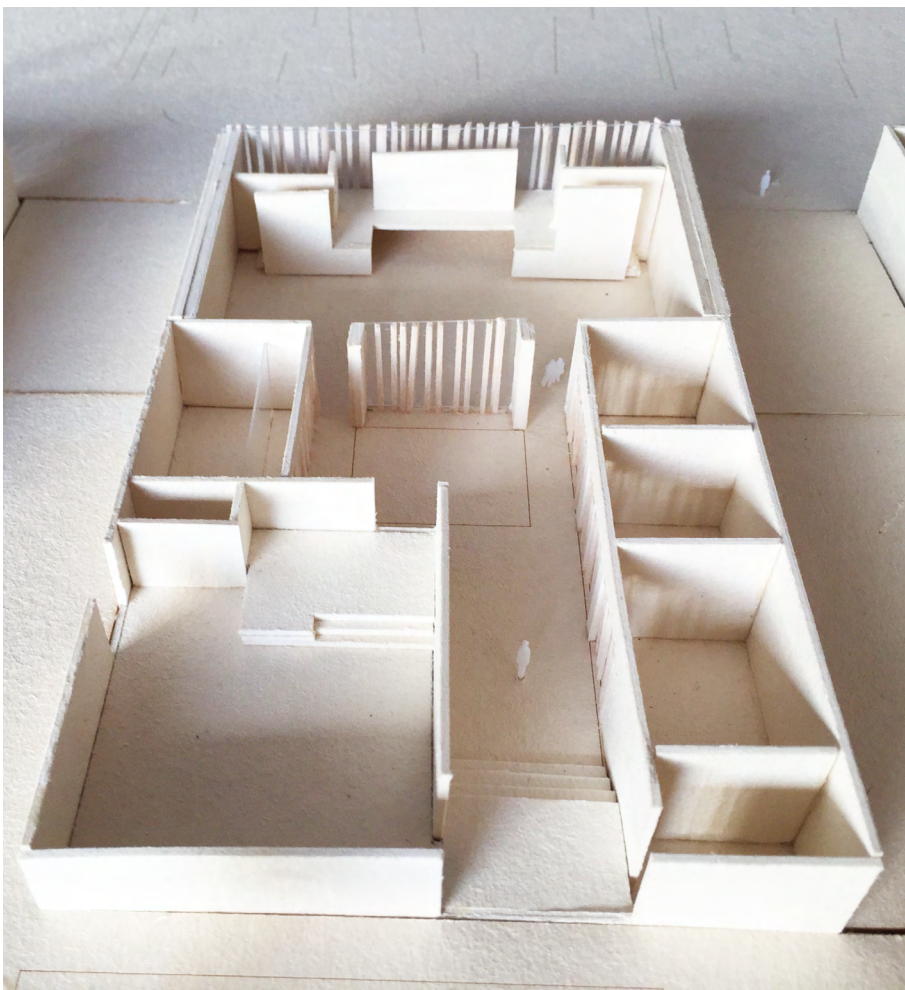
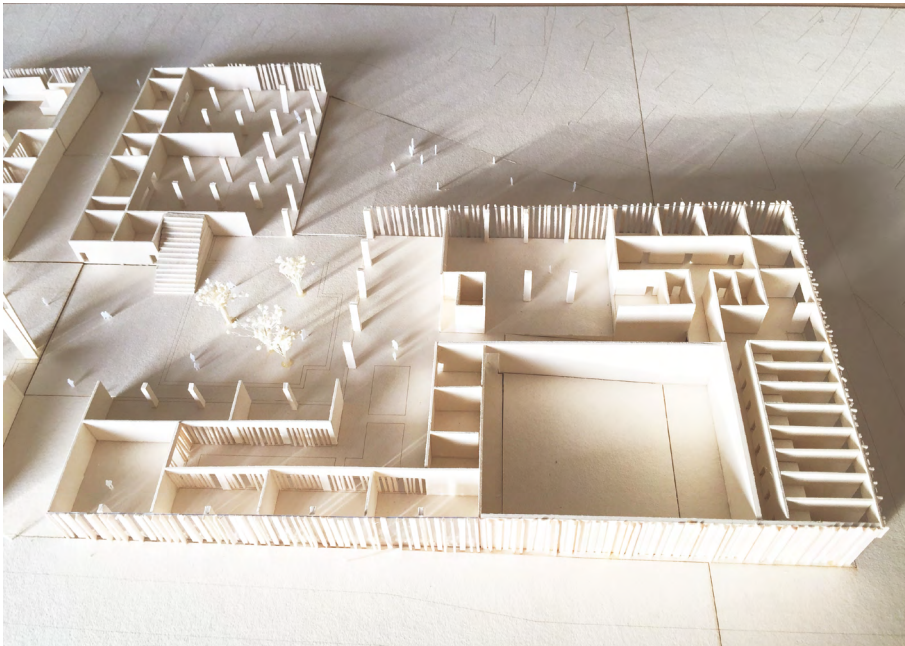
ESPAÇO PÚBLICO DE TODOS E PARA TODOS,
NO BAIRRO DA MAFALALA, MAPUTO



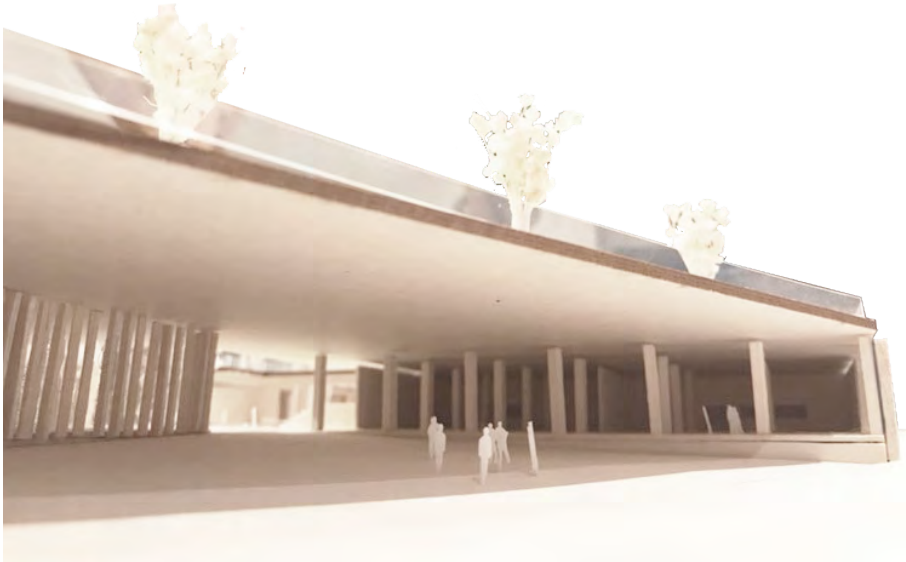












PONTO DE ENCONTRO DE CULTURAS E RELIGIÕES

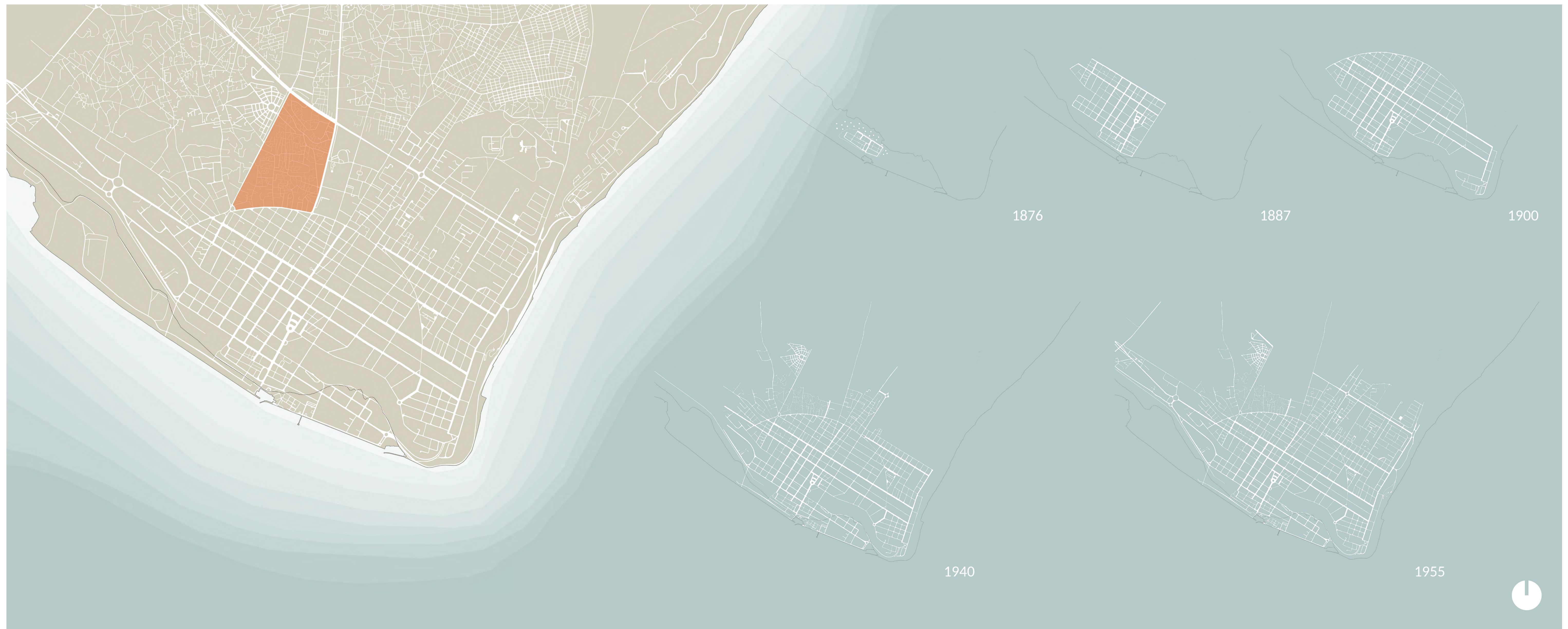
ESPAÇO PÚBLICO DE TODOS E PARA TODOS NO BAIRRO DA MAFALALA, MAPUTO

CAROLINA MARQUES MAIA E MOURA | 20121298

Projeto Final de Mestrado em Arquitetura

Orientação Científica: Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 12 de dezembro de 2019



BAIRRO DA MAFALALA

≈ 1,43 km²
DE ÁREA

≈ 25.000
HABITANTES

- RIQUEZA HISTÓRICA
- MALHA URBANA IRREGULAR
- CONSTRUÇÃO PRECÁRIA
- FALTA DE INFRAESTRUTURAS
- FALTA DE ESPAÇOS PÚBLICOS QUALIFICADOS

- POUCA OU NENHUMA ESCOLARIDADE
- POSTOS DE TRABALHO NA CIDADE
- SALÁRIOS BAIXOS
- DIVERSIDADE ÉTNICA, CULTURAL E RELIGIOSA

REABILITAR O BAIRRO

+

PONTO DE ENCONTRO DE CULTURAS E RELIGIÕES
ESPAÇO PÚBLICO DE TODOS E PARA TODOS

FORMAL

VS

INFORMAL



ORTOFOTOMAPA



EDIFICADO EXISTENTE



VIAS PRINCIPAIS E ENTRADAS



IDENTIF. DAS VIAS PRINCIPAIS



EDIFICADO DE EXCEÇÃO

- Ⓜ CULTURA
- Ⓜ COMÉRCIO
- Ⓜ ESCOLA
- Ⓜ P. GASOLINA
- Ⓜ MESQUITA
- Ⓜ IGREJA

HIERARQUIZAÇÃO VIÁRIA

COMUNICAÇÃO COM A MALHA ENVOLVENTE

PAVIMENTAÇÃO DAS VIAS E PASSEIOS

QUALIFICAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS

\\ PRAÇAS

\\ JARDINS

\\ ZONAS PARA COMÉRCIO

IMPLEMENTAÇÃO DE ÁREAS

DE ESTACIONAMENTO



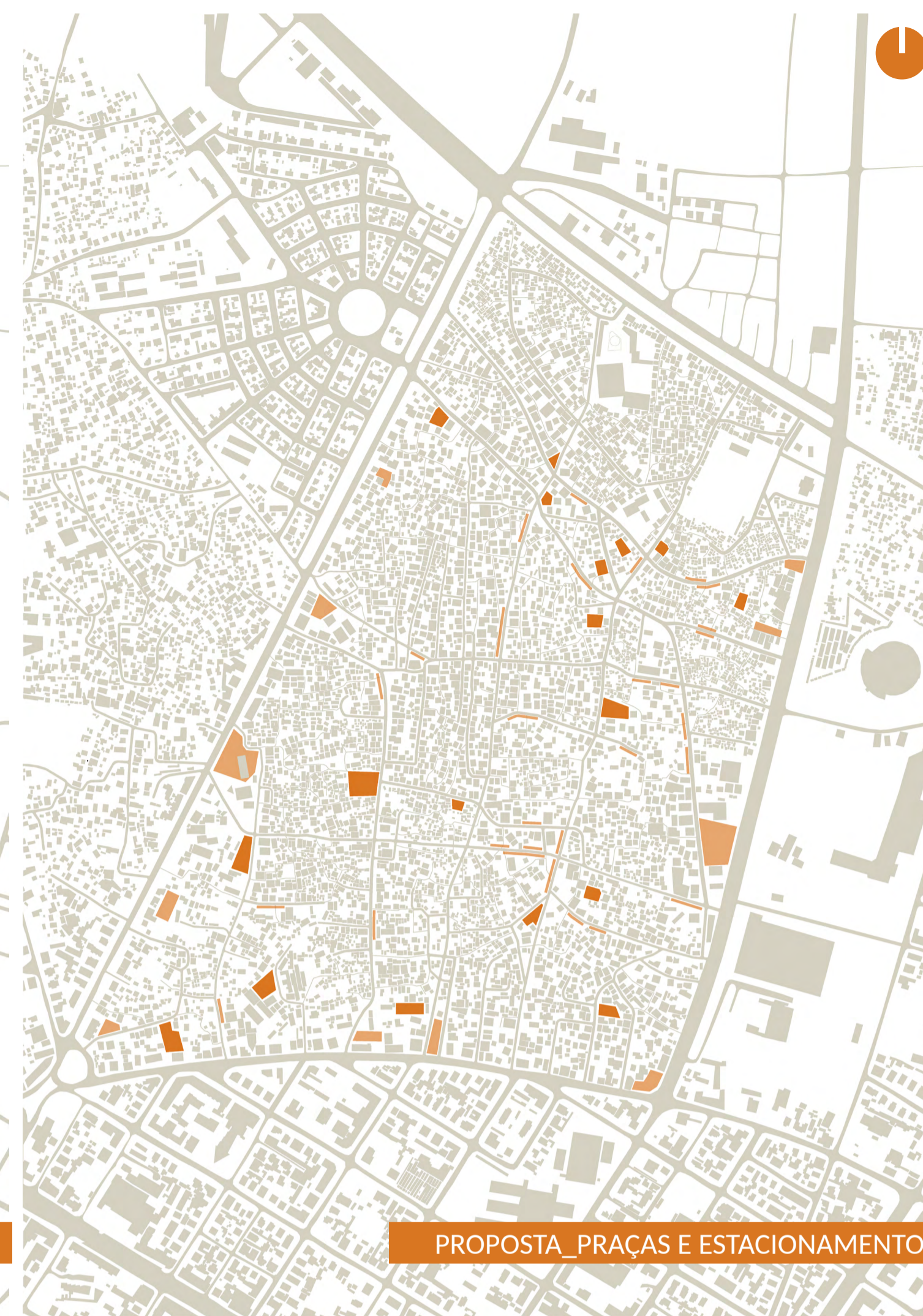
• MELHOR TRÁFEGO AUTOMÓVEL

• MAIOR SEGURANÇA PARA OS PEÕES

• MAIS ESPAÇOS DE LAZER



PROPOSTA_VIAS PRINCIPAIS E ENTRADAS



PROPOSTA_PRAÇAS E ESTACIONAMENTO

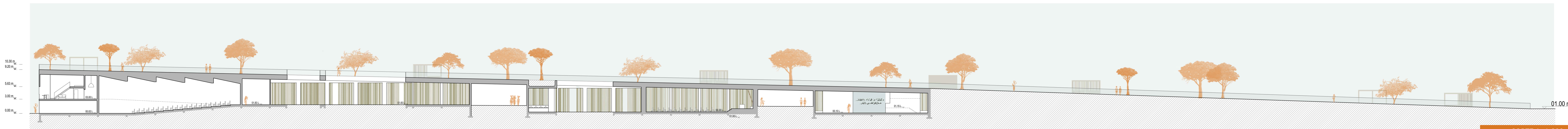


PROPOSTA_ÁREA DE INTERVENÇÃO





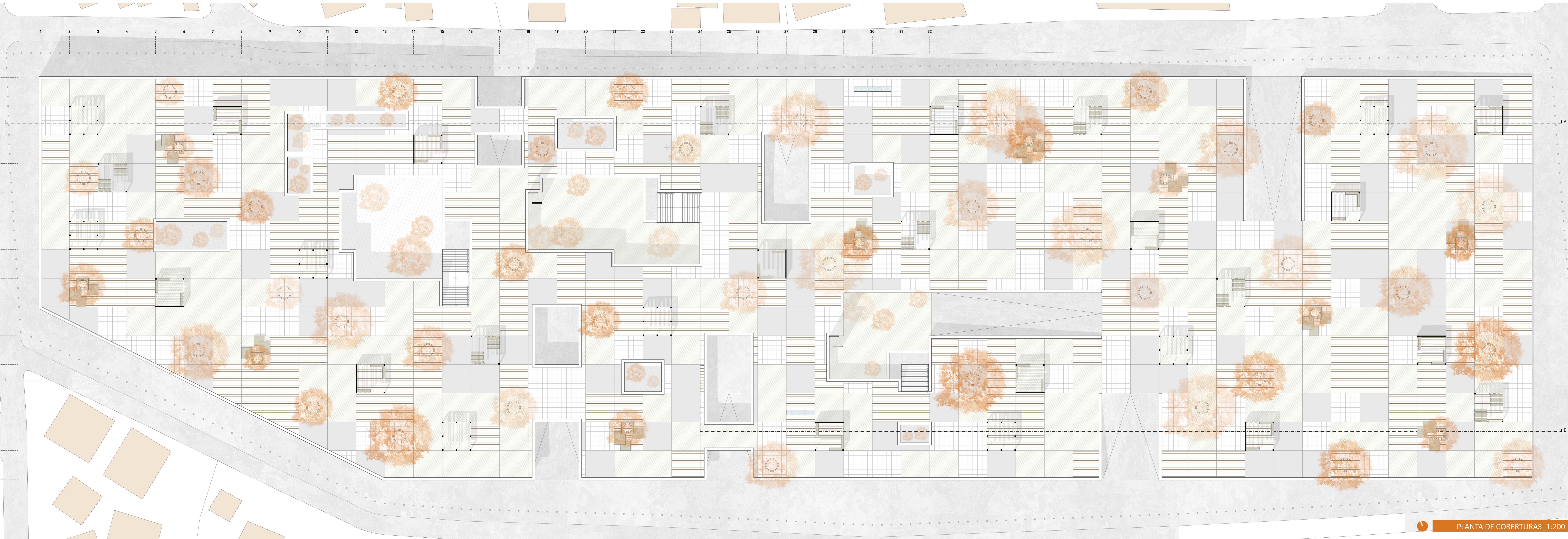
ALÇADO SUL_1:200



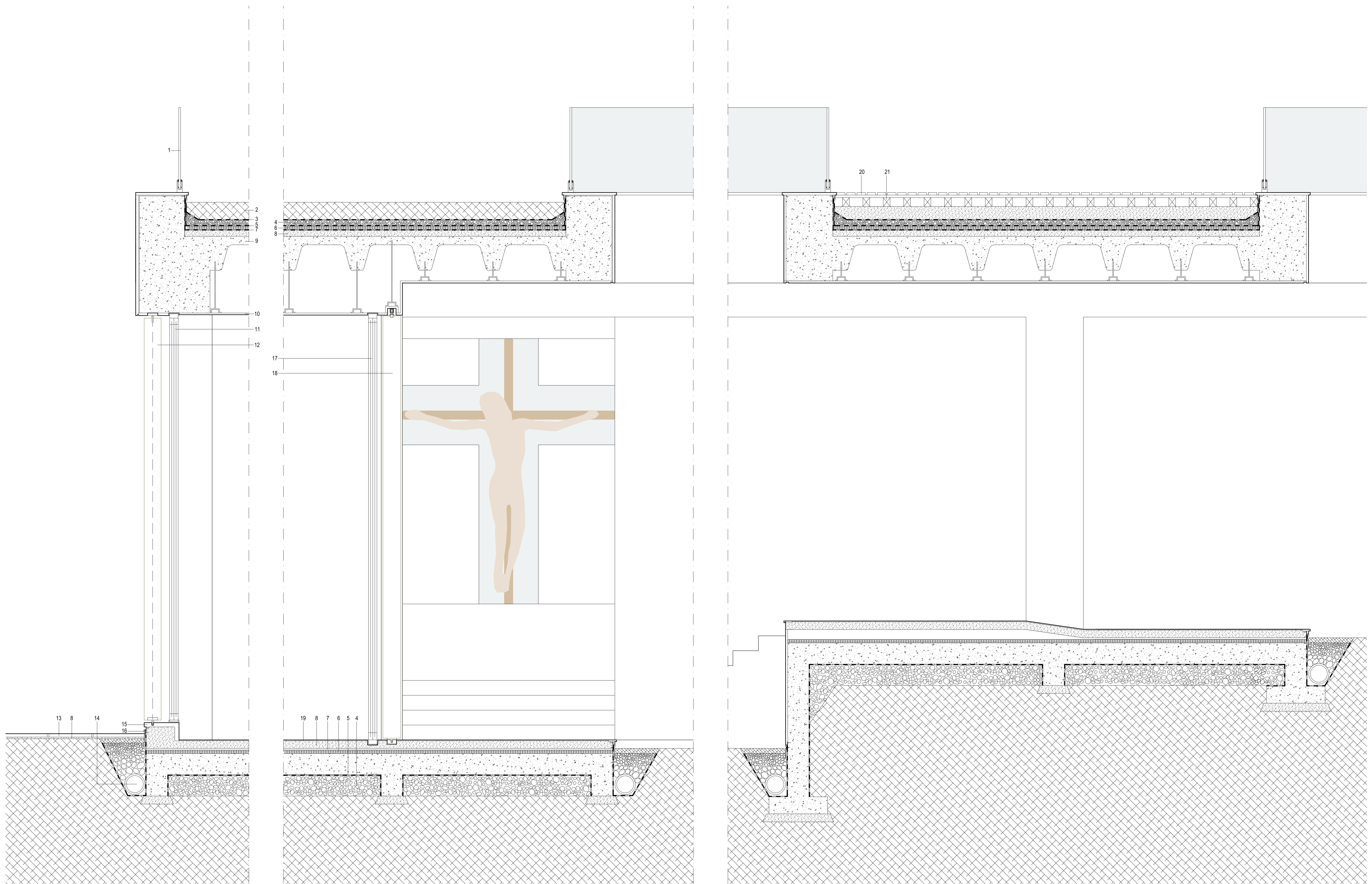
CORTE A_1:200



CORTE B_1:200







1_Guarda de vidro; 2_Terra vegetal; 3_Camada filtrante; 4_Enrocamento com brita; 5_Manta geotêxtil; 6_Isolamento térmico; 7_Membrana de impermeabilização; 8_Betonilha de enchimento; 9_Laje de betão; 10_Teto falso; 11_Janela de correr em vidro; 12_Tábua fixa de madeira tosca; 13_Lajetas de betão; 14_Geodreno; 15_Pedra; 16_Perfil metálico; 17_Portas de correr em vidro; 18_Portada pivotante e de correr em madeira; 19_Pavimento Epoxy; 20_Deck de madeira; 21_Barrotes de madeira

CORTE CONSTRUTIVO_1:20